

Assassinato no Expresso do Oriente

Agatha Christie



UM PASSAGEIRO IMPORTANTE NO EXPRESSO DO TAURO

Eram cinco horas de uma manhã de Inverno, na Síria. Ao longo da plataforma da estação de Aleppo estacionava o comboio, designado nas guias ferroviárias pelo nome de expresso do Tauro. Constava de duas carruagens, da cozinha, do vagão-restaurante e do vagão-cama.

Junto do estribo deste, um jovem tenente francês, elegantemente fardado, conversava com um homenzinho encapotado até às orelhas, o que lhe deixava ver só o nariz vermelho e as pontas do bigode frisado.

Fazia um frio glacial e a obrigação de conversar com um estrangeiro distinto não era de certo invejável; contudo, o tenente Dubosc cumpria-a galhardamente.

Saíam-lhe dos lábios frases amáveis, no mais puro francês. Não porque ele soubesse o que houvera. Corriam boatos, como sempre sucede em tais casos. O general - o seu general - dia a dia se tornara mais colérico. Aparecera então esse belga - vindo diretamente da Inglaterra, ao que parecia. Decorrera uma semana de estranha tensão. Depois,

tinham sucedido coisas singulares. Suicidara-se um distinto oficial, outro demitira-se, certas fisionomias ansiosas tinham serenado, certas precauções militares haviam sido abandonadas. E o general - general do tenente Dubos - dir-se-ia ter rejuvenescido dez anos.

O jovem oficial surpreendera mesmo uma conversa entre o general e o belga:

- Salvou-nos, mon cher - dissera o general como vido, com o bigode branco a tremer. - Salvou a honra do exército francês e impediu que se derramasse muito sangue. Como posso demonstrar-lhe a minha gratidão por ter acedido ao meu desejo? Veio de tão longe!...

O estrangeiro, o Sr. Hercule Poirot, respondera amavelmente, dizendo, entre outras coisas, a frase seguinte:

- Ora! Então não me hei-de lembrar de que uma vez já me salvou a vida?

O general protestara cortesmente, negando ter qualquer mérito nesse serviço prestado outrora e mencionara de novo a França, a Bélgica, a glória, a honra e coisas análogas. Depois abraçando-se cordialmente, os dois homens tinham-se separado.

Quanto ao que houvera, nada sabia o tenente Dubosc encarregado de acompanhar o senhor

Poirot ao expresso do Tauro, tarefa que desempenhava com o zelo próprio de um oficial jovem com uma auspiciosa carreira diante de si.

- Hoje é domingo - disse Dubosc. - Amanhã, à tarde, o senhor estará em Istambul.

Não era a primeira vez que fazia essa observação.

As conversações numa plataforma, à espera da partida do comboio, são em geral pouco variadas.

- Pretende demorar-se ali alguns dias, não?

- Mais oui, nunca visitei Istambul; seria absurdo passar por ali comme ça - replicou Poirot, abanando significativamente os dedos. - Não tenho pressa... posso ficar alguns dias como turista.

- Santa Sofia é maravilhosa - disse Dubosc, que nunca vira o famoso templo.

Um vento frio uivou na plataforma. Os dois homens tiritavam.

O tenente Dubosc deitou um rápido olhar ao relógio. Faltavam cinco minutos para as cinco... mais cinco minutos ainda.

Receando que o seu companheiro lhe tivesse surpreendido o gesto, Dubosc apressou-se a continuar a conversação.

- Pouca gente viaja nesta época - disse ele, examinando as janelas dos vagões-cama.

- Assim é - repetiu Poirot.

- Esperemos que não esteja a nevar no Tauro.

- Costuma acontecer isso?

- Sim. Porém, este ano, ainda não nevou.

- Esperemos então que se realizem os seus votos - disse o belga. - O boletim meteorológico da Europa prevê mau tempo.

- De facto, muito mau. Nos Balcãs, caiu neve em abundância.

- Na Alemanha também, pelo que ouvi dizer.

- Eh bien! - disse Dubosc precipitadamente, para conjurar o perigo doutra pausa. - Amanhã à tarde, às sete e quarenta, estará em Constantinopla.

- Sim - replicou Poirot; e, com um esforço desesperado, prosseguiu:

- Ouvi dizer que Santa Sofa é admirável.

- Magnífica, segundo creio.

Acima deles correu-se a cortina de um dos compartimentos e uma rapariga assomou à janela.

Maria Debenham pouco dormira, desde que deixara Bagdade, na quinta-feira precedente, pois não conseguira adormecer nem em viagem para Kirkuk, nem no hotel de Mosul e muito menos nessa noite que passara no comboio. Cansada de

estar acordada no calor do camarote, levantara-se e olhara para fora.

Devia ser Alepo. Nada de interessante para ver.

Unicamente a plataforma, comprida e mal iluminada, onde ressoavam as furiosas altercações dos árabes.

Abaixo da janela, dois homens falavam francês. Um deles era um oficial; o outro um homenzinho de longo bigode crespo. A rapariga sorriu levemente. Nunca vira um homem tão encapotado. Evidentemente devia estar muito frio. Eis porque aqueciam o comboio dessa maneira.

Debalde a jovem passageira tentou baixar mais o vidro da janela. O chefe da estação chegou-se para os dois homens.

O comboio ia partir; era melhor que S. Senhoria entrasse no seu compartimento. O Sr. Poirot descobriu-se, pondo à mostra uma cabeça do feitio de um ovo.

Apesar das suas preocupações, Maria Debenham sorriu. Que homenzinho ridículo! Quem o tomara a sério?

O tenente Dubosc despedia-se do belga. Preparara com antecedência as frases de despedida

e guardara-as para o último instante. E o seu breve discurso foi de facto bem torneado e cortês.

O Sr. Poirot respondeu-lhe, de acordo com a circunstância.

- Embarquem, senhores! - disse o chefe da estação.

Poirot seguiu a recomendação com grande relutância. O revisor subiu atrás dele. Poirot agitou a mão, o tenente Dubosc perfilou-se e o comboio, com um horrível solavanco, moveu-se lentamente.

- Graças a Deus! - murmurou o Sr. Hercule Poirot.

- Brrr! - disse Dubosc, sentindo plenamente o frio que fazia.

- Veja, senhor - disse o empregado, mostrando a Poirot, com gesto dramático, a beleza do compartimento e o perfeito arranjo das bagagens. - Coloquei aqui a maleta de Vossa Excelência.

O gesto dessa mão estendida era eloquente. Poirot pousou-lhe na palma a gorjeta.

- Obrigado, senhor - disse o empregado, assumindo um ar mais alegre e obsequioso. - Tenho aqui a passagem. Queira dar-me também o passaporte. Vossa Excelência ficará em Istambul?

Poirot anuiu.

- Não há muitos passageiros, pois não? - perguntou ele.

- Não, senhor. Só mais dois viajantes... ambos ingleses. Um coronel vindo da Índia e uma jovem senhora inglesa de Bagdade. Deseja mais alguma coisa?

Poirot pediu uma garrafa de Perrier.

Cinco horas da manhã é, sem dúvida, um horário desagradável para tomar o comboio. Ainda faltavam duas horas para clarear o dia. Com a certeza de uma noite mal dormida e de uma missão cumprida com pleno êxito, Poirot encolheu-se num canto e adormeceu. Quando acordou, passava das nove e meia. Encaminhou-se então para o vagão-restaurante à procura de café quente.

Nesse momento, havia ali só uma comensal, evidentemente a jovem inglesa mencionada pelo empregado. Era uma rapariga alta, esbelta e morena... devia contar uns vinte e oito anos. Tomando o seu café e dando ordens ao criado para que a servisse pela segunda vez, tinha certo ar presumido, o que denunciava prática do mundo e de viagens. Trajava um vestido escuro, simples e relativamente leve, como o exigia a atmosfera aquecida do comboio.

À falta de melhor ocupação, Hercule Poirot pôs-se a observá-la discretamente. A seu ver, era o tipo da jovem que sabe guardar-se perfeitamente em qualquer ocasião. Parecia calma e equilibrada. O belga admirava-lhe a severa regularidade das feições e a delicada palidez da cútis, a cabeleira negra, lustrosa e ondeada, os olhos frios, pardos e impenetráveis. Era, porém, demasiado presunçosa - concluiu consigo mesmo - para ser o que ele chamava uma *jolie femmel*.

De súbito, outra pessoa entrou no vagão-restaurant. Era um homem robusto, de quarenta a cinquenta anos, magro, moreno e levemente grisalho nas fontes.

O coronel da Índia, pensou Poirot.

O recém-chegado cumprimentou a rapariga:

- Bom dia, Mademoiselle Debenham.

- Bom dia, coronel Arbuthnot.

O oficial pousou a mão no espaldar da cadeira fronteira à da rapariga.

- Não lhe desagrada? - perguntou.

- Não, decerto. Sente-se.

- Bem; sabe que a primeira refeição nem sempre é hora para conversações...

- Espero que não. Porém, não importa.

O coronel sentou-se.

- Rapaz! - chamou imperiosamente, e pediu ovos e café.

Encarou um instante Hercule Poirot; depois, desviou o olhar com indiferença. Interpretando perfeita mente o pensamento do inglês, o belga compreendeu o que ele pensara:

Mais um diabo estrangeiro!

Fiéis à própria nacionalidade, os dois ingleses não eram muito loquazes. Trocaram breves palavras e, de súbito, a rapariga levantou-se e voltou ao seu compartimento.

À hora do almoço tornaram a partilhar a mesma mesa e a ignorar o terceiro viajante. Conversaram com mais animação. O coronel Arbuthnot falou do Punjabe e fez à rapariga algumas perguntas casuais acerca de Bagdade, apurando, assim, que ela ocupara ali um posto de perceptora. No decurso da conversação, descobriram diversos amigos comuns, o que os tornou mais expansivos e animados. Falaram então de Fulano e de Sicrano e o coronel perguntou à jovem se ia diretamente a Inglaterra ou se se deteria em Istambul.

- Não; continuarei a viagem.

- Não é pena?

- Na ida, segui este percurso e passei três dias em Istambul.

- Ah! Muito bem! Alegro-me então de que volte diretamente a Inglaterra, pois eu também sigo o mesmo itinerário.

Dizendo isto, o coronel fez um cumprimento desajeitado, corando visivelmente.

É susceptível o nosso coronel, pensou Hercule Poirot, divertido. O comboio é tão perigoso como uma viagem por mar.

A jovem Debenham replicou que esse facto lhe seria muito agradável, mas os seus modos eram um tanto reservados.

Poirot observou que o coronel a acompanhava ao compartimento. Mais tarde, enquanto atravessavam o magnífico cenário do Tauro, olhando os montes da Cilícia, a rapariga suspirou. Poirot, colocado a pouca distância, ouviu-a dizer:

- É tão lindo isto... Eu quisera... quisera...

- Quê?

- Quisera poder aproveitá-lo...

Arbuthnot não replicou. A linha quadrada do seu queixo tornou-se, porém, mais severa e carregada.

- Quem me dera vê-la bem longe de tudo isto!
- disse ele.

- Cale-se por favor, cale-se!

- Está bem - concordou o coronel.

Depois, lançando um olhar de aborrecimento a Poirot, prosseguiu:

- Não me agrada a sua vida de professora... às ordens de mães tiranas e de crianças insuportáveis.

A rapariga riu-se, perdendo um tanto da reserva habitual.

- Oh!, não pense nisso! A professora vítima é um mito muito explorado. Posso afirmar-lhe que os pais, muitas vezes, têm medo de mim!

Seguiu-se um silêncio. Arbuthnot envergonhava-se, talvez, da sua vivacidade.

Uma comédia original disse consigo Poirot, com ar pensativo. Mais tarde, lembrar-se-ia dessa reflexão.

O comboio chegou a Konia essa noite, depois das onze e meia. Os dois ingleses desembarcaram, para exercitar os músculos, na plataforma, branca de neve.

Poirot distraía-se observando o movimento da estação através da portinhola fechada. Ao fim de dez minutos, convenceu-se de que não seria mau tomar um pouco de ar. Tomou a precaução de se enrolar em diversos sobretudos e de enfiar as

galochas; assim protegido, pôs-se a percorrer a plataforma, afastando-se do comboio.

Foram as vozes conhecidas que lhe permitiram identificar os dois vultos indistintos, encolhidos à sombra de um vagão. Arbutnot falava:

- Maria...

A rapariga interrompeu-o.

- Não, agora não. Só quando tudo tiver passado. Quando deixarmos isto para trás... então...

Poirot afastou-se discretamente. Estava espantado.

Mal reconhecera a voz fria e calma da menina Debenham. Curioso disse ele consigo.

No dia seguinte, o seu assombro aumentou, ao ver que os dois ingleses pareciam ter brigado. Trocavam poucas palavras. A rapariga dir-se-ia ansiosa e tinha os olhos cercados por olheiras profundas. Pelas duas horas da tarde, o comboio parou. Os passageiros debruçaram-se às portinholas. Um grupo de homens, postados junto aos trilhos, indicavam alguma coisa debaixo do vagão-restaurante.

Poirot saiu e interrogou o chefe de trem, que passava correndo. O homem respondeu; Poirot

voltou a cabeça, quase chocando com Maria Debenham, que estava logo atrás dele.

- Que houve? - perguntou ela em francês, arquejando. - Porque parámos?

- Não é nada. Incendiou-se qualquer coisa sob o vagão-restaurante. Nada de grave. O fogo foi extinto.

Estão reparando os danos; não há perigo, pode estar certa.

A rapariga fez um gesto displicente, como para mostrar a sua indiferença pelo perigo.

- Sim, sim, compreendo. Mas o tempo?

- O tempo?

- Sim; isto atrasar-nos-á.

- É possível... sim - concordou Poirot.

- E não podemos esperar. Este comboio chega exatamente às seis e cinquenta e cinco, e é preciso atravessar o Bósforo, para apanhar o expresso do Oriente-Simplon, na outra margem, às nove horas. Se houver uma ou duas horas de atraso, perderemos o expresso do Oriente.

- É possível! - admitiu o belga.

Ele examinava-a com curiosidade. A mão da rapariga, apoiada na portinhola, tremia e o mesmo tremor agitava-lhe os lábios.

- Isso prejudica-a muito? - perguntou Poirot.

- Sim. Sim. Preciso de apanhar esse comboio.

E ela afastou-se, indo reunir-se ao coronel Arbuthnot.

Essa ânsia era desnecessária. Dez minutos depois, o comboio partia, chegando a Haydapassar apenas com cinco minutos de atraso.

O Bósforo estava agitado e a travessia não foi agradável a Poirot. Separado dos companheiros de viagem, no barco, não os tornou a ver, e, desembarcando na ponte de Galata, dirigiu-se diretamente para o Hotel Tokatlian.

II

O HOTEL TOKATLIAN

Ali chegado, Poirot pediu um aposento com quarto e casa de banho. Depois, interrogou o porteiro sobre a correspondência. Havia para ele três cartas e um telegrama. A vista deste último, Poirot franziu as sobrancelhas. Não o esperava.

Abriu-o com a calma habitual e leu claramente:

O desfecho que previu para o caso Kassner ocorreu de improviso. Volte imediatamente!

- Ora que maçada! - murmurou Poirot, contrariado. Depois deitou um olhar ao relógio.

- Preciso seguir esta noite - disse ele ao empregado. - Quando parte o Oriente-Simplon?

- Às nove horas.

- Pode arranjar-me uma passagem?

- Certamente. Não é difícil nesta estação. Os comboios estão quase vazios. Primeira ou segunda classe?

- Primeira.

- Muito bem. Aonde vai?

- A Londres.

- Perfeitamente. Dar-lhe-ei uma passagem para Londres e reservar-lhe-ei um lugar no vagão-cama do comboio Istambul-Calais.

Poirot tornou a consultar o relógio. Faltavam dez minutos para as oito.

- Terei tempo para jantar?

- Naturalmente.

O belga fez um aceno afirmativo. Anulou o pedido de aposento e atravessou o vestíbulo, em direcção ao restaurante. Enquanto dava ordens ao criado, alguém pousou-lhe a mão no ombro.

- Ah! Meu velho, que surpresa inesperada! - exclamou uma voz, atrás dele.

Era um homem baixo, robusto, de certa idade, cabelos cortados à escovinha e que sorria alegremente.

Poirot estremeceu.

- Senhor Bouc!

- Senhor Poirot!

Bouc era um belga, diretor da companhia internacional dos vagões-cama, e o seu conhecimento com a primeira figura da polícia belga datava de muitos anos.

- Encontro-o, então, longe de casa, meu caro - disse Bouc.

- Um negociozinho na Síria.

- Ah! E volta para casa... quando?

- Esta noite.

- Esplêndido! Eu também. Isto é, vou a Lausanne em negócio. Tomará o Oriente-Simplon, não é assim?

- Sim. Acabei de pedir uma passagem. Contava ficar aqui alguns dias, mas recebi um telegrama, chamando-me a Inglaterra, para um caso importante...

- Ah! - disse Bouc. - Os negócios... os negócios! Mas o senhor está satisfeito, hoje, meu velho!

- Tive alguns bons êxitos - replicou Poirot, com falsa modéstia. Bouc riu-se.

- Encontrar-nos-emos mais tarde - disse ele.

Poirot absorveu-se na tarefa de não molhar o bigode na sopa. Terminado o prato, deitou um olhar em torno de si, enquanto esperava o outro. Havia no restaurante talvez meia dúzia de hóspedes e desses só dois interessaram Poirot.

Esses dois estavam sentados a uma mesa pouco distante. O mais novo era um belo rapaz de cerca de trinta anos, evidentemente americano. Não foi ele, porém, e sim o companheiro, quem atraiu a atenção de Poirot.

Era um homem de sessenta a setenta anos, com uma aparência meiga de filantropo. A cabeça calva, a testa convexa, os lábios sorridentes, que deixavam ver a dentadura postiça, tudo denunciava uma criatura bondosa. Só os olhos, pequenos, profundos e astuciosos, destoavam dessa expressão. E não só eles. Conversando com o seu jovem companheiro, o homem relanceou o olhar pela sala; dando com Poirot, uma súbita malevolência escureceu-lhe o olhar. Levantou-se então, e, dirigindo-se ao companheiro, disse:

- Pague a conta, Heitor.

A voz macia era, porém, um tanto rouca.

Quando Poirot se reuniu ao amigo no alpendre, os dois homens deixavam o hotel. Transportavam-lhes a bagagem. O mais novo vigiava o serviço. Depois, abrindo a porta envidraçada, anunciou:

- Está tudo pronto, senhor Ratchett.

O velho anuiu e afastou-se.

- Então? - disse Poirot. - Que lhe parecem esses dois?

- São americanos - replicou Bouc.

- Certamente. Pergunto, o que pensa deles?

- O mais novo é muito simpático.

- E o outro?

- Para ser franco, meu amigo, confesso que não me ocupei dele. Causou-me uma desagradável impressão. E ao senhor?

Depois de um instante de reflexão, Poirot replicou:

- Quando o vi no restaurante, tive uma sensação estranha. Pareceu-me um animal feroz, mas decididamente selvagem. Compreende?

- Entretanto, dá a impressão de pessoa respeitável.

- Exatamente. O corpo... a gaiola é sempre respeitável; mas através das grades, o animal bravio espreita...

- Está fantasiando, meu velho - observou Bouc.

- Talvez. Porém, é como se o diabo tivesse passado bem perto de mim.

- Refere-se ao respeitável cavalheiro americano?

- Ele mesmo.

Nesse momento, a porta abriu-se e o porteiro entrou, aparentemente preocupado.

- E extraordinário, senhor - disse ele a Poirot. - Não há no comboio nenhum compartimento de primeira classe desocupado.

- Como? - exclamou Bouc. - Nesta época?

Viaja acaso alguma comitiva de jornalistas... ou de políticos?

- Não sei, senhor - tornou o porteiro, dirigindo-se-lhe respeitosamente. - A verdade é esta.

- Bem, bem - disse Bouc, voltando-se para Poirot. - Não se preocupe, meu amigo. Havemos de arranjar alguma coisa. Há sempre um compartimento desocupado, o número dezesseis. O condutor cuidará disto!

Depois, sorrindo, olhou para o relógio e acrescentou:

- Vamos. Está na hora!

Na estação, Bouc foi respeitosamente cumprimentado por um empregado de uniforme escuro.

- Boa-noite, senhor. O seu compartimento é o número um.

A uma ordem sua, os carregadores depositaram as pesadas bagagens no comboio, onde se lia, em grandes letreiros:

ISTAMBUL-TRIESTE-CALAIS

- Ouvi dizer que o comboio está cheio, é verdade?

- Parece incrível, senhor. Parece que toda a gente escolheu esta noite para viajar.

- Contudo, é preciso encontrar acomodação para este cavalheiro. É um amigo meu. Pode dar-lhe o número dezesseis.

- Está tomado, senhor.

- Que diz? O dezesseis?

Os dois trocaram um olhar de entendimento e o empregado sorriu. Era um homem de meia-idade, alto e descorado.

- Sim, senhor. Como já lhe disse, estamos superlotados.

- Mas que se passa? - exclamou Bouc, encolerizado. - Há alguma conferência? Alguma festa?

- Não, senhor. Puro acaso. Acontece apenas que muita gente resolveu viajar esta noite.

Bouc teve um gesto de enfado.

- Em Belgrado - disse ele -, há o comboio que vem de Atenas, bem como o Bucareste-Paris... Porém, não alcançaremos Belgrado, antes de amanhã à noite.

Não há um compartimento de segunda classe livre?

- Um somente.

- Bem, então...

- Mas é um compartimento para senhoras, já ocupado por uma alemã... a criada de uma dama.

- Ora, ora, que aborrecimento! - disse Bouc.

- Não se preocupe, meu amigo - disse por sua vez Poirot. - Posso tomar um comboio comum.

- Nem pense nisso!

E voltando-se para o empregado, Bouc perguntou:

- Já chegaram todos os passageiros?

- E verdade - replicou o homem hesitando -, falta um.

- Fale.

- É o compartimento sete da segunda classe.

O cavalheiro que o mandou reservar ainda não chegou e faltam quatro minutos para as nove.

- Quem é ele?

- Um inglês. O senhor Harris - acrescentou o empregado, consultando a lista.

- Um nome de bom agouro - observou Poirot - conheço o meu Dickens. O senhor Harris não virá.

- Ponha as bagagens deste senhor no compartimento sete - ordenou Bouc. - Se o senhor Harris chegar, diga-lhe que é muito tarde... que o compartimento não pôde ser reservado tanto tempo... arranjaremos as coisas de um modo ou doutro. Que me importa o senhor Harris?

- Como quiser - replicou o empregado e encaminhou o carregador para o compartimento cedido a Poirot.

Depois afastou-se, para que este pudesse embarcar.

- E lá ao fundo, senhor - disse ele. - O penúltimo camarote.

Poirot atravessou a custo o corredor, onde ainda se aglomerava a maioria dos passageiros. Os seus cortesies pardons eram pronunciados com a regularidade de um pêndulo. Por fim, alcançou o compartimento indicado, mas ali encontrou o jovem

americano do Tokatlían. Vendo entrar Poirot, o rapaz franziu as sobrancelhas.

- Desculpe - disse ele. - Creio que se enganou.

Depois, repetiu laboriosamente as mesmas palavras em francês. Poirot replicou em inglês.

- É o senhor Harris?

- Não; chamo-me Mac Queen. Eu...

Então a voz do empregado fez-se ouvir, humilde e obsequiosa, por trás de Poirot.

- Não há mais lugares no comboio, senhor. Este cavalheiro terá de ficar aqui.

Enquanto falava, o empregado recebia da portinhola as bagagens de Poirot. Este notava-lhe, divertido, o tom embaraçado. Evidentemente fora-lhe prometida boa gorjeta, se conseguisse conservar o camarote só para uso do viajante. Entretanto, a melhor gorjeta perde o seu efeito, quando o diretor da companhia está presente e faz respeitar as próprias ordens. Terminada a sua tarefa, o empregado saiu do compartimento, dizendo:

- Pronto, senhor. Está tudo em ordem. O seu beliche é o de cima, número sete. Partiremos dentro de um minuto.

E afastou-se rapidamente pelo corredor. Poirot tornou a entrar no compartimento.

- Acabo de assistir a um raro fenómeno - disse ele, jovialmente. - Um empregado do vagão-cama arranjando as bagagens com as próprias mãos! É novidade!

O jovem viajante sorriu. Evidentemente conformava-se.

- O comboio está repleto - observou ele.

Soou um apito e a locomotiva uivou lugubrememente.

Os dois homens saíram para o corredor. Fora, ouvia-se uma voz advertir:

- Embarquem, meus senhores!

- Vamos partir - disse Mac Queen.

Porém, o comboio não se movia; o apito voltou a trilar.

- Caso prefira o leito de baixo, senhor - disse o rapaz a Poirot - cedo- o de boa vontade.

Mac Queen era evidentemente um rapaz muito amável.

- Não, não! - protestou o belga. - Não quero privá-lo.

- Mas está bem assim...

- É demasiado gentil...

Protestos corteses de ambos os lados.

- Aliás, é só por uma noite - acrescentou Poirot.

- Em Belgrado...

- Ah! Compreendo. O senhor vai ficar em Belgrado.

- Não é isso propriamente. É que...

Houve um súbito solavanco; os dois viajantes debruçaram-se para olhar a longa plataforma iluminada que ia desaparecendo lentamente. O expresso do Oriente iniciava a sua jornada de três dias, através da Europa.

III

POIROT RECUSA UM CASO

No dia seguinte, Poirot entrou um tanto tarde no vagão-restaurant. Levantara-se cedo, tomara a primeira refeição quase sozinho e passara a manhã revendo dados referentes ao caso que o chamara a Londres.

Mal vira o companheiro de viagem.

Bouc, já abancado, gesticulou um cumprimento e indicou ao amigo um lugar vazio, fronteiro ao seu.

Poirot sentou-se e achou-se em posição favorável à me?, que era servida em primeiro lugar e com os melhores bocados. O almoço também estava excepcionalmente bom.

Foi só quando saboreavam um queijo delicioso, que Bouc principiou a falar de assuntos estranhos ao almoço; chegara a esse período da refeição em que geralmente se costuma filosofar.

- Ah! - suspirou ele. - Se tivesse a pena de um Balzac! Descreveria esta cena! - Assim dizendo, agitava a mão.

- Boa ideia - disse Poirot.

- Também lhe parece? Ninguém ainda o fez, que eu saiba. Entretanto, seria um autêntico argumento para um romance, meu amigo. Cercanos gente de todas as classes e nacionalidades. Durante três dias, essas pessoas, estranhas umas às outras, estarão reunidas, comendo e dormindo sob o mesmo teto, sem se poderem separar. No fim desse prazo, cada qual tomará o seu caminho e talvez nunca mais se tornem a ver.

- E há mais - disse Poirot. - Imagine um acidente. . .

- Ah! Isso não, meu amigo!

- Do seu ponto de vista, poderá parecer desagradável, concordo. Porém, suponhamos, por um instante, que isso acontece realmente. Então, todos os que estão aqui talvez fossem unidos mais estreitamente... pela morte.

- Um pouco de vinho! - apressou-se a dizer o alto funcionário dos vagões-cama. - Está sinistro, meu velho! Provavelmente é a digestão.

- Não duvido. É possível que a comida da Síria não seja muito apropriada para o meu estômago.

Poirot sorveu o seu vinho e relanceou um olhar pensativo pelo salão. Viam-se ali, à roda das mesas, umas treze pessoas, pertencentes, como bem

dissera Bouc, a todas as classes e nacionalidades. O belga pôs-se a observá-las.

A mesa fronteira à sua era ocupada por três viajantes comuns, reunidos ali pela vontade do criado: um italiano robusto e moreno que palitava os dentes com gosto; e um inglês magro, elegante e em cujo rosto transparecia um ar evidente de contrariedade. Junto dele, sentava-se um americano espalhafatoso, talvez um caixeiro-viajante.

O americano e o italiano falavam animadamente. O inglês olhou pela janela e tossiu.

Poirot desviou o olhar.

À outra mesinha sentava-se, muito emproada, uma das mulheres mais feias que ele já vira. Havia, porém, na sua fealdade, certa distinção que a tornava atraente.

Cingia-lhe o pescoço um colar de grossas pérolas legítimas, por mais incrível que pareça. Ela tinha nas mãos inúmeros anéis e a capa de peles caída nos ombros. Um rico chapéu preto emoldurava-lhe desajeitadamente o rosto amarelado. A velha dama falava ao criado em tom claro e cortês, porém francamente autocrático.

- Tenha a bondade de levar ao meu compartimento uma garrafa de água mineral e um

copo de laranjada. Dê ordens para que me seja servido ao jantar um frango, sem molho algum, e um pouco de peixe cozido.

O criado replicou respeitosamente que os desejos dela seriam atendidos. A dama anuiu, com um leve aceno de cabeça, e levantou-se. Encontrando o olhar de Poirot, desviou os olhos com a indiferença displicente de uma aristocrata.

- É a princesa Dragomiroff - disse Bouc, em voz baixa. - Russa. O marido converteu em dinheiro todos os seus bens, antes da revolução, e empregou-os no exterior. Essa senhora é extraordinariamente rica...

Uma cosmopolita.

Poirot anuiu. Ouvira falar na princesa Dragomiroff.

- Uma personalidade - acrescentou Bouc.

Feia como o pecado, mas interessante. Concorda? Poirot tornou a anuir.

Maria Debenham ocupava outra mesa, com duas senhoras. Uma delas, uma robusta mulher de meia-idade, vestia uma blusa de xadrez e saia de tweed.

Reunira a pesada massa dos cabelos amarelados e mal tratados num chapéu desajeitado, usava óculos e tinha no rosto comprido uma

expressão meiga e submissa de carneiro. Escutava nesse momento a outra companheira, idosa e robusta, de fisionomia simpática e que falava com voz clara e monótona, sem tomar fôlego nem um instante.

... E assim a minha filha disse: Porque não aplicam os sistemas americanos a este país? Porque o povo é indolente por natureza. Não tem a menor iniciativa.

Contudo, causar-lhe-ia surpresa o que o nosso colégio está fazendo aqui. Reuniu um corpo de professores competentes. Acho que não há como a educação.

Aplicaremos os nossos métodos ocidentais e ensinaremos o Oriente a reconhecê-los. A minha filha costuma dizer. . .

O comboio entrou num túnel. A voz calma e monótona da viajante converteu-se num murmúrio abafado.

À mesinha próxima estava o coronel Arbuthnot... sozinho, com os olhos fixos na nuca de Maria Debenham. Não almoçavam juntos, se bem que não lhes fosse difícil reunir-se. Por quê?

Talvez a rapariga se retraísse, pensou Poirot.

Uma preceptora precisa tomar cuidado, pois as aparências têm grande importância. O seu modo

de vida exigia que ela se portasse com rigorosa correção.

Poirot desviou o olhar para o lado oposto do vagão.

Ali, sentada contra a parede, viu uma mulher de meia-idade, vestida de escuro e de rosto largo e inexpressivo.

Alemã ou escandinava, pensou ele. Talvez a governanta alemã.

Mais adiante almoçava um casal. O homem, embora vestisse à inglesa, não era inglês; a forma da nuca e dos ombros mostravam-no claramente. Era um belo tipo de cavalheiro. Voltando-se subitamente, mostrou a Poirot o perfil de um indivíduo de trinta anos, com o lábio superior encimado por um bigode espesso.

Diante dele sentava-se uma rapariga de cerca de vinte anos. Trajava um saia-e-casaco preto, blusa branca de cetim e um elegante chapeuzinho preto à última moda.

Tinha um lindo rosto de estrangeira, tez clara, grandes olhos escuros e os cabelos negros. Fumando, exibia as mãos bem cuidadas e unhas vermelho-escuras.

Usava uma grande esmeralda engastada em platina e a voz e o olhar traíam certa faceirice.

- Linda e chic - murmurou Poirot. - Um casal... hem?

Bouc anuiu.

- Embaixada húngara, segundo creio - disse ele. - Um lindo casal.

Restavam só mais dois passageiros: Mac Queen, o companheiro de Poirot, e o Sr. Ratchett. Este último ficava fronteiro a Poirot, que lhe pôde de novo observar o rosto antipático, a falsa bondade do olhar e os olhinhos cruéis.

Evidentemente, Bouc notara certa mudança no rosto do amigo, pois perguntou:

- Está examinando a fera?

Poirot respondeu com um sinal afirmativo. Terminando de sorver o café, Bouc levantou-se; viera almoçar antes do amigo e terminava primeiro.

- Volto ao meu compartimento - disse ele. - Venha depois conversar comigo.

- Com todo o prazer - tornou-lhe Poirot. Ficando só, o belga tomou café e pediu licor.

O criado passava entre as mesas, recebendo os vales. A voz da velha americana soou, aguda e lamentosa.

- A minha filha disse: Arranje uma caderneta de refeições e não terá incómodos. Ao que parece,

não é assim. Desconfio que eles ganham dez por cento...

e esta garrafa de água mineral, então! Uma espécie curiosa de água mineral!... Estranho que não sirvam Evian nem Vichy...

- É que... como sabe, servem a água local - explicou a senhora de rosto meigo e humilde.

- Pois estranho! - repetiu a outra.

E, olhando tristemente o troco espalhado na mesa, acrescentou:

- Veja o que me deram... Que moeda!... Lembra um monte de trapos! Minha filha diz...

Maria Debenham levantara-se e despedia-se das companheiras com um ligeiro cumprimento. Erguendo-se, por sua vez, o coronel Arbuthnot acompanhou-a.

A velha americana juntou o troco e deixou a sala, seguida pela outra senhora. Os húngaros já se haviam retirado. Restavam no vagão-restaurant apenas Poirot, Ratchett e Mac Queen. Ratchett falou ao jovem americano que se levantou e saiu. O velho também deixou o seu lugar, mas em vez de seguir o companheiro, sentou-se diante de Poirot.

- Um fósforo, por favor? - disse em voz macia e levemente nasal. - Chamo-me Ratchett.

Poirot respondeu-lhe com um leve cumprimento, tirou o isqueiro do bolso e passou-o ao americano; este recebeu-o, sem contudo se utilizar dele. Depois disse:

- Creio que tenho o prazer de falar ao senhor Hercule Poirot. Não é exato?

- Perfeitamente.

Houve um silêncio. O detective sentia-se examinado pelo estranho olhar do outro.

- Na minha terra - disse este por fim - costuma-se ir direito ao fim. Senhor Poirot, desejo confiar-lhe um trabalho.

- A minha clientela é, atualmente, muito reduzida. Ocupo-me de poucos casos.

- Compreendo bem. Mas este, senhor Poirot, é muito rendoso. Muito rendoso! - repetiu Ratchett, uma voz macia e persuasiva.

Após uma curta pausa, o belga perguntou:

- Que deseja de mim, senhor Ratchett?

- Sou muito rico... muito rico!... Um homem nas minhas condições, sempre tem inimigos. Eu tenho um.

- Só um?

- Que quer dizer com isso? - inquiriu vivamente o americano.

- Nada. Tenho experiência bastante para saber que os homens de certa posição têm inimigos, como acaba de dizer; mas, em geral, não um só.

Aparentemente aliviado por essa resposta, Ratchett tornou com animação:

- Sim, compreendo. Inimigo ou inimigos... não importa. O que interessa é a minha segurança.

- A sua segurança?

- Fui ameaçado, senhor Poirot. Sou um homem que precisa tomar precauções.

Assim dizendo, o velho tirou do bolso um revólver automático, depois continuou:

- Não sou homem que se deixe apanhar facilmente! Com esta arma, sinto-me mais seguro. Creio que o senhor é a pessoa de que preciso, senhor Poirot.

E lembre-se: dinheiro!... Muito dinheiro!

O belga encarou-o um instante, pensativo, com a fisionomia absolutamente impenetrável. Seria difícil adivinhar-lhe os pensamentos.

- Lamento - disse afinal. - Não o posso servir, senhor Ratchett. Este fitou-o com uma expressão de astúcia.

- Que preço pede?

Poirot meneou a cabeça.

- Não me entendeu. Fui muito feliz na minha profissão. Ganhei o dinheiro preciso para as minhas necessidades e os meus caprichos. Atualmente, ocupo-me só dos casos que me interessam.

- O senhor é teimoso! - disse Ratchett. - Não o tentam vinte mil dólares?

- Não.

- Se insiste, para obter mais, engana-se. Avalio perfeitamente a importância do que lhe peço.

- Eu também, senhor Ratchett.

- O que é que não lhe agrada na minha proposta? Poirot levantou-se.

- Desculpe a franqueza, senhor Ratchett. O que não me agrada é a sua fisionomia.

E com estas palavras o belga deixou o salão.

IV

UM GRITO NA NOITE

O expresso Oriente-Simplon chegou a Belgrado nessa noite, às nove menos um quarto. Não partiria antes das nove e quinze. Poirot desceu à plataforma onde, porém, não se demorou. Estava muito frio.

Apesar de muito resguardada, a plataforma estava coberta de neve. Avistando o viajante, o chefe da estação que procurava aquecer-se com um rápido exercício, disse:

- As suas bagagens foram transportadas para o camarote do senhor Bouc.

- Onde fica ele, então?

- Embarca na carruagem de Atenas que acaba de chegar.

Poirot afastou-se, à procura do amigo que confirmou as palavras do seu subordinado.

- Não, não. É melhor assim! O senhor vai a Inglaterra. Logo, é preferível que tome a carruagem que passa em Calais. Quanto a mim, fico muito bem. Aqui há mais sossego. Os únicos passageiros

da carruagem somos eu e um médico grego. Que noite, meu amigo!

Dizem que há anos não neva assim. Esperemos que a neve não nos bloqueie! Creia que isto me inquieta.

Às nove e quinze, pontualmente, o comboio partia. Poirot, despediu-se do amigo e dirigiu-se para o seu camarote, fronteiro ao vagão-restaurant. Nesse segundo período de viagem, aboliam-se todas as barreiras.

O coronel Arbuthnot estava à porta do seu compartimento, falando com Mac Queen. À vista de Poirot, o jovem americano interrompeu-se. Parecia muito surpreendido.

- Como! - exclamou ele. - Pensei que nos tivesse deixado. Disse que ficaria em Belgrado!

- Engana-se - replicou Poirot, sorrindo. - Lembro-me de que o comboio saía de Istambul, enquanto falávamos.

- Mas... as suas bagagens já não estão aqui!

- Foram levadas para outro camarote.

- Ah!

Mac Queen começou a conversar com Arbuthnot e Poirot afastou-se. Duas portas aquém do seu cama a rote, encontrou a velha americana, a Sr. Hubbard, falando com a sua companheira de

mesa que era, afinal, uma sueca. A Sra. Hubbard tinha nas mãos duas revistas.

- Não leve isto, minha querida; tenho muitas outras coisas para ler. Não lhe parece que o frio é assustador? - continuou, cumprimentando afavelmente Poirot.

- A senhora é muito amável - respondeu a sueca.

- De modo nenhum. Desejo que durma bem e que amanhã a sua cabeça esteja melhor.

- É do frio. Vou fazer uma xícara de chá.

- Tem aspirina? Com certeza? Eu trago-a em quantidade. Bem, boa noite, minha querida.

Mal a outra desapareceu, a senhora Hubbard voltou-se para o belga, disposta a continuar a conversação.

- Pobre criatura! É sueca, segundo creio, missionária... uma professora. Boa pessoa; porém, quase não entende inglês. Interessou-se muito pelo que lhe disse de minha filha.

E Poirot foi informado a respeito da filha da Sra. Hubbard, como, aliás, sucedia no comboio a todos os que entendiam inglês. Soube assim que a referi? filha e o genro da Sra. Hubbard leccionavam num importante colégio americano de Esmirna, que era essa a primeira vez que a respeitável

senhora visitava o Oriente, e que opinião ela formara acerca dos Turcos, dos seus usos e sistemas de viação.

A porta vizinha abriu-se; apareceu um criado magro e pálido.

Poirot pode vislumbrar Ratchett, sentado na cama. À vista do belga, uma expressão de cólera perpassou no rosto do velho. Depois a porta fechou-se. A Sra. Hubbard puxou o seu interlocutor para um lugar mais distante.

- Sabe? Não posso tolerar esse homem; não o criado; o outro... o amo. Tem alguma coisa que não me agrada. A minha filha costuma dizer que tenho uma intuição infalível: Quando a mamã tem uma suspeita, é sempre certa. Assim diz ela. E eu desconfio desse homem. É meu vizinho; não gosto disto. A noite passada, fechei a porta à chave; julguei ouvi-lo experimentar o trinco. Sabe? Não me admiraria que esse indivíduo fosse assassino ou ladrão. Posso estar louca, entretanto é o que penso. Detesto-o. A minha filha disse que eu teria boa viagem. Talvez seja absurdo, sinto, porém, que vai acontecer alguma coisa. Não compreendo como esse belo rapaz pôde tornar-se secretário desse homem.

Nesse momento, Arbuthnot e Mac Queen passaram, conversando amigavelmente, no corredor

e desapareceram. A Sra. Hubbard despediu-se de Poirot.

- Vou ler para a cama - disse ela. - Boa noite.

- Boa noite, minha senhora.

Por sua vez, o belga entrou no seu camarote, contíguo ao de Ratchett. Despiu-se, deitou-se, leu cerca de meia hora e apagou a luz.

Acordou horas depois, sobressaltado. Despertara-o um gemido, quase um grito, muito próximo. No mesmo instante soou uma campainha. Poirot levantou-se e acendeu a luz. O comboio parara; provavelmente chegara a uma estação.

Esse grito fizera estremecer o polícia. Lembrando-se de que o compartimento contíguo era ocupado pelo ricaço americano, Poirot abriu a porta exatamente no momento em que o chefe do pessoal passava, correndo, e se detinha à porta de Ratchett. Deixando a do seu camarote entreaberta, Poirot espreitou pela fresta.

O funcionário batera pela segunda vez, à porta do compartimento vizinho. Nesse momento, porém, tiniu outra campainha e a luz brilhou noutro ponto do vagão. O chefe voltou a cabeça para observar e uma voz advertiu do compartimento do americano:

- Não é nada; enganei-me.

- Está bem, senhor.

E o funcionário correu a atender a outra chamada. Poirot voltou a deitar-se, aliviado, e apagou a luz.

Consultara antes o relógio. Faltavam exatamente vinte e três minutos para a uma hora da manhã.

V

O CRIME

Poirot não conseguiu adormecer. Cessara o movimento do comboio. E enquanto a estação se mostrava insolitamente silenciosa, no comboio, porém, parecia haver uma agitação extraordinária. O belga julgou ouvir Ratchett caminhar no quarto vizinho e abrir a torneira do lavatório; distinguiu em seguida o rumor da água corrente, depois do qual a torneira se fechou.

Soaram passos no corredor, como se alguém o percorresse de chinelos. Ainda deitado, Poirot pôs-se a olhar para o teto. Porque seria tão silenciosa esta estação?

E ele tinha sede. Esquecera-se de pedir água mineral.

Deitou um olhar ao relógio. Passavam quinze minutos da uma. Poirot pensou em chamar o chefe do pessoal e pedir-lhe a água desejada. Quando ia a premir o botão da campainha, ouviu um tinido. Desistiu então, pois o funcionário não poderia atender simultaneamente a várias chamadas.

Ting... ting... ting... a campainha continuava a tinir.

Porque não a atendiam? O passageiro já devia estar impaciente. Ting. . .

Fosse quem fosse, não tirava o dedo do botão.

De súbito, os passos apressados do chefe ecoaram no corredor e ele foi bater a um compartimento não muito afastado do de Poirot. Ouviram-se vozes... a do chefe, cortês e obsequiosa... uma de mulher, insistente e volúvel.

A senhora Hubbard!

Poirot sorriu para consigo.

A discussão durou certo tempo, com decidida vantagem para a Sra. Hubbard. Afinal cessou. Poirot ouviu distintamente:

- Boa noite, minha senhora. E a porta fechou-se.

O belga tocou então a campainha. O chefe atendeu-o prontamente. Parecia excitado e aborrecido.

- Água mineral, faça o favor.

- Sim, senhor - tornou o funcionário.

Talvez a expressão maliciosa do olhar de Poirot, o levasse a desabafar.

- Essa senhora americana! ...

- Que houve?

O chefe enxugou a testa.

- Não imagina o trabalho que me deu! Ela insiste em afirmar que há um homem no seu compartimento.

Imagine! Num espaço como este! - continuou ele, mostrando o camarote com um gesto - Onde se poderia esconder um homem? Discuti, fiz ver que era impossível. Ela tornou a insistir. Diz que acordou e viu um homem no quarto. Perguntei-lhe: Como pôde ele fugir, deixando a porta trancada atrás de si? Mas em vão. Ela não quer entender. Como se já não houvesse aborrecimentos bastantes! Esta neve, por exemplo...

- Neve?

- Sim. Não sabia? O comboio parou. Apanhámos uma tempestade de neve. Só Deus sabe o tempo que passaremos aqui, presos. Lembro-me de que, uma vez, fiquei bloqueado pela neve uma semana.

- Onde estamos?

- Entre Vincovci e Brod.

- Ora, ora! - tornou Poirot, contrariado.

O homem afastou-se, voltando pouco depois com a água mineral.

- Boa noite, senhor.

Poirot bebeu e dispôs-se a dormir.

Estava quase a adormecer, quando um choque estranho o acordou. Teve a consciência de que qualquer coisa bastante pesada caíra de encontro à porta. O belga levantou-se e abriu-a. Nada. Porém, à sua direita, viu afastar-se no corredor uma mulher envolta num quimono vermelho. Na outra extremidade, o condutor entretinha-se a rabiscar figuras em largas folhas de papel.

Reinava a completa calma.

- Evidentemente sofro dos nervos - disse consigo Poirot. E tornou a deitar-se, acordando só na manhã seguinte.

O comboio ainda estava parado. Poirot correu a cortina e olhou. Pesados blocos de neve cercavam as carruagens. O belga consultou o relógio e viu que passava das nove horas.

Às dez menos um quarto, elegante e apumado, encaminhou-se para o vagão-restaurant, donde partia um coro de lamentações. Todas as barreiras entre os passageiros haviam desaparecido. A desgraça comum reunia-os. As queixas da Sra. Hubbard sobressaíam das demais.

- A minha filha dizia que teria a melhor das viagens!

Bastava acomodar-me no comboio e esperar que ele chegasse ao seu destino. E, agora, aqui

ficaremos por dias e dias - lamentava-se ela. - O meu navio parte depois de amanhã. Como o apanharei agora?

Nem posso mandar cancelar a minha passagem! Prefiro nem falar disto!

O italiano apregoava que o esperavam importantes negócios em Milão.

O americano clamava:

- É o diabo!

E exprimia a esperança de que o comboio recobrasse o tempo perdido.

- A minha irmã... e a minha sobrinha esperam-me - dizia a sueca, chorando. - E eu não posso avisá-las. Que hão de pensar? Julgarão que me aconteceu um desastre!

- Quanto tempo ficaremos bloqueados? - perguntou Maria Debenham. - Alguém o sabe?

Havia na sua voz certa impaciência, mas Poirot não notou nela a ânsia quase febril que manifestara no expresso do Tauro.

A Sra. Hubbard prosseguiu:

- Ninguém sabe nada neste comboio! Nem procuram tomar providências! São uma chusma de inúteis. Se estivéssemos no meu país, a esta hora, já alguém teria tentado fazer qualquer coisa.

Arbuthnot voltou-se para Poirot e falou-lhe num francês correto de estrangeiro:

- É um dos diretores da companhia, creio. Pode informar-nos... Sorrindo, Poirot retificou em inglês:

- Não, não! Não sou eu. Confundi-me com o meu amigo.

- Oh! Desculpe!

- Não tem importância; é muito natural. Eu estou agora no camarote que ele ocupava antes.

Bouc não estava no vagão-restaurant. Poirot relanceou um olhar pelo compartimento para tomar nota dos ausentes. Faltavam a princesa Dragomiroff, o casal húngaro, Ratchett, o seu criado e a governanta alemã.

A sueca enxugou os olhos:

- Sou tola, na verdade! - disse ela. - Que adianta chorar? E melhor conformar-me, suceda o que suceder.

Entretanto, esse exemplo de resignação cristã não foi imitado.

- Está tudo muito bem - disse Mac Queen, impaciente. - Entretanto, ficaremos aqui por muitos dias.

- Que lugar é este? - perguntou a velha americana, com voz queixosa.

Disseram-lhe que era a Jugoslávia e ela replicou:

- Oh! Nos Balcãs! Que havemos de esperar?

- É a única que vejo resignada - disse Poirot a Maria Debenham.

- Que se há de fazer?

- E uma filósofa, minha senhora...

- Não; isso implica completa indiferença, o que não é o meu caso. Aprendi, porém, a evitar as emoções inúteis.

A rapariga falava mais para si mesma do que para ele e tinha o olhar fito além das janelas, nas massas de neve.

- Julgo-a muito enérgica - continuou Poirot gentilmente. - Creio que é, dentre de nós, a mais forte.

- Oh! não! Não, de facto. Conheço alguém muito mais forte do que eu...

- E quem é...?

A rapariga voltou, de súbito, à realidade e compreendeu que falava a um estranho, a um estrangeiro com quem trocara até ali apenas algumas palavras.

Riu-se cordialmente, mas com certa reserva.

- Ora... a velha princesa, por exemplo. Provavelmente já a viu. É muito feia, mas ao mesmo

tempo fascinante. Basta-lhe levantar o dedo e pedir cortesmente alguma coisa... e o comboio em peso estará aos seus pés.

- O mesmo acontece ao meu amigo Bouc - disse Poirot. - Mas apenas porque é o diretor da Companhia.

Maria Debenham sorriu. A manhã passava; muitos passageiros, entre eles o belga, ficaram no vagão-restaurant, compreendendo que, juntos, passariam melhor o tempo. Poirot soube assim muita coisa da filha da Sr.a Hubbard e do falecido Sr. Hubbard.

Escutava a conversação da viajante escandinava, quando um empregado do vagão-cama entrou e se aproximou dele.

- Com licença, senhor.

- Que há?

- O senhor Bouc envia-lhe cumprimentos e pede-lhe o favor de ir ter com ele um instante.

Poirot levantou-se, pediu desculpa à sua interlocutora e deixou o salão em companhia do empregado.

Este fê-lo atravessar o comboio, bateu a uma porta e desviou-se para o deixar entrar. O camarote não era o de Bouc e sim um de segunda classe,

escolhido talvez por ser dos mais espaçosos. Causava entretanto a impressão de estar apinhado. Bouc encontrava-se numa das extremidades; diante dele, perto da janela, Poirot viu um homenzinho moreno, entretido em observar a neve, e de pé, obstruindo a passagem, um homenzarrão de uniforme azul, o chefe do pessoal e o empregado que também servia o detetive.

- Ah! Meu bom amigo! - exclamou Bouc. - Entre. Precisamos do senhor.

O homenzinho encostado à janela voltou-se. Poirot sentou-se diante do amigo. A fisionomia deste assustou-o. Era evidente que acontecera algum facto extraordinário.

- Que houve? - indagou o belga.

- Tem razão de perguntar! Primeiramente, esta neve... E depois... Bouc calou-se. O funcionário do vagão-cama soltou uma espécie de lamento.

- E depois que há? - insistiu Poirot.

- Apenas isto: um passageiro jaz morto... apunhalado... no camarote. O diretor exprimia-se com um desespero por assim dizer indiferente.

- Um passageiro? Qual?

- Um americano. Um homem chamado... chamado... Ratchett; sim, Ratchett - concluiu Bouc,

depois de consultar uns apontamentos que tinha diante de si.

- É isso mesmo - confirmou o empregado. Poirot encarou-o: estava branco como cal.

- É melhor mandar sentar esse homem - sugeriu o detective. - De contrário, ele não tardará a desmaiar.

O chefe do pessoal afastou-se um pouco e o empregado deixou-se cair numa cadeira, escondendo o rosto nas mãos.

- Brrr! - tornou Poirot. - O caso é sério!

- O que há de mais sério! Este crime é uma calamidade. E há mais: as circunstâncias são extraordinárias. Estamos parados; aqui podemos ficar durante horas ou dias. Na maioria dos países que atravessamos, temos a polícia no comboio. Na Jugoslávia, não, compreende?

- É uma situação melindrosa - concordou Poirot.

- E pior se tornará. O doutor Constantine... esquecia-me de que não o apresentei. Doutor Constantine, o senhor Poirot.

Os dois homens trocaram um cumprimento.

- O doutor Constantine julga que o crime foi praticado mais ou menos à uma hora da madrugada.

- É difícil ser exato nesse particular - atalhou o médico. - Creio, porém, que a morte ocorreu entre a meia-noite e as duas horas da madrugada.

- Quando foi visto vivo, pela última vez, o senhor Itatchett?

- Parece-me que uns vinte minutos antes da uma hora respondeu ao empregado - observou Bouc.

- E verdade - confirmou o belga. - Eu mesmo o ouvi. É tudo o que se sabe?

- É.

Poirot voltou-se para o médico, que prosseguiu:

- A janela do camarote de Ratchett foi encontrada aberta, o que faria crer que o criminoso fugiu por ali.

Entretanto, na minha opinião, a janela aberta não passa de uma astúcia. Quem quer que seguisse esse caminho deixaria o rastro na neve. E não há o menor vestígio.

- Quando se descobriu o crime? - perguntou Poirot.

- Michel! - chamou Bouc. - Diga a este senhor o que aconteceu.

O interpelado levantou-se e, ainda com o rosto pálido e assustado, começou com voz trémula:

- O criado do senhor Ratchett batera diversas vezes à porta do amo esta manhã. Não recebeu resposta.

Uma hora depois apareceu o empregado do vagão-restaurant; queria saber se o senhor Ratchett almoçaria.

Eram onze horas. Abri a porta do camarote com a minha chave, mas o cadeado fora fechado por dentro.

Ninguém respondia. O quarto estava silencioso e frio.

Tão frio! A neve entrava pela janela aberta. Desconfiei que o passageiro tivesse tido um ataque. Chamei o chefe do pessoal, quebrámos a corrente e entrámos.

Ele estava... Ah! é horrível!...

E o pobre homem tornou a esconder o rosto nas mãos.

- A porta estava, então, trancada por dentro - observou Poirot, pensativo. - Não será um suicídio?

O médico grego riu-se ironicamente.

- Já viu alguém suicidar-se com dez... doze... quinze punhaladas? - perguntou ele.

Poirot arregalou os olhos.

- Mas, nesse caso, é uma verdadeira ferocidade!

- Foi uma mulher - acudiu o chefe do pessoal, falando pela primeira vez. - Deve ser. Só uma mulher é capaz de matar assim.

O Dr. Constantine levantou o rosto em que se via uma expressão pensativa.

- Só se fosse excepcionalmente vigorosa - objetou ele. - Não é minha intenção entrar em detalhes técnicos que servem apenas para atrapalhar... Posso, porém, afirmar que um ou dois golpes foram desferidos com força, para que penetrassem profundamente.

- Não é, pelo que vejo, um crime científico - observou Poirot.

- Pelo contrário. Algumas punhaladas foram dadas ao acaso, outras não atingiram o alvo, como se alguém ferisse de olhos vendados, com uma fúria cega.

- É uma mulher - insistiu o chefe do pessoal. - As mulheres são assim. Quando se enfurecem, têm uma força extraordinária.

Essa obstinação fazia crer numa experiência pessoal.

- Talvez possa contribuir com alguns esclarecimentos para esse caso - disse o

investigador. - Ratchett falou-me anteontem. Fez-me entender que a sua vida corria perigo.

- Bumped off, então. Não é esse o termo americano? - disse Bouc. - Logo, não é uma mulher. Talvez um gangster ou um gunman.

O chefe do pessoal parecia desolado com a derrocada da sua teoria.

- Se assim é - disse Poirot - foi feito com perfeito diletantismo. E o seu tom exprimia a reprovação do profissional.

- Há um americano neste comboio - disse Bouc - um homem vulgar e mal trajado, cujos modos não são de boa sociedade. Sabe a quem me refiro?

O empregado a quem ele se dirigira anuiu.

- Sim senhor, o número dezesseis. Porém, não pode ter sido ele. Eu tê-lo-ia visto entrar ou sair do seu camarote.

- Talvez não. Mas voltaremos a isso depois.

- Que importa é saber o que há a fazer - disse Bouc, falando a Poirot. O belga encarou-o.

- Venha, meu amigo - disse Bouc. - Compreende o que lhe vou pedir. Conheço a sua capacidade. Encarregue-se das investigações. Não, não recue.

É um caso grave para nós... aludo à Companhia Internacional de Carruagens-Cama.

Quando a polícia jugoslava chegar, seria muito bom que já lhe pudéssemos apresentar o caso resolvido. Senão, teremos atrasos, aborrecimentos e muitos outros incómodos. Talvez (quem sabe?) suspeitas infundadas. Em lugar disto... o senhor resolve o mistério e nós diremos: "Ocorreu um crime... eis o assassino.

- E se eu não o encontrar?

- Ah! meu caro! - tornou Bouc, com uma inflexão carinhosa na voz.

- Conheço-lhe a reputação. Sei alguma coisa acerca dos seus métodos. Este caso é ideal para o senhor. Investigar os antecedentes de toda esta gente, descobrir-lhe a boa-fé, tudo isso custa tempo e incómodos. Mas, acaso, não o ouvi dizer frequentemente que para resolver um caso basta recostar-se na cadeira e pensar? Interrogue os passageiros, veja o cadáver, observe os indícios e depois... eu confio no senhor. Tenho a certeza de que não exagerou os seus méritos. Recoste-se na cadeira, pense... use (como eu o ouvi dizer) a substância cinzenta do cérebro e descobrirá.

E Bouc curvou-se, deitando ao investigador um olhar amigável.

- A sua confiança comove-me, meu amigo - disse Poirot, impressionado. - Como bem diz, este

caso não será tão difícil. Eu mesmo na noite passada...

Bem, não falemos agora deste assunto. Na realidade, este problema intriga-me. Eu dizia comigo mesmo, há menos de meia hora, que poderíamos contar com muitas horas de tédio, enquanto estivéssemos aqui. E agora... tenho um problema na mão.

- Aceita então? - perguntou Bouc, aliviado.

- Está entendido. Pode confiar-me este caso.

- Bem... estamos todos ao seu dispor.

- Para começar, gostaria de ter uma planta da carruagem Istambul- Calais, com o nome dos respectivos passageiros, dos quais gostaria de ver, também, os passaportes e as passagens.

- Encarregue-se disto, Michel. O empregado retirou-se.

- Quais são os outros passageiros do comboio?

- perguntou Poirot.

- Neste vagão, somente o doutor Constantine e eu; na carruagem vinda de Bucareste, um velho aleijado, conhecido do condutor. As outras carruagens não nos interessam, porque só entraram em serviço depois do jantar. A frente da Istambul-Calais há apenas o vagão-restaurante.

- Parece-me - disse lentamente Poirot - que devemos procurar o nosso criminoso no Istambul-Calais.

Naturalmente esta é também a sua opinião - concluiu ele voltando-se para Constantine.

O médico anuiu.

- Meia hora antes da meia-noite o comboio parou aqui e nenhum passageiro desembarcou, desde então.

- O criminoso está conosco... no comboio... disse Bouc solenemente.

VI

UMA MULHER?

- Antes de tudo - disse Poirot - gostaria de falar com Mac Queen. Talvez nos possa dar alguma informação.

- Com certeza - disse Bouc.

Depois, voltando-se para o chefe do pessoal, ordenou:

- Vá chamar o senhor Mac Queen. O empregado obedeceu.

Entretanto, o outro funcionário trouxera um maço de passagens e passaportes, que Bouc lhe tirou das mãos.

- Obrigado, Michel. Será melhor voltar agora ao seu trabalho. Mais tarde ouviremos o seu depoimento.

- Muito bem, senhor diretor. E Michel deixou o camarote.

- Depois de interrogarmos o senhor Mac Queen - disse Poirot - o doutor Constantine poderia acompanhar-me ao camarote do morto.

- Certamente.

- Depois de terminarmos aqui.

Nisto entrou o chefe do pessoal, acompanhado de Heitor Mac Queen.

Bouc levantou-se.

- Estamos um pouco apertados aqui - disse ele, amavelmente. - Queira ocupar a minha cadeira, senhor Mac Queen. O meu amigo Poirot sentar-se-á defronte do senhor.

E, voltando-se para o chefe do pessoal do comboio, prosseguiu:

- Mande desocupar o vagão-restaurant e reserve-o para o senhor Poirot. Quer fazer ali o seu interrogatório, meu caro?

- Seria melhor - replicou o belga. Mac Queen olhava para um e outro, evidentemente sem compreender bem o rápido diálogo em francês.

- Que há? - disse ele. - Porquê...

Com um gesto enérgico, Poirot indicou-lhe a cadeira. O jovem americano sentou-se e repetiu:

- Porquê... Que houve? Sucedeu alguma coisa? - acrescentou em inglês, encarando sucessivamente todos os presentes.

Poirot fez-lhe um sinal afirmativo.

- Exatamente. Sucedeu alguma coisa. Prepare-se para um choque. O senhor Ratchett morreu.

Mac Queen apertou os lábios num assobio; excepto o brilho dos olhos, não mostrou, porém, nenhum sinal de abalo ou de desgosto e disse:

- Então, eles suprimiram-no...

- Que significa isso, senhor Mac Queen?

O rapaz hesitou.

- Quer dizer - tornou Poirot -, que o senhor Ratchett foi assassinado?

- E não foi? - perguntou Mac Queen, com manifesta surpresa.

- Na verdade - prosseguiu ele lentamente - foi o que pensei.

Julga talvez que ele morreu a dormir? Ora, o velho era tão rijo como... tão forte...

O rapaz interrompeu-se, sorrindo imperceptivelmente.

- Não, não - disse Poirot - a sua hipótese é acertada. O senhor Ratchett foi morto. Apunhalado.

Mas gostaria de saber porque tem o senhor tanta certeza de que se trata de um crime.

Mac Queen hesitou.

- Expliquemo-nos - disse ele. - Quem é o senhor? E donde vem?

- Represento a Companhia Internacional de Carruagens-Cama - replicou o belga.

E, depois duma pausa, acrescentou:

- Sou um investigador. Chamo-me Hercule Poirot.

Se esperava produzir alguma impressão, falhou completamente, pois Mac Queen limitou-se a dizer:

- Ah! sim?

E esperou que o outro prosseguisse.

- Conhece, acaso, o meu nome?

- Parece-me conhecido; apenas sempre julguei que fosse o de uma modista.

Poirot olhou-o, contrariado.

- É incrível! - observou.

- Que é incrível?

- Nada. Continuemos o nosso inquérito. É preciso que me diga tudo o que sabe acerca do morto. Não era aparentado com ele?

- Não. Sou apenas o seu secretário.

- Há quanto tempo exercia essa função?

- Há cerca de um ano.

- Tenha a bondade de me dar todas as informações possíveis.

- Bem; encontrei o senhor Ratchett há um ano mais ou menos, na Pérsia...

Poirot interrompeu-o:

- Que fazia o senhor lá?

- Viera de Nova Iorque para fiscalizar uma concessão de petróleo. Não creio que esses pormenores o possam interessar. Os meus amigos e eu vimo-nos em apuros, nesse negócio. O senhor Ratchett morava no mesmo hotel. Acabava de despedir o seu secretário; convidou-me para substituí-lo e eu aceitei. Nas condições em que estava, agradeci a sorte de ter encontrado esse emprego.

- E desde então?

- Temos viajado. O senhor Ratchett desejava conhecer o mundo. Não conhecendo línguas, sentia-se embaraçado. Tornei-me mais propriamente um correio do que um secretário. Era uma vida agradável.

- Agora diga-me tudo o que sabe acerca do seu patrão.

O rapaz encolheu os ombros, com uma expressão de incerteza no rosto.

- Não é fácil - replicou afinal.

- Como se chamava ele?

- Samuel Eduardo Ratchett.

- Americano?

- Sim.

- De que região da América?

- Não sei.

- Bem; diga-me então o que sabe.

- A verdade é, senhor Poirot, que eu nada sei a esse respeito. O senhor Ratchett nunca falava de si nem da sua vida na América.

- Não sabe dizer porquê?

- Não. Suponho que se envergonhava da sua origem humilde, como sucede a tantos homens.

- Parece-lhe motivo plausível?

- Francamente não.

- Sabe se ele tinha parentes?

- Nunca mencionou nenhum. Poirot insistiu:

- O senhor deve ter formado a sua opinião, senhor Mac Queen.

- Sim, de facto. Suponho que o verdadeiro nome dele não fosse Ratchett. Desconfio que deixou a América para fugir de alguém ou de alguma coisa. E parece-me que conseguira o seu intento... porém só até há poucas semanas.

- E então?

- Começou a receber cartas ameaçadoras.

- O senhor leu-as?

- Sim. Eu estava encarregado de atender a correspondência. A primeira chegou há quinze dias.

- Essas cartas foram destruídas?

- Não; creio que ainda tenho duas delas... uma foi rasgada pelo senhor Ratchett, num acesso de cólera. Quer vê-las?

- Seria bom.

Mac Queen saiu, voltando poucos minutos depois, com duas folhas de papel que estendeu a Poirot.

A primeira dizia o seguinte:

Julga que nos enganou e passará impune? Juramos-lhe que não. Preparamo-nos para o suprimir e suprimi-lo-emos.

Não havia assinatura.

Sem nenhum comentário, exceto um franzir de sobrancelhas, Poirot passou à segunda carta.

Não tardaremos a apanhá-lo, Ratchett. Dentro em pouco, havemos de matá-lo, sabe?

Poirot largou a carta.

- O estilo é uniforme - observou. - Mais do que a letra. Mac Queen encarou-o.

- O senhor não o notou - explicou o belga, jovialmente. - Isso requer muita prática. Esta carta não foi escrita por uma só pessoa, senhor Mac Queen.

Duas ou mais pessoas colaboraram nela... escrevendo uma letra cada uma. Além disto, a carta

foi escrita à máquina, o que torna muito mais difícil identificar a letra.

Depois de uma pausa, Poirot prosseguiu:

- Sabe que o senhor Ratchett me pedira auxílio?

- Ao senhor?

O tom surpreso do rapaz convenceu Poirot de que ele, de facto, nada sabia.

- Sim. Estava alarmado. Diga-me: que efeito causou ao seu patrão a primeira carta?

Mac Queen hesitou:

- É difícil dizer. Ratchett leu-a e riu-se, conservando a calma habitual. Notei, contudo, um leve estremecimento. Senti que essa calma era apenas aparente.

Poirot anuiu; depois fez uma pergunta inesperada:

- Senhor Mac Queen, quer dizer-me com toda a franqueza como considerava o seu patrão? Tinha-lhe amizade?

Heitor Mac Queen pensou um minuto ou dois, antes de responder.

- Não - disse afinal. - Nenhuma.

- Por quê?

- Não lhe saberia explicar. Ele era sempre muito cortês. Após uma breve pausa, o rapaz prosseguiu:

- Serei franco, senhor Poirot. Eu detestava-o e desconfiava dele. Creio que era um homem mau e perigoso.

Confesso, porém, que não tinha razões para formar esta opinião.

- Obrigado, senhor Mac Queen. Mais uma pergunta: quando viu pela última vez o senhor Ratchett vivo?

- Na noite passada cerca... - o rapaz pensou um instante - das dez horas. Entrei no camarote, para ir buscar umas notas.

- Notas? Acerca de quê?

- Sobre algumas louças e porcelanas antigas que ele adquirira na Pérsia. O que lhe foi enviado não correspondia ao que ele comprara. Houve até uma correspondência longa e aborrecida, por esse motivo.

- E foi a última vez que o senhor Ratchett foi visto vivo?

- Creio que sim.

- Sabe quando o senhor Ratchett recebeu a última carta ameaçadora?

- Sim; na manhã do dia em que deixámos Constantinopla.

- Mais uma pergunta, senhor Mac Queen: estava de boas relações com o seu patrão?

Os olhos do rapaz cintilaram subitamente.

- Chegamos ao ponto, não? Mas, em boa linguagem comercial, o senhor nada terá a meu respeito. Eu e Ratchett vivíamos nos melhores termos.

- Senhor Mac Queen, quer dar-me o seu nome todo e o seu endereço na América?

Mac Queen concordou. Chamava-se Heitor Willard Mac Queen e o seu domicílio era Nova Iorque.

Poirot recostou-se no espaldar da cadeira.

- É tudo por ora, senhor Mac Queen - disse ele.

- Ficar-lhe-ia muito grato, se não divulgasse, por enquanto, a morte do senhor Ratchett.

- O criado dele, Masterman, deve ser informado.

- Talvez ele já saiba - disse Poirot, secamente.

- Se assim for, peço-lhe que lhe recomende silêncio. Não será difícil. E um inglês e obedece à divisa: guarda-te para ti. Tem muito má opinião dos Americanos e nenhuma sobre as demais nacionalidades.

- Obrigado, senhor Mac Queen. O jovem americano saiu.

- Então? - perguntou Bouc. - Acredita no depoimento desse rapaz?

- Parece honrado e sincero. Não simulou nenhuma amizade pelo velho americano, o que provavelmente faria, se estivesse implicado no crime. É verdade que Ratchett não o informou de que me havia pedido auxílio, mas isso não autoriza a suspeitar. Imagino que o velho americano preferia guardar para si as próprias decisões.

- Assim, parece-lhe que há, pelo menos, um inocente neste crime - disse Bouc, jovialmente.

Poirot lançou-lhe um olhar de censura.

- Só eu, por ora. Suspeito de todos até ao último instante - replicou ele. - Contudo, confesso que não vejo esse frio Mac Queen perdendo a cabeça e cravando dez ou quinze punhaladas na sua vítima. Psicologicamente não é possível... não pode ser.

- Não - concordou Bouc, pensativo. - Este crime é bem a ação de um homem quase louco de ódio; e, ao mesmo tempo, denuncia mais um temperamento latino. E sugere também, como disse o nosso amigo, o chefe do pessoal, a ideia de uma mulher.

VII

O CORPO

Seguido pelo Dr. Constantine, Poirot encaminhou-se para o camarote do americano assassinado. O servente abriu-lhes a porta com a chave. Os dois homens entraram e o detective deitou um olhar interrogador ao companheiro.

- Houve muita desordem no compartimento?

- Nenhuma - tornou o médico. - Tive o cuidado de não mover o corpo, enquanto o examinava.

Poirot anuiu e deitou um olhar pelo aposento.

A primeira coisa que sentiu foi um frio intenso; a janela estava aberta e a cortina corrida.

- Brrr! - articulou o belga. O médico sorriu e disse:

- Preferi não fechar.

Entretanto, Poirot examinava cuidadosamente a janela.

- Tem razão - disse ele. - Ninguém deixou o comboio por aqui. A janela aberta devia servir só para despistar, mas a neve anulou a precaução do criminoso.

Continuando o exame com a mesma atenção, o investigador tirou do bolso uma caixinha e pulverizou todo o caixilho com um pouco de pó.

- Nenhuma impressão digital - anunciou ele. - Isto até parece lavado. Aliás, se houvesse impressões digitais, pouco nos adiantariam. Podiam ser as de Ratchett, do seu criado ou do chefe do pessoal. Hoje nenhum criminoso cai neste logro. - Sendo assim - acrescentou jovialmente - podemos fechá-la. Positivamente faz muito frio aqui.

Fechada a janela, Poirot voltou os olhos para o cadáver.

Ratchett jazia de costas. O casaco do pijama, todo manchado de sangue, fora desabotoado e puxado para trás.

- Fui eu - explicou o médico - para examinar a natureza dos ferimentos.

Poirot anuiu, curvou-se para o corpo e tornou a levantar-se com uma careta.

- Medonho! - disse ele. - Alguém deve tê-lo apunhalado repetidas vezes. Quantos são, ao certo, os golpes?

- Conteí doze ferimentos. Um ou dois são tão leves que mais parecem arranhões. Dos outros, pelo menos três são mortais.

A inflexão da voz do médico despertou a atenção do investigador, que lhe lançou um olhar penetrante.

Q grego fitava o cadáver com a testa franzida.

- Alguma coisa o impressionou, não é verdade? - perguntou Poirot, amavelmente. - Fale, meu amigo. Há, de facto, alguma coisa que o intriga?

- Acertou - disse o outro.

- Que é?

- Vê estes dois ferimentos... aqui e ali...? - redarguiu o grego, apontando-os. - São profundos e devem ter seccionado muitos vasos sanguíneos... entretanto as orlas não se afastaram, não sangraram, como era de esperar.

- Que pensa disso?

- Que o homem já estava morto quando esses golpes foram desferidos. Entretanto, é absurdo.

- De facto - disse Poirot, pensativo. - Salvo se o nosso criminoso, receando não ter desempenhado bem a sua tarefa, tivesse voltado para se certificar.

Mas diz bem: é absurdo. Há mais alguma coisa?

- Sim, só mais uma.

- Qual?

- Veja este ferimento aqui... debaixo do braço direito... perto do ombro. Tome este meu lápis. Pode desferir semelhante golpe?

Poirot balanceou a mão.

- De facto - disse finalmente. - Com a mão direita é difícil, quase impossível. Só se o golpe fosse dado com o dorso da mão. Porém... desferido com a esquerda...

- Exatamente, senhor Poirot. Este golpe foi dado com a mão esquerda.

- Logo, o nosso criminoso é canhoto? Não; é coisa mais difícil, não é verdade?

- Isso mesmo, senhor Poirot. Alguns dos outros golpes foram desferidos com a mão direita.

- Nesse caso, os assassinos são dois. Estamos portanto no encalço de dois criminosos - murmurou o investigador.

Depois perguntou subitamente:

- Havia luz acesa?

- Não sei. Habitualmente o registo é fechado pelo revisor, todas as manhãs, pelas dez horas.

- Os pequenos interruptores o dirão - observou Poirot, examinando o da lâmpada do teto e o da cabeceira da cama.

- O primeiro estava aberto e o segundo fechado.

- Bem - disse ele, pensativo. - Temos agora a hipótese do primeiro e do segundo assassino, como diria o grande Shakespeare. O primeiro apunhalou a vítima e saiu do camarote, apagando a luz. O segundo entrou às escuras, não viu que a tarefa já fora cumprida e golpeou o cadáver. Que acha?

- Magnífico! - disse o doutor, entusiasmado. Os olhos de Poirot cintilaram.

- É desse parecer? Alegro-me por isso. Desconfiava que fosse uma ideia absurda.

- Que outra explicação poderia haver?

- E no que estou pensando. Será coincidência?

Haverá uma incompatibilidade tal, que autorize a suspeitar de duas pessoas?

- Creio que sim. Alguns destes golpes denunciam uma fraqueza: falta de vigor ou irresolução. Não foram desferidos com força. Mas este... e este outro... - acrescentou o médico, apontando-os - exigiram muita força; penetraram nos músculos.

- Atribui-os a um homem?

- Estou quase certo disso.

- Não poderiam ser dados por uma mulher?

- Só por uma mulher nova, atlética e robusta, e especialmente dominada por grande emoção. Porém, é pouco provável.

Poirot calou-se alguns instantes. O médico prosseguiu:

- Compreende o que quero dizer?

- Perfeitamente - replicou Poirot. - O facto começa a delinear-se com muita clareza: o criminoso foi um homem de grande vigor, um fraco, uma mulher, alguém que se serve da mão direita e um canhoto. Ah! tudo isto é muito engraçado!

Depois, com um súbito assomo de cólera, acrescentou:

- E que fez a vítima durante este tempo? Gritou? Resistiu? Defendeu-se?

Poirot enfiou a mão debaixo do travesseiro e tirou o revólver automático, que Ratchett lhe mostrara na véspera.

- Completamente carregado - disse ele.

Os dois homens olharam em torno de si. Os trajes de Ratchett pendiam dos ganchos presos à parede. Na mesinha do lavatório, viam-se vários objetos, inclusive a dentadura postiça num copo de água, outro copo vazio, uma garrafa de água mineral, um grande frasco, um cinzeiro com a ponta de um cigarro, pedaços de papel e dois fósforos queimados.

O médico apanhou o copo vazio e levou-o ao nariz.

- Aqui está a explicação da inércia da vítima.

- Narcotizado?

- Sim.

O investigador anuiu e pôs-se a examinar com atenção os dois fósforos.

- Tem um indício, então? - perguntou vivamente o médico.

- Estes dois fósforos são de forma diferente - disse Poirot.

- Um é mais arredondado do que o outro. Vê?

- São dos que se encontram neste comboio, forrados de papel.

Poirot revistava os bolsos de Ratchett. Encontrou uma caixa de fósforos e comparou-os cuidadosamente.

- O arredondado era usado pelo morto. Vejamos se há também dos achatados.

Mas a nova busca foi infrutífera.

O olhar de Poirot, rápido e penetrante, corria pelo camarote. Sentia-se que nada escaparia ao seu exame.

De súbito, ele soltou uma exclamação e curvou-se para apanhar alguma coisa. Era um retalho de cambraia fina, tendo num dos cantos bordada a inicial H.

- Um lenço de mulher! - disse o médico. - O chefe do pessoal tinha razão. Há uma mulher implicada nisto.

- E esqueceu o lenço! - disse Poirot. - Exatamente como nos romances e nos filmes... E, para facilitar o trabalho, está ainda marcado com uma inicial.

- Que achado! - exclamou o médico.

- Não é? - disse Poirot.

Porém, certa inflexão da sua voz surpreendeu o grego.

Mas antes que ele a pudesse explicar, Poirot fez outro achado no chão: um limpa-cachimbo.

- Seria de Ratchett? - sugeriu o médico.

- Não havia cachimbo no bolso dele nem tabaco ou bolsa de tabaco.

- Então, é mais um indício.

- Com certeza. E note: masculino, desta vez. Não nos podemos queixar de ausência de indícios. Há quantidade deles. Mas... que fez da arma?

- Não encontrei nenhuma. O criminoso levou-a.

- Gostaria de saber por que - disse Poirot.

- Ah! - exclamou o médico, que acabava de explorar os bolsos do pijama de Ratchett.

- Não tinha prestado atenção a isto - disse ele.

- Desabotoei o casaco e puxei-o para trás.

Do bolso do peito, o médico extraiu um relógio de ouro, com sinais de violentas amolgaduras e parado nos quinze minutos depois da uma.

- Vê - exclamou Constantine. - Aqui está a hora do crime.

Confirma os meus cálculos. Entre a meia-noite e duas da madrugada, disse eu, e provavelmente cerca da uma hora, se bem que seja difícil ser exacto em tal assunto. Pois bem: eis a confirmação. Uma hora e um quarto. Foi a hora do assassinato.

- É possível. É bem possível.

O médico olhou curiosamente o investigador.

- Desculpe-me, senhor Poirot; não o entendo.

- Eu também não me entendo - replicou Poirot.

- Não entendo coisa alguma, como vê, e isto aborrece-me.

Dito isso, o belga curvou-se sobre a mesa, para examinar os pedaços de papel.

- Eu precisava, neste instante, de uma caixa velha de chapéus de mulher - murmurou ele.

O médico tinha curiosidade de saber o que motivava esta observação. Entretanto, Poirot não

lhe deu tempo para perguntas. Abrindo a porta, chamou o chefe do pessoal.

Este acudiu, correndo.

- Quantas mulheres há no comboio? - perguntou-lhe o detective. O empregado contou pelos dedos:

- Uma, duas, três... seis. A velha americana, a jovem inglesa, a senhora sueca, a condessa Andrenyi e a princesa Dragomiroff, com a criada.

Poirot meditou.

- Todas trazem chapeleira?

- Sim, senhor.

- Então traga-me... espere... sim, a da senhora sueca e a da criada alemã. Estas duas são a única esperança.

Diga-lhes que é da praxe fazer isso... desculpe-se, enfim, como quiser.

- Tudo irá pelo melhor. Nenhuma das senhoras está, neste momento, no camarote.

- Então, ande depressa.

O empregado saiu, voltando pouco depois com as duas chapeleiras. Poirot examinou a da governanta alemã e logo a pôs de lado. Abrindo, porém, a da sueca, soltou uma exclamação de alegria. Removendo cuidadosamente os chapéus, deu com duas redes de arame.

- Eis o que me faltava. Há quinze anos, as chapeleiras tinham este feitio. Prendiam-se os chapéus, com um gancho, nesta rede de arame.

Enquanto falava, Poirot remexia cuidadosamente em dois dos ganchos. Depois fechou as chapeleiras, entregou-as ao empregado e ordenou-lhe que as tornasse a pôr no lugar.

Fechada a porta, Poirot voltou-se para o médico.

- Como vê, meu caro doutor, eu não me fio nos processos usuais. O que procuro é o elemento psicológico e não as impressões digitais ou a cinza do cigarro.

Porém, neste caso, abençoaria um pequeno auxílio científico. Este camarote está cheio de indícios; mas, posso ter a certeza de que valem, de facto, alguma coisa?

- Não o compreendi, senhor Poirot.

- Bom; dar-lhe-ei um exemplo... encontrámos um lenço de mulher. Terá sido uma mulher quem o perdeu? Ou o assassino disse consigo: Façamos crer que se trata de um crime de mulher. Apunhalarei o meu inimigo muitas vezes, desferindo alguns golpes fracos e ineficazes e deixarei este lenço bem à vista?

Eis uma possibilidade. Há outra. Não será a criminosa uma mulher, que deixou, para despistar, um limpa-cachimbos?

Poderemos tomar a sério a hipótese de dois criminosos... um homem e uma mulher... cada qual agindo separadamente e procurando esconder com esses indícios a própria identidade? Há excesso de coincidências, aqui!

- Mas que relação tem a chapeleira com tudo isso? - perguntou o médico, intrigado.

- Ah! Lá chegaremos! Como eu disse, estes indícios (o relógio parado numa hora, o lenço, o outro objeto) podem ou não ter valor. Porém há um indício infalível... é este fósforo achatado. Creio que ele pertenceu ao criminoso e não a Ratchett. Talvez servisse para queimar algum documento comprometedor. Possivelmente uma nota. Se assim for, devia haver nessa nota algum engano, um erro denunciador. Procurarei reconstruir o que podia ser.

E Poirot saiu do camarote, voltando pouco depois com uma lâmpada de álcool e um par de pinças.

- Uso-as para o bigode - explicou ele, mostrando-as.

O médico seguiu-o com grande interesse. Poirot distendeu os dois ganchos de arame e enrolou o pedaço de papel num deles. Depois, agarrou- os ambos com a pinça? Expondo-os à chama da lâmpada de álcool.

- E uma tentativa - explicou ele. - Esperemos que dê resultado. O médico acompanhava atentamente a operação.

O metal começou a brilhar. De súbito, apareceram ténues sinais de letras... formaram-se pouco a pouco algumas palavras... palavras de fogo.

OuvIU-se um leve estalo. A frase constava de quatro palavras, a primeira delas truncada: ... bre-se da pequena Margarida Armstrong.

- Ah! - exclamou Poirot.

- Descobriu alguma coisa? - acudiu o médico.

Os olhos do investigador cintilaram; e ele largou a pinça, com extremo cuidado.

- Sim - replicou finalmente. - Sei agora o verdadeiro nome da vítima e porque deixou a América.

- Como se chamava ele?

- Cassetti.

- Cassetti? - Constantine franziu as sobrancelhas. - Lembra-me alguma coisa. Já faz alguns anos.

Não me recordo bem. Foi um caso na América, não?

- Sim - confirmou Poirot. - Um caso na América.

Mais do que nunca, o belga não estava disposto a falar. Continuava a examinar o que o cercava.

- Chegaremos ao fim num instante - disse afinal. - Certifiquemo-nos de que nada nos escapou.

O detective tornou, rapidamente, a revistar os bolsos do cadáver. Nada encontrou. Experimentou a porta que comunicava com o aposento vizinho, mas encontrou-a fechada pelo outro lado.

- Uma coisa, porém, não entendo - disse Constantine. - Se não fugiu pela janela, se a porta que comunica com o outro compartimento está fechada e a do corredor tinha o cadeado, como pôde o criminoso deixar o camarote?

- É o que se diz, sempre que uma pessoa, fechada num aposento, com as mãos e os pés atados, desaparece.

- Quer dizer que... ?

- Suponho - disse Poirot - que, se o criminoso nos quis fazer crer que fugiu pela janela, procurou naturalmente mostrar a impossibilidade de se escapular por outro lado. É um logro, como o da

pessoa que desaparece misteriosamente. Cumpre-nos descobrir em que consiste.

E Poirot fechou a porta.

- Salvo se - disse ele -, a excelente senhora Hubbard o recebesse, para ter em primeira mão os pormenores do crime e depois escrevê-los à filha.

O detective deitou um último olhar em torno de si.

- Não há mais nada a fazer aqui, segundo me parece. Vamos procurar o senhor Bouc.

VIII

O CASO ARMSTRONG

Encontraram o diretor da Companhia Internacional, terminando uma omelete.

- Achei melhor mandar servir imediatamente o almoço no vagão-restaurant - disse ele. - Depois será desocupado e o senhor Poirot poderá começar o seu inquérito. Entretanto, ordenei que nos servissem aqui.

- Uma ideia excelente - disse Poirot.

Nenhum dos três tinha fome, e a refeição terminou rapidamente. Porém, só ao café, Bouc aludiu ao assunto que os preocupava.

- Então? - perguntou.

- Descobri a identidade da vítima. Sei agora o motivo imperioso que a levou a deixar a América.

- Quem era ele?

- Não se lembra de ter lido qualquer coisa acerca da pequena Armstrong? Ratchett foi o assassino da menina Margarida Armstrong... Cassetti.

- Lembro-me agora! Um caso impressionante... porém não me recordo dos pormenores.

- O coronel Armstrong era inglês, meio americano por parte da mãe, filha de Van der Halt, o milionário de Wall Street.

Casou-se com a filha de Linda Arden, a mais famosa actriz trágica do seu tempo.

O casal vivia na América e tinha uma filhinha que adorava. Aos três anos, esta foi raptada; exigiram, para restituí-la, uma soma exorbitante. Não o aborrecerei com todos os particulares. Limito-me a dizer que, paga a soma de duzentos mil dólares, descobriu-se o cadáver da pequena, morta havia quinze dias. O caso provocou a indignação popular. Porém, ainda houve coisa pior. A senhora Armstrong esperava outro filho.

O abalo dessa triste notícia causou a morte da mãe e da criança e o coronel, desvairado, suicidou-se.

- Deus! Que tragédia! - exclamou Bouc. - Lembro-me agora! Se não me engano, houve outra morte.

- Sim... uma infeliz ama francesa ou suíça. Certa de que ela estava implicada no crime, a polícia recusou-se a crer nas suas negativas obstinadas. Afinal, a pobre rapariga, num acesso de desespero, atirou-se de uma janela e morreu. Mais tarde, verificou-se que estava inocente!

- Nem é bom pensar nisso! - disse Bouc.

- Seis meses depois, Cassetti foi preso como chefe do bando que raptara a criança. Usava sempre os mesmos métodos. Quando a polícia lhe andava no encalço, matava o prisioneiro, escondia-lhe o corpo e continuava a extorquir dinheiro, antes que o crime fosse descoberto.

- Creio que poderei agora explicar melhor o caso, meu amigo - continuou Poirot. - Ele era Cassetti.

Mas, graças à enorme riqueza que juntara e ao poder secreto que exercia sobre várias pessoas, foi absolvido.

Apesar disso, se não fosse esperto, seria linchado pelo povo. Compreendo claramente o que se deu. Ele mudou de nome e deixou a América. Desde então, tem-se apresentado como cavalheiro desocupado, viajando e vivendo dos rendimentos.

- Ah! Que animal! - disse Bouc, com repugnância. - Não lhe lamento a morte!

- Concordo.

- Contudo, não era preciso que fosse assassinado logo no expresso do Oriente. Há outros lugares!

Poirot sorriu. Compreendia que Bouc devia estar contrariado.

- O que resta saber - disse ele - é se o crime foi praticado por um bandido rival de Casseti e talvez enganado por ele, ou se estamos em presença de uma vingança particular.

E explicou o achado das palavras escritas no pedaço de papel.

- Salvo erro, a carta foi queimada pelo criminoso.

Por quê? Porque havia o nome de Armstrong, chave de todo o mistério.

- Vive ainda algum membro da família Armstrong?

- Infelizmente, não sei. Parece-me que ouvi falar de uma irmã da senhora Armstrong.

Poirot continuou a relatar as suas conclusões e as do médico. Bouc animou-se, ao ouvir falar do relógio parado.

- Então saberíamos a hora exata em que se deu o crime - disse ele.

- Sim - disse Poirot. - É bem provável.

Havia na sua voz uma inflexão estranha; os seus companheiros olharam-no com curiosidade.

- Disse-me que ouviu Ratchett falar ao empregado, à uma hora menos vinte minutos.

Poirot contou-lhes o que ocorrera.

- Bem - disse Bouc - isso prova, ao menos, que Cassetti... ou Ratchett (como continuo a chamá-lo) vivia, à uma hora menos vinte minutos.

- Vinte e três minutos para a uma, para ser exato.

- Então, digamos: à meia-noite e trinta e sete minutos, Ratchett ainda vivia.

O detective não replicou. Fitava pensativamente o olhar diante de si.

Bateram à porta; entrou um criado.

- O vagão-restaurante está livre, senhor - anunciou ele.

- Vamos para lá - disse Bouc, levantando-se.

- Posso acompanhá-lo? - perguntou Constantine.

- Certamente, meu caro doutor! A não ser que o senhor Poirot tenha alguma coisa em contrário.

- Nada, absolutamente - disse Poirot.

E, esquivando-se cortesmente cada qual para ceder o passo aos outros, os três homens deixaram o camarote.

O DEPOIMENTO DO CHEFE DO PESSOAL DO COMBOIO

No vagão-restaurante estava tudo pronto. Poirot e Bouc sentaram-se a uma mesa. O médico ocupou um lugar mais afastado. Na mesa diante do detective desdobrava-se uma planta do expresso Istambul-Calais, com o nome dos respectivos passageiros, marcados com tinta vermelha. Os passaportes e as passagens empilhavam-se um pouco mais além. Havia também tinta, caneta, lápis e papel.

- Muito bem - disse Poirot. - Podemos começar o inquérito.

Ouviremos primeiro o depoimento do chefe do pessoal. Conhece esse homem? Que carácter tem ele? E pessoa em cuja palavra se possa confiar?

- Certamente. Pedro Michel serve a Companhia há quinze anos. É francês... dos arredores de Calais.

Absolutamente honrado e respeitável. Talvez não muito inteligente. Poirot anuiu, com expressão compreensiva.

- Bom - disse ele. - Ouçamo-lo.

Pedro Michel recobrou parte da sua calma, mas ainda se mostrava muito nervoso.

- Espero, senhor, que não me julgue culpado dalguma negligência - disse ele, ansiosamente,

correndo o olhar de Poirot para Bouc. - O que sucedeu é horrível!

Confio em que não me julgue responsável.

Depois de tranquilizar o pobre homem, Poirot começou a interrogá-lo. Pediu-lhe primeiro o nome e o endereço, os anos de serviço, e o tempo que servia nessa linha. Já conhecia esses particulares, mas as perguntas de rotina serviam para pôr o funcionário à vontade.

- Agora - disse Poirot - passemos aos acontecimentos da noite passada. Quando se retirou o senhor MASTERMAN Ratchett para o seu aposento?

- Logo depois do jantar. No caso, antes de deixarmos Belgrado.

Pedira-me que lhe arranjasse a cama HEITOR MAC OUEEN, enquanto ele jantava, e assim fiz.

- Entrou alguém no camarote dele, mais tarde?

- O criado e o secretário.

- Mais alguém?

- Não, que eu saiba.

- Bom. E foi essa a última vez que o viu ou ouviu?

- Não, senhor. Lembra-se dele ter chamado à uma hora menos vinte minutos... pouco depois de pararmos?

- Que houve então?

- Bati à porta e ele disse-me que se enganara.

- Em inglês ou em francês?

- Em francês.

- Que disse ele?

- Enganei-me. Não é nada.

- Muito bem - disse Poirot.- Foi o que ouvi. E, depois disso, o senhor retirou-se?

- Sim, Senhor.

- Voltou ao seu lugar?

- Não. Atendi antes outra chamada.

- Agora vou fazer-lhe uma pergunta importante. Onde estava, à uma hora e um quarto?

- Eu? Estava no meu lugar.

- Tem a certeza?

- Sim... pelo menos até...

- Diga...

- Até que passei ao vagão de Atenas, para conversar com o meu colega. Falávamos da neve. Era pouco mais de uma hora... não tenho bem a certeza.

- Quando voltou?

- Voltei, para atender uma chamada... lembro-me de que lhe contei. Era a senhora americana. Tocara várias vezes.

- Lembro-me - disse Poirot. - E depois?

- Depois? Atendi a sua chamada e trouxe-lhe água mineral. Daí a meia hora fui fazer a cama noutra camarote... no do jovem americano, o secretário do senhor Ratchett.

- O senhor Mac Queen; estava só no camarote?

- Não; encontrei-o conversando com o coronel inglês do número quinze.

- Que fez o coronel, quando deixou Mac Queen?

- Voltou ao camarote dele.

- O número quinze... bem perto do seu lugar, não, Michel?

- Sim, senhor. É o segundo camarote, a partir do fundo do corredor.

- Estava feita a cama?

- Sim. Eu fizera-a, enquanto ele jantava.

- Que horas eram?

- Não sei ao certo. Não mais de duas horas, em todo o caso.

- E depois disso?

- Depois? Fiquei no meu lugar, até amanhecer.

- Não voltou ao vagão de Atenas?

- Não, senhor.

- Dormiu, talvez?

- Creio que não. Estando o comboio parado, eu não podia dormir, como de costume.

- Viu algum passageiro passar pelo corredor?
Michel refletiu.

- Uma das senhoras entrou no WC se não me engano.

- Qual delas?

- Não sei. Ela estava longe e, além disso, de costas para mim. Vestia um quimono de tecido vermelho, estampado com dragões.

Poirot anuiu.

- E depois?

- Nada mais, até amanhecer.

- Tem a certeza?

- Ah! desculpe! O senhor também abriu a porta e olhou para fora um momento.

- Bem, meu amigo - disse Poirot. - Alegro-me de que se lembre disso. Fui acordado por um rumor, semelhante ao de um corpo pesado, caindo de encontro à porta.

Tem ideia do que pode ter sido? O homem encarou-o.

- Nada, senhor. Não sei de nada!

- Tive então um pesadelo - disse Poirot, calmamente.

- A não ser - atalhou Bouc - que fosse no camarote vizinho.

Poirot não tomou nota da sugestão. Talvez não quisesse fazê-lo diante do chefe do pessoal.

- Vamos a outro assunto - disse ele. - Suponhamos que, na noite passada, um assassino entrasse no comboio. De fato, ele não poderia deixar o comboio depois de cometer esse crime?

Pedro Michel meneou a cabeça negativamente.

- Nem poderá estar escondido no comboio?

- Fizeram-se todas as buscas - atalhou Bouc. - Abandone essa ideia, meu amigo.

- Aliás - disse Michel -, ninguém poderia ter deixado a carruagem- cama sem que eu o visse.

- Qual foi a última paragem do comboio?

- Vincovci.

- A que horas!

- Creio que saímos dali às onze e cinquenta e oito. Mas, devido ao tempo, atrasámo-nos uns vinte minutos.

- Poderia alguém entrar no comboio pelas carruagens comuns?

- Não, senhor. Depois do jantar, fecha-se a porta das carruagens- camas que comunica com os vagões comuns.

- O senhor desembarcou em Vincovci?

- Sim, senhor. Desci à plataforma, como de costume, e parei no estribo do comboio. Os meus colegas fizeram o mesmo.

- E a porta próxima do vagão-restaurante?

- Está sempre fechada por dentro.

- Agora não.

Michel parou surpreendido; depois a sua fisionomia iluminou-se.

- Decerto, algum dos passageiros a abriu, para olhar a neve.

- Provavelmente - concordou Poirot.

E o detetive tamborilou com os dedos na mesa, um ou dois minutos.

- Não me repreende por isso, senhor? - perguntou

Michel timidamente.

Poirot sorriu-lhe com bondade.

- Teve pouca sorte, meu amigo - disse ele. - Ah! outra coisa! Diz que, enquanto atendia Ratchett, ouviu outra chamada? De facto; eu também ouvi.

Quem era?

- A princesa Dragomiroff. Queria que eu lhe chamasse a criada.

- Cumpriu essa ordem?

- Sim, senhor.

Poirot examinou pensativamente a planta do comboio. Depois curvou a cabeça.

- Basta, por enquanto - disse ele.

- Obrigado, senhor.

Michel levantou-se e olhou para Bouc.

- Não se aborreça - disse bondosamente o diretor da Companhia. - Não vejo neste caso nenhuma negligência da sua parte.

Aliviado, o funcionário deixou a carruagem.

II

O DEPOIMENTO DO SECRETÁRIO

Durante um ou dois minutos, Poirot refletiu.

- Creio - disse ele - que, de posse destes esclarecimentos, seria conveniente falar com o senhor Mac Queen.

O jovem americano apareceu prontamente.

- Bem - disse ele. - Como vão as coisas?

- Não muito mal. Descobri alguma coisa... a identidade do senhor Ratchett.

Mac Queen animou-se:

- Sim? - perguntou.

- Ratchett, como o senhor suspeitava, não passava de um nome falso. Ratchett era Casseti, o

homem que se celebrizou em raptar crianças... inclusive no famoso caso da pequena Margarida Armstrong.

Uma expressão de espanto passou pela fisionomia de Mac Queen; depois uma sombra escureceu-lhe o rosto.

- Maldita raposa! - exclamou ele.

- Não desconfiava disso, senhor Mac Queen?

- Não - disse resolutamente o jovem americano. - De contrário, preferia cortar a mão direita a servir-lhe de secretário.

- Esse caso impressiona-o muito, senhor Mac Queen.

- Tenho razões particulares para isso. Meu pai era o procurador distrital encarregado do caso. Vi mais de uma vez a senhora Armstrong... era uma pessoa muito amável. Tão gentil e tão desolada! - O rosto do jovem tornou-se sombrio. - Se alguma vez um homem mereceu o que obteve, esse homem foi Ratchett... ou Casseti. Não lhe lamento a morte. Esse indivíduo não era digno de viver!

- O senhor fala como se tivesse pensado em matá-lo.

- De fato. Eu... - o jovem calou-se um momento, para depois prosseguir, muito vermelho. - Parece que me estou acusando.

- Inspirar-me-ia mais suspeitas, se mostrasse um desgosto exagerado pela morte do seu patrão.

- Creio que não o fingiria, nem para me salvar da morte - disse Mac Queen, com ar sombrio.

Depois acrescentou:

- Se não for indiscrição, diga-me como conseguiu descobrir isso? Quero dizer: a identidade de Ratchett.

- Por um pedaço de papel, que encontrei no camarote dele.

- Foi então um descuido do velho?

- Conforme o ponto de vista - replicou Poirot.

Parecendo desconfiar dessa resposta, o rapaz encarou o detective, como se esperasse fazê-lo falar.

- O que tenho a fazer - disse Poirot - é averiguar os movimentos de todos os passageiros do comboio. Ninguém se deve ofender com isto. É apenas uma formalidade.

- Certamente. Continue, e eu explicar-lhe-ei tudo o que puder a meu respeito.

- Não preciso perguntar-lhe o número do seu camarote - disse Poirot, sorrindo - porque o partilhei com o senhor uma noite. É um camarote de segunda classe, número seis e sete, ocupado exclusivamente pelo senhor, depois que eu saí.

- Muito bem.

- Agora, senhor Mac Queen, quero que me diga o que fez na noite passada, desde que deixou a carruagem-restaurante.

- É muito simples. Fui ao meu camarote, li um pouco, desembarquei na plataforma de Belgrado e, como fazia muito frio, tornei a embarcar. Falei um instante com uma rapariga inglesa, que ocupa um camarote próximo do meu, e, em seguida, entretive-me a conversar com o coronel Arbuthnot. Lembrou-me até de que o senhor passou pelo corredor, enquanto falávamos. Mais tarde, fui ao camarote do senhor Ratchett buscar umas notas, como já lhe disse. Depois dei-lhe as boas-noites e saí. O coronel Arbuthnot ainda passeava no corredor. O seu camarote estava pronto para a noite e eu convidei-o a acompanhar-me até ao meu.

Pedi bebidas e pusemo-nos então a discutir vários assuntos.

- Sabe dizer a que horas se separaram?

- Muito tarde, cerca das duas horas, segundo creio.

- Notou que o comboio tinha parado?

- Sim. Admirámo-nos um pouco. Olhámos para fora e vimos a neve espessa que nos cercava; não julgámos, porém, que fosse caso sério.

- Que sucedeu, quando, afinal, o coronel Arbuthnot lhe deu as boas-noites?

- Logo que ele se afastou, mandei chamar o chefe do pessoal para arranjar a minha cama.

- Onde ficou o senhor, enquanto ele fazia esse serviço?

- No limiar, fumando um cigarro.

- E depois?

- Depois? Deitei-me e dormi até ao amanhecer.

- Ontem à tarde não desembarcou?

- Arbuthnot e eu queríamos descer em... (como se chama esse lugar?) Vincovci... para fazer um pouco de exercício. Mas fazia muito frio. Voltámos logo.

- Por onde deixou o comboio?

- Por uma porta, próxima do nosso camarote.

- A porta contígua ao vagão-restaurante?

- Sim.

- Não se lembra se estava trancada? Mac Queen refletiu.

- Sim, parece-me que estava. Havia uma tranca... uma espécie de ferrolho no trinco da porta. É a isso que se refere?

- Sim. Quando voltou, colocou de novo a tranca?

- Não sei... creio que não... É ponto de importância? - perguntou subitamente o rapaz.

- Não sei. Pode ser. Suponho que, enquanto o senhor falava com o coronel Arbuthnot, a porta do seu camarote estava aberta, não?

Mac Queen anuiu.

- Gostaria que me dissesse, se alguém passou pelo corredor, desde que deixámos Vincovci, até que o senhor se separou do coronel.

Mac Queen franziu as sobrancelhas.

- Vi o chefe do pessoal passar uma vez, vindo do vagão-restaurant. E uma mulher passou na direção da mesma carruagem.

- Quem era?

- Não sei. Não prestei atenção. Discutia com Arbuthnot. Vislumbrei apenas um reflexo de seda escarlate; não a olhei.

Aliás, não lhe veria o rosto. Como sabe, o meu camarote é fronteiro ao vagão-restaurant, e, indo nessa direção, a passageira devia forçosamente voltar-me as costas.

Poirot anuiu.

- Ela ia talvez ao WC.

- Presumo que sim.

- Viu-a voltar?

- Não; agora lembro-me de que não a vi passar. Mas suponho que voltou.

- Mais uma pergunta: fuma cachimbo, senhor Mac Queen?

- Não, senhor.

Poirot calou-se um instante.

- Por ora, basta - disse enfim. - Gostaria agora de falar com o criado de Ratchett. A propósito, o senhor e ele viajavam sempre na segunda classe?

- Ele sim. Eu quase sempre ia em primeira, no camarote contíguo ao do senhor Ratchett. Ele punha quase todas as suas bagagens no meu camarote e assim tinha-as, como a mim, ao alcance da mão. Mas, desta vez, todos os camarotes de primeira classe estavam tomados, excepto o dele.

- Compreendo. Obrigado, senhor Mac Queen.

III

O DEPOIMENTO DO CRIADO

Ao americano seguiu-se o inglês, de rosto pálido e inexpressivo, que Poirot avistara dias antes. Perfilado, esperava corretamente as ordens do detective, que o mandou sentar-se.

- Ouvi dizer que era o criado do senhor Ratchett.

- Sim, senhor.

- Como se chama?

- Eduardo Henrique Masterman.

- Que idade tem?

- Trinta e nove anos.

- O seu endereço?

- Friar Street número vinte e um, Clerkenwell.

- Sabe que o seu amo foi assassinado?

- Sim. É um facto impressionante.

- Quer dizer-me quando viu pela última vez o senhor Ratchett? O criado refletiu.

- Deviam ser nove horas, ou pouco mais.

- Diga-me o que houve.

- Fui ao camarote do senhor Ratchett, como de costume, pedir-lhe as ordens.

- Quais eram as suas obrigações?

- Dobrar e pendurar-lhe a roupa. Pôr na água a dentadura postiça e cuidar de que nada lhe faltasse, durante a noite.

- Notou alguma diferença no modo dele? O criado refletiu um instante.

- Desconfio que ele estava um pouco agitado.

- Por quê?

- Por causa de uma carta que recebera. Perguntou-me se era eu que a tinha posto no camarote. Naturalmente respondi-lhe que não; ele, porém praguejou e reclamou contra tudo o que fiz.

- Isso não era natural nele?

- Oh! bem natural; ele encolerizava-se frequentemente... em geral sempre que estava agitado.

- O seu amo costumava tomar algum narcótico? Constantine agitou-se.

- Em viagem, sim. Dizia que, de contrário, não poderia dormir.

- Sabe o que ele costumava tomar?

- Não sei. Não havia rótulo no frasco. Unicamente esta indicação: soporífero para tomar à hora de dormir.

- O senhor Ratchett fez uso dele, na noite passada?

- Sim, senhor. Eu mesmo o preparei.

- Não o viu tomar?

- Não, senhor.

- Que sucedeu depois?

- Perguntei-lhe se desejava mais alguma coisa e a que horas queria que o acordasse no outro dia. Respondeu-me que, enquanto não me chamasse, não queria ser perturbado.

- Costumava proceder assim?

- Sim, senhor. Quando estava disposto a levantar-se, mandava-me chamar pelo chefe do pessoal do comboio.

- Levantava-se cedo ou tarde?

- Conforme. Às vezes cedo, outras vezes só à hora do almoço.

- Assim não estranhou, esta manhã, que não o chamassem?

- Não, senhor.

- Sabia que o seu amo tinha inimigos?

- Sim, senhor.

O criado não manifestava a menor perturbação.

- Como o sabia?

- Ouvi o meu amo discutir com o senhor Mac Queen, acerca de umas cartas.

- Tinha alguma amizade ao seu amo, Masterman?

O rosto do criado perdeu um pouco da habitual impassibilidade.

- Propriamente não. Entretanto, ele era muito generoso.

- E você não gostava dele?

- Não gosto muito dos Americanos.

- Já estive na América?

- Não, senhor.

- Lembra-se de ter lido alguma coisa acerca do caso Armstrong? O criado corou levemente.

- Sim. Uma menina, não é verdade? Um caso impressionante.

- Sabia que o seu amo foi o principal responsável desse caso?

- Não, decerto! - replicou o criado com calor e sentimento. - Mal posso imaginar semelhante coisa.

- Entretanto, é verdade. Agora vejamos: que fez na noite passada? É apenas uma formalidade, compreende? Que fez, depois de deixar o seu amo?

- Disse ao senhor Mac Queen que o patrão lhe queria falar. Depois fui para o meu camarote e li.

- O seu camarote é o...?

- O último da segunda classe. Perto do vagão-restaurante. Poirot deitou um olhar à planta do comboio.

- Compreendo... e qual é o seu beliche?

- O de baixo.

- O número quatro?

- Sim, senhor.

- Tem algum companheiro de camarote?

- Sim. Um rapaz italiano.

- E esse fala inglês?

- Ora, uma espécie de inglês - disse o criado, com desdém. - Esteve na América... em Chicago... segundo ouvi dizer.

- Conversam muito?

- Não, senhor. Eu prefiro ler.

Poirot sorriu. Ele imaginava a cena... o italiano robusto e volúvel e o ar de censura desse espécime de gentleman.

- Posso perguntar-lhe o que lê? - continuou o detective.

- Agora estou lendo o Cativo do Amor da senhora Arabela Richardson.

- É um bom livro?

- É muito divertido.

- Bem; continuemos. Voltou então ao camarote e pôs-se a ler o Cativo do Amor... Até quando?

- Cerca das dez e meia, o italiano quis dormir e o chefe do pessoal veio arranjar as camas.

- Deitou-se e dormiu?

- Deitei-me, porém não pude dormir.

- Por quê?

- Tinha dor de dentes.

- Ora, ora!... isso é doloroso.

- Muito!

- Fez algum curativo?

- Um pouco de óleo de cravo, mas assim mesmo não pude dormir. Então acendi a luz e continuei a ler, para me distrair.

- E não dormiu a noite toda?

- Adormeci pelas quatro horas da madrugada.

- E o seu companheiro?

- O rapaz italiano? Oh! chegou a roncar!

- Não o viu sair do camarote, durante a noite?

- Não, senhor.

- E você?

- Também não saí.

- Ouviu alguma coisa?

- Não. Nada de estranho, pelo menos. Quando o comboio parou tudo estava no maior silêncio.

Poirot calou-se um instante, depois prosseguiu:

- Bem, creio que é tudo. Nada mais pode adiantar?

- Infelizmente, não.

- Não sabe se havia alguma desinteligência entre o seu amo e o senhor Mac Queen?

- Oh! não, senhor. Mac Queen é um cavalheiro muito amável.

- Onde estava antes de servir o senhor Ratchett?

- Eu? Em casa do senhor Henry Tomlinson, em Grosvenor Square.

- Porque deixou o emprego?

- O meu amo partiu para a África Oriental, dispensando os meus serviços. Estive com ele vários anos.

- Há quanto tempo servia o senhor Ratchett?

- Há uns nove meses, senhor.

- Obrigado, Masterman. Escute: costuma fumar cachimbo?

- Não, senhor, fumo só cigarros.

- Está bem. Por enquanto, não preciso de mais nada.

E, com um aceno, Poirot despediu o criado. Este hesitou um instante. Por fim, disse:

- Desculpe-me, senhor, mas a senhora americana está num estado incrível de excitação. Leva-a a dizer que sabe tudo acerca do assassino.

- Nesse caso - disse Poirot, sorrindo - será melhor ouvi-la em primeiro lugar.

- Quer que a chame, senhor? Ela está aí, a pedir que uma autoridade a ouça. O chefe do pessoal tentou inutilmente acalmá-la.

- Então chame-a - concordou Poirot. - Ouviremos imediatamente o seu depoimento.

IV

O DEPOIMENTO DA SENHORA HUBBARD

A senhora Hubbard entrou no vagão-restaurante tão excitada, que mal podia falar.

- Mas, digam-me uma coisa; não há uma autoridade aqui? Tenho importantes declarações a fazer e desejo prestá-las diante de uma autoridade. Se os senhores, cavalheiros...

A americana correu o olhar pelos três homens. Poirot inclinou-se.

- Diga-me tudo o que sabe, minha senhora. Mas antes, queira sentar-se.

A senhora Hubbard caiu pesadamente na cadeira fronteira à do detective.

- O que tenho a dizer é o seguinte: havia um assassino no comboio, esta noite, e ele estava exatamente no meu camarote.

A americana calou-se, para emprestar certa ênfase dramática à sua declaração.

- Tem a certeza, minha senhora?

- Naturalmente! Que ideia! Sei o que digo! Dir-lhe-ei tudo o que sei. Ontem deitei-me, adormeci e acordei sobressaltada... estava escuro... e eu vi um homem no meu camarote. Apanhei

tamanho susto, que nem tive coragem de gritar. Fiquei imóvel e pensei:

Pronto! Vou ser assassinada! Não lhe posso descrever o que senti. Estes malditos comboios!, pensei, lembrando-me de todos os atentados que li. Reflecti, contudo, que ele não me poderia roubar as jóias, que trago escondidas numa meia, debaixo do travesseiro... não é muito confortável, convenhamos, porém, encontrarei melhor, se puder. Mas... onde estava eu?

- Dizia que percebeu a presença de um homem no seu camarote.

- Bem. Então, como disse, fiquei deitada, de olhos fechados, pensando: Felizmente a minha ilha ignora o apuro em que me acho! Depois recobrei o sangue-frio e chamei o chefe do pessoal. Cansei-me de tocar, sem que ele atendesse. Juro-lhe que pensei que o meu coração parasse de bater. "Misericórdia!, disse comigo mesma, todos foram assassinados neste comboio!

Estávamos parados e reinava profundo silêncio.

Continuei, porém, a premir o botão, até ouvir, com grande alívio, o chefe do pessoal do comboio, que veio, correndo, bater à porta. Entre! - gritei. Acredita que não havia ninguém no camarote?

E a senhora Hubbard calou-se observando o efeito da sua revelação.

- E depois, minha senhora?

- Conteí tudo ao chefe do pessoal que não quis acreditar-me. Julgava que eu tivesse sonhado. Mandeí-o revistar debaixo da cama, embora ele dissesse que não havia no camarote espaço suficiente para um homem se esconder. Era evidente que o criminoso fugira e eu quase enlouqueci com as palavras que me dizia o chefe do pessoal do comboio para me acalmar. Eu não costumo mentir... senhor... como é o seu nome?

- Poirot, minha senhora; este cavalheiro é o senhor Bouc, diretor da Companhia, e o doutor Constantine.

- Muito prazer em conhecê-los - murmurou distraidamente a senhora Hubbard.

E, voltando à sua narração, continuou:

- Confesso que eu poderia ter sido mais esperta.

No primeiro momento, imaginei que fosse o meu vizinho... o pobre homem que foi assassinado. Mandeí o chefe do pessoal examinar a porta de comunicação, certa de que não estava trancada. Fí-lo pôr a tranca e, quando ele saiu, para maior

segurança, levantei-me e empurrei uma mala de encontro à porta.

- Que horas eram, senhora Hubbard?

- Não sei ao certo. Nem me lembrei de ver.

Estava tão agitada!

- E qual é a sua opinião, agora?

- Ora! É claro que o homem que vi no meu camarote era o assassino. Quem mais há-de ser?

- Supõe que ele passou ao camarote vizinho?

- Como quer que saiba? Eu tinha os olhos bem fechados.

- Ele pode ter fugido para o corredor.

- Não sei. Como já lhe disse, tinha os olhos fechados.

E a senhora Hubbard pôs-se a soluçar convulsiva mente.

- Misericórdia! Que susto! Se a minha filha soubesse...

- Quem sabe se o barulho que ouviu não provinha do quarto onde se deu o crime?

- Não, senhor... senhor Poirot. O homem estava no meu camarote. Tenho provas!

E a americana exibiu triunfalmente uma maleta de mão, em cujo interior se pôs a remexer. Apareceram sucessivamente dois lenços, um par de óculos de aros de tartaruga, um tubo de aspirina,

um pacote de sal Glauber, um tubo de celulóide de hortelã pimenta, um maço de chaves, um par de tesouras, uma caderneta de cheques de expresso americano, um instantâneo de uma criança de aspecto vulgar, algumas cartas, cinco fios de contas falsas do Oriente e por fim um botão de metal.

- Vê este botão? Não é meu. Encontrei-o esta manhã, quando me levantei.

Mal a velha senhora o pousou na mesa, Bouc inclinou-se e soltou uma exclamação.

- Mas é um botão da jaqueta dos empregados da carruagem-cama!

- Há uma explicação natural para isso - disse Poirot.

Depois, voltando-se para a americana, prosseguiu amavelmente:

- Este botão pode ter sido perdido pelo chefe do pessoal quando revistava o camarote ou quando arranjou a cama.

- Não sei o que querem dizer. Mas creio que fazem objeções.

Agora escutem: ontem, antes de me deitar, lia uma revista; indo apagar a luz, larguei a revista num banco perto da janela. Compreenderam?

E, como eles respondessem afirmativamente, a velha senhora continuou:

- Bem; o chefe do pessoal revistou o camarote, trancou a porta de comunicação, mas esqueceu-se de chegar à janela. Pois bem, esta manhã encontrei o botão em cima da revista. Que chamam a isto, pode saber-se?

- Na minha opinião, chama-se um indício, minha senhora - replicou o detective.

Essa resposta pareceu sossegar a americana.

- Quase enlouqueço, quando não acreditam no que digo! - explicou ela.

- A senhora trouxe-nos o indício mais claro e valioso - disse Poirot suavemente. - Agora dá licença para que lhe faça umas perguntas?

- Como não? Da melhor vontade.

- Por que razão, desde que suspeitava de Ratchett, não trancou a porta que comunicava com o camarote dele?

- Eu tinha-a trancado - afirmou resolutamente a senhora Hubbard.

- Ah! sim?

- Ou antes: perguntei à senhora sueca (uma excelente criatura) se a porta estava trancada e ela respondeu-me que sim.

- Porque não a examinou por si mesma?

- Porque eu estava deitada e o meu saco de esponjas, pendurado no trinco da porta.

- Que horas eram, quando fez essa pergunta à sua companheira?

- Vejamos: talvez dez e meia ou onze menos um quarto. Ela veio pedir-me uma aspirina. E eu disse-lhe onde a podia encontrar.

- Estava deitada?

- Sim.

De súbito, a velha americana riu-se:

- Pobre criatura... estava fora de si. Imagine que abriu por engano, a porta do camarote vizinho.

- Do senhor Ratchett?

- Sim. O senhor sabe como é difícil andar pelo comboio quando todas as portas estão fechadas. Ela enganou-se. Ficou desesperada. Ao que parece, ele soltou uma gargalhada e desconfio que foi um tanto grosseiro. Coitada! Ela desculpou-se: Enganei-me, senhor.

Tenho horror de me enganar." E ele respondeu: Já está muito velha.

Constantine abafou uma risada; a velha americana fulminou-o com um olhar.

- Era um mau tipo - disse ela. - Dizer isso a uma senhora! Não se deve rir destas coisas!

Constantine apressou-se a pedir desculpas.

- Ouviu algum ruído no camarote do senhor Ratchett? - perguntou Poirot.

- Bem... isto é...

- Que quer dizer, minha senhora?

- Bem...

A americana calou-se um instante, depois acrescentou:

- Ele roncava.

- Ah! Sim?

- Terrivelmente! Na noite anterior, não me deixara dormir.

- Não o ouviu roncar, depois de ver o homem no seu camarote?

- Como seria possível, senhor Poirot, se ele estava morto?

- Ah! é verdade - concordou o detective, visivelmente confuso. E acrescentou:

- Lembra-se do caso Armstrong, senhora Hubbard?

- Sim, naturalmente. E o criminoso conseguiu escapar! Quisera tê-lo nas minhas mãos!

- Não escapou. Está morto. Morreu esta noite.

- Não quererá dizer...

E a senhora, muito excitada, quase chegou a levantar-se.

- Isso mesmo. Ratchett era o criminoso.

- Ah! Quem o poderia imaginar? Vou escrever à minha filha. Não lhe disse, ontem à noite, que ele

tinha uma cara diabólica? Era verdade! A minha filha sempre diz: "Quando a mamã tem uma suspeita, podem apostar que é certa.

- Conhecia algum membro da família Armstrong, minha senhora?

- Não. Eles viviam num círculo de relações muito restrito. Porém, ouvi dizer que senhora Armstrong era adorável e que o marido a idolatrava.

- Bem. A senhora auxiliou-nos muito... imensamente. Não nos quer dar o seu nome por extenso?

- Sem dúvida. Carolina Marta Hubbard.

- Quer escrever o seu endereço aqui?

A americana obedeceu, continuando, porém, a falar.

- Nunca imaginei semelhante coisa. Cassetti neste comboio! Eu desconfiava desse homem, não é verdade, senhor Poirot?

- É verdade, minha senhora. Escute! Traz acaso um quimono de seda escarlata?

- Misericórdia! Que pergunta extravagante! Não tenho, não! Trouxe dois roupões... um de flanela cor-de-rosa, próprio para uma viagem por mar, e outro que a minha filha me deu... um de

seda cor de púrpura. Mas, que lhe pode adiantar a cor dos meus roupões?

- Minha senhora, uma pessoa de quimono escarlate entrou, na noite passada, no seu camarote ou no de Ratchett. Como muito bem diz, é fácil o engano quando todas as portas estão fechadas.

- Ninguém entrou no meu camarote de quimono vermelho.

- Então foi no de Ratchett.

A Sr.a Hubbard apertou os lábios e disse com ar sombrio:

- Isso não me surpreende.

Poirot agitou-se.

- Ouviu alguma voz de mulher no camarote contíguo?

- Não sei como pode imaginar isso, senhor Poirot! Não ouvi! Bom... Vamos ver... creio que ouvi.

- Entretanto afirmou, há pouco, que só ouvira Ratchett roncar.

- E é verdade. Ele roncou parte do tempo. Quanto ao resto... A Sr.a Hubbard corou levemente.

- Não gosto de falar nesse assunto...

- A que horas ouviu essa voz de mulher?

- Não lhe sei dizer. Em certo momento, acordei e ouvi uma voz feminina. Não me custou

perceber donde provinha e pensei: Não me enganei a respeito desse tipo! Tornei a adormecer e juro que não teria dito semelhante coisa a três cavalheiros se, por assim dizer, os senhores não me obrigassem a falar.

- Foi antes de dar com o homem no seu camarote?

- De novo a mesma pergunta? Julga que ele poderia falar a uma mulher, depois de morto?

- Desculpe. A senhora deve julgar-me bem tolo!

- Calculo que deve andar tonto. Não posso compreender como esse monstro do Cassetti... A minha filha dirá...

Poirot levou habilmente a velha dama a arrumar a maleta e acompanhou-a até à porta. No limiar, disse-lhe:

- A senhora perdeu um lenço.

A americana olhou o lencinho de cambraia que o detective lhe estendia.

- Não é meu, senhor Poirot. Tenho o meu aqui.

- Desculpe. Pensei que fosse... por causa desta inicial H...

- Curioso! Porém, não é meu. Os meus trazem as iniciais C. M. H., e são grandes... e não trapos caros de Paris. De que serve um lenço desses?

Nenhum dos três homens replicou e a Sr.a Hubbard saiu, triunfante.

V

O DEPOIMENTO DA SENHORA S UECA

Bouc examinava o botão que a velha americana deixara na mesa.

- Não posso explicar o aparecimento deste botão. Quererá dizer que Pedro Michel está envolvido nisto? - disse ele.

Após breve pausa, vendo que Poirot não respondia, perguntou-lhe:

- Que tem a dizer, meu amigo?

- Esse botão sugere muitas possibilidades - disse Poirot, pensativo. - Antes de discutirmos o depoimento que acabamos de ouvir, interroguemos a passageira sueca.

Poirot remexeu na pilha de passaportes que tinha diante de si.

- Ah! Aqui está! Greta Ohlsson, quarenta e nove anos.

Bouc deu ordem ao empregado do vagão-restaurante para que chamassem a senhora sueca e, pouco depois, a senhora de cabelos amarelados e

rosto meigo de carneiro, apareceu. Deitou através dos óculos um rápido olhar a Poirot, mas aparentava calma.

O interrogatório desenrolou-se em francês, idioma que ela conhecia muito bem. Poirot pediu-lhe o nome, a idade, o endereço e depois a profissão. A sueca respondeu-lhe que dirigia uma escola missionária perto de Istambul. Era enfermeira.

- Decerto já sabe o que aconteceu esta noite.

- Naturalmente. Foi horrível! A senhora americana disse-me que o criminoso estava no camarote dela.

- Ouvi dizer que foi a senhora quem viu a vítima pela última vez.

- Não sei. É provável. Abri a porta dele por engano. Fiquei muito envergonhada. Foi um engano lamentável.

- Viu-o, então?

- Sim. Ele estava a ler. Desculpei-me e saí logo.

- Ele disse-lhe alguma coisa? A enfermeira corou.

- Riu-se e disse qualquer coisa que não entendi bem.

- E que fez a senhora, depois disso? - indagou Poirot, mudando de assunto.

- Fui ao camarote da senhora americana e pedi-lhe uma aspirina.

- E não examinou, a pedido dela, se a porta de comunicação com o camarote de Ratchett estava trancada?

- Sim.

- Estava?

- Sim, senhor.

- E depois?

- Depois, voltei ao meu camarote. Tomei a aspirina e deitei-me.

- Que horas eram?

- Quando me deitei faltavam cinco para as onze.

Sei ao certo, porque olhei para o relógio, antes de o tirar.

- Dormiu logo?

- Não. Embora melhorasse da dor de cabeça fiquei muito tempo acordada.

- Parou o comboio, antes da senhora adormecer?

- Creio que não. Parávamos numa estação, creio, quando comecei a adormecer.

- Era Vincovci, com certeza - observou o detective. E, apontando a planta, perguntou:

- É este o seu camarote, minha senhora?

- É esse mesmo.

- Tem o beliche de cima ou o de baixo?

- O de baixo; número dez.

- Tem alguma companheira?

- Sim, uma rapariga inglesa. Muito boa e amável. Vem de Bagdade.

- Depois que o comboio saiu de Vincovci, a rapariga deixou o camarote?

- Tenho a certeza de que não saiu.

- Como pode ter a certeza, se estava a dormir.

- Tenho um sono muito leve. Acordo ao mínimo ruído. Descendo do seu beliche, ela ter-me-ia acordado.

- E a senhora? Saiu do camarote?

- Não. Só esta manhã.

- Usa um quimono vermelho, minha senhora?

- Não, tenho um roupão muito cómodo de tecido Jaeger.

- E a menina Debenham? De que cor é o roupão dela?

- É de um tecido lilás, comum no Oriente.

Poirot anuiu. Depois continuou, em tom amigável:

- Com que fim faz esta viagem? Está em férias?

- Sim, volto para casa em gozo de férias. Antes, porém, irei a Lausanne passar uma semana com a minha irmã.

- Quer fazer o favor de me dar o nome e o endereço da sua irmã?

- Com todo o prazer.

E, tomando o lápis e papel a sueca satisfaz o desejo de Poirot.

- Já estive na América, minha senhora?

- Não. Estive quase para ir uma vez. Devia acompanhar uma senhora doente, mas, à última hora, fui dispensada. Lamentei-o bastante. Os Americanos são muito bons. Dão muito dinheiro para fundar escolas e hospitais. São muito práticos.

- Lembra-se de ter ouvido falar do caso Armstrong?

- Não... de que se tratava?

Poirot deu-lhe as explicações indispensáveis.

Greta Ohlsson indignou-se; o rolo dos cabelos amarelados tremia-lhe.

- Parece incrível que haja no mundo semelhante indivíduo! É quase de duvidar. Pobre mãe! Lamento-a sinceramente.

E a boa enfermeira deixou o aposento, comovida e com os olhos húmidos.

Poirot escrevia rapidamente num pedaço de papel.

- Que está fazendo, meu amigo? - perguntou Bouc.

- Meu caro, é meu costume proceder com ordem.

Estou fazendo uma espécie de esquema dos acontecimentos. Terminando de escrever, o belga passou o papel ao amigo que leu:

9h15 - O comboio deixa Belgrado.

9h40, aproximadamente - O criado retira-se do camarote de Ratchett, depois de preparar o soporífero.

10 horas - Mac Queen despede-se de Ratchett.

10h40 - Greta Ohlsson, a última pessoa que viu Ratchett vivo, encontra-o acordado lendo.

0h10 - O comboio deixa Vincovci.

0h30 - O comboio apanha uma tempestade de neve.

0h37 - Chamam do camarote de Ratchett. O chefe do pessoal acode e de dentro respondem-lhe: "Não é nada; enganei-me."

1h17 aproximadamente - A Sra. Hubbard julga ver um homem no seu camarote e chama o chefe do pessoal.

Terminada a leitura, Bouc fez um sinal de aprovação e observou:

- Está muito bem!

- Não há nisso nada que lhe pareça estranho? - perguntou Poirot.

- Não; tudo está muito claro. É evidente que o crime foi praticado à uma hora e um quarto. O relógio no-lo mostra e o depoimento da senhora Hubbard confirma-o. Tenho uma ideia, quanto à identidade do criminoso. Desconfio desse italiano corpulento. Ele vem da América... de Chicago... e lembre-se de que a faca é a arma do Italiano e que a vítima foi apunhalada não uma e sim várias vezes.

- É verdade.

- Eis, sem dúvida, a solução do mistério. Talvez que esse homem estivesse implicado com Ratchett no caso Armstrong. Casseti é também nome italiano. Provavelmente Ratchett logrou o outro e este perseguiu-o, escreveu-lhe cartas ameaçadoras e finalmente vingou-se desse modo. É bem possível. Poirot meneou a cabeça em ar de dúvida.

- Não é tão simples como parece - ponderou ele.

- Tenho a certeza de que é assim - insistiu Bouc, cada vez mais encantado com a sua opinião.

- Que disse, então, o criado com dor de dentes? Não jurou que o italiano não saíra do camarote?

- Eis a dificuldade! Poirot piscou os olhos.

- De facto, isto aborrece. Infelizmente para o senhor e infelizmente para o nosso amigo italiano, o criado de Ratchett tinha dor de dentes.

- Tudo está esclarecido - afirmou Bouc, com certeza inabalável.

Poirot tornou a menear a cabeça e murmurou:

- Não é tão simples assim!

VI

O DEPOIMENTO DA PRINCESA RUSSA

- Vejamos o que o Pedro Michel sabe dizer deste botão.

O chefe do pessoal foi chamado novamente. Entrando, deitou aos presentes um olhar interrogador.

Bouc pigarreou.

- Michel - disse ele - eis um botão do seu uniforme, encontrado no camarote da senhora americana.

Que sabe dizer disto?

O empregado levou maquinalmente a mão à jaqueta.

- Não perdi nenhum botão - disse ele. - Deve haver engano.

- É estranho!

- Nada posso adiantar, senhor diretor.

Apesar de surpreso, o funcionário não mostrava nenhum embaraço ou confusão.

Bouc prosseguiu:

- Dadas as circunstâncias em que se encontrou este botão, talvez pertença ao homem que estava no camarote da senhora Hubbard, esta noite, quando ela tocou a campainha.

- Mas não havia ninguém ali! A senhora Hubbard deve ter sonhado.

- Ela não podia sonhar semelhante coisa, Michel.

O assassino do senhor Ratchett fugiu pelo camarote dela e perdeu este botão.

A estas palavras do diretor, que o atingiam diretamente, Michel manifestou violenta agitação.

- Não é verdade! Não! - bradou ele. - Acusam-me do crime!

Eu? estou inocente! Absolutamente inocente! Porque havia de matar um homem que nunca vi?

- Onde estava, quando a senhora Hubbard o chamou?

- Já lhe disse. Estava na outra carruagem conversando com um colega.

- Mandarei chamar esse homem.

- Pois bem, senhor! Faça isso! Peço-o por favor!

Chamado, o chefe da carruagem confirmou logo as declarações de Michel, acrescentando que o seu colega do vagão de Bucareste também estava presente. Todos três comentavam a situação, criada pela tormenta de neve. Ao fim de dez minutos, Pedro Michel julgara ouvir uma chamada. Abrindo as portas de comunicação com os outros vagões, todos três tinham ouvido soar com insistência uma campainha. Michel correria a atender.

- Como vê, não sou culpado - disse Michel, ansioso.

- Como explica o aparecimento deste botão?

- Não sei. É um mistério. Não perdi nenhum botão.

Os outros dois empregados também afirmaram não ter perdido nenhum. Demais, nenhum deles entrara no camarote da senhora Hubbard.

- Sossegue, Michel - disse Bouc - e lembre-se do momento em que foi atender a senhora Hubbard.

Encontrou alguém no corredor?

- Não, senhor.

- Viu alguém afastar-se noutra direção?

- Não, senhor.

- É estranho! - ponderou Bouc.

- Não tanto - replicou o detective. - É questão de tempo. Acordando, a senhora Hubbard deu com um estranho no camarote. Durante um ou dois minutos, ficou paralisada e de olhos fechados. Evidentemente isso bastou para que o homem se escapulisse pelo corredor. Só então ela tocou a campainha. O chefe do pessoal não atendeu logo. Ouviu apenas a terceira ou quarta chamada. Houve tempo suficiente para...

- Para quê? Para quê, meu caro? Lembre-se de que o comboio está completamente cercado pela neve.

- Havia duas saídas para o nosso misterioso assassino - disse Poirot lentamente. - Entrar num dos vários WC ou num dos camarotes.

- Estavam todos ocupados.

- De fato.

- Quer dizer então que ele entrou no próprio camarote? Poirot anuiu.

- Estranho! Estranho! - repetiu Bouc. - Durante esses dez minutos de ausência do chefe do pessoal, o assassino saiu do seu camarote e entrou no de Ratchett, matou o americano, trancou e pôs o cadeado na porta, invadiu o camarote da senhora Hubbard e voltou, são e salvo, ao seu camarote, antes que chegasse o chefe do pessoal.

- Não é tão simples como parece, meu amigo - murmurou o detective. - O nosso amigo, doutor Constantine, lhe dirá a mesma coisa.

Com um gesto, Bouc despediu os três empregados.

- Falta-nos ainda interrogar oito passageiros - disse Poirot. - Cinco da primeira classe: princesa Dragomiroff, conde e condessa Andrenyi, coronel Arbuthnot e o senhor Hardman, e três da segunda classe: a menina Debenham, Antóneo Foscarelli e a criada alemã, fraulein Schmidt.

- Quem será o primeiro... o italiano?

- Não quer largar o italiano! Não; começaremos pelo cimo da árvore. Talvez a princesa se digne conceder-nos alguns minutos do seu tempo. Chame-a, Michel.

- Sim, senhor - replicou o francês, enquanto ia saindo.

- Diga-lhe que poderá receber-nos no camarote, se quiser. Não precisa ter o incómodo de vir até cá - recomendou Bouc.

Mas a princesa Dragomiroff declinou essa oferta; apresentou-se no vagão-restaurant e, cumprimentando com um leve aceno, sentou-se diante de Poirot.

A dama tinha o rosto ainda mais amarelado do que na véspera. Era feia, de facto; contudo, os seus olhos negros e imperiosos, brilhantes como pedras preciosas, revelavam uma energia latente e um poder intelectual que se poderia fazer sentir.

A sua voz era profunda, clara e um tanto estridente.

- Não precisam desculpar-se, senhores - disse ela, interrompendo a frase obsequiosa de Bouc. - Sei que houve um assassinato. Naturalmente precisam de interrogar todos os passageiros. Estou pronta a ajudá-los no que puder.

- E muita bondade sua, minha senhora - disse Poirot.

- De modo nenhum. É um dever. Que deseja saber de mim?

- O seu nome de baptismo e o endereço, minha senhora. Talvez prefira escrevê-los?

Poirot estendeu uma folha de papel, que a princesa repeliu.

- Pode tomar nota - disse ela. - Não é difícil...

Natália Dragomiroff, Avenida Kléber, dezassete, Paris.

- Vem de Constantinopla, minha senhora?

- Sim. Estive na Embaixada austríaca. Acompanha-me uma criada.

- Quer ter a bondade de me relatar o que fez na noite passada, depois do jantar?

- Com prazer. Enquanto jantava, pedi ao chefe do pessoal do comboio que me fizesse a cama. Deitei-me logo depois do jantar. Li até às onze horas e apaguei a luz. Não podia dormir, por causa de umas dores reumáticas de que sofro. Cerca da uma hora, chamei a minha criada. Ela fez-me algumas massagens e leu em voz alta até que adormeci. Não sei dizer a que horas ela saiu. Talvez meia hora depois.

- O comboio já havia parado?

- Sim.

- Nada ouviu de estranho, durante esse tempo, minha senhora?

- Nada.

- Como se chama a sua criada?

- Hildegarde Schmidt.

- Há muito tempo que a serve?

- Há quinze anos.

- Considera-a pessoa de confiança?

- De absoluta confiança. Nasceu numa propriedade de meu marido, na Alemanha.

- Já estive na América, minha senhora?

À súbita mudança de assunto, a velha dama franziu as sobrancelhas.

- Muitas vezes.

- Conheceu uma família Armstrong, à qual ocorreu uma tragédia?

- Eram amigos meus.

- Conheceu então o coronel Armstrong?

- Ele, muito pouco. Porém, Sónia Armstrong era minha afilhada. Fui amiga da mãe, a atriz Linda Arden. Linda Arden era um génio, uma das maiores trágicas do mundo. Ninguém a igualava em Lady Macbeth ou Magda. Eu não só a admirava, mas relacionava-me com ela.

- Já morreu essa senhora?

- Não. Vive, mas retirou-se completamente do teatro. O seu estado de saúde obriga-a a passar a maior parte do tempo deitada num sofá.

- Ela tem outra filha, segundo creio.

- Sim; muito mais jovem do que a senhora Armstrong.

- Viva?

- Certamente.

- Onde se encontra?

A velha princesa deitou ao detective um olhar penetrante.

- Gostaria de saber o motivo destas perguntas.

Que relação têm elas com o crime ocorrido neste comboio?

- A seguinte, minha senhora: o senhor Ratchett era o autor do rapto e da morte da pequena Armstrong.

- Ah!

A princesa, muito emproada, tornou a franzir as sobrancelhas.

- Então, a meu ver, este crime é um acontecimento milagroso. Desculpe o meu ponto de vista.

- E muito natural, minha senhora. E, agora, voltemos à pergunta que lhe fiz há pouco. Onde está a filha mais jovem de Linda Arden, a irmã da senhora Armstrong?

- Francamente, não sei. Perdi de vista a segunda filha da minha amiga. Parece-me que

casou há poucos anos com um inglês e foi para Inglaterra. Não me lembro agora o nome do marido.

Depois de um minuto de silêncio, a velha dama continuou:

- Desejam mais alguma coisa?

- Uma só, minha senhora, e de carácter muito pessoal: de que cor é o seu roupão?

A princesa franziu as sobrancelhas.

- Suponho que tem razões para fazer semelhante pergunta - disse ela.

- O meu roupão é de seda azul.

- Basta, minha senhora. Fico-lhe muito grato pela presteza com que respondeu às minhas perguntas.

A princesa fez um gesto com a mão anelada e levantou-se. Os três homens imitaram-na. Detendo-se um instante, ela perguntou:

- Queira desculpar, senhor, mas como se chama? A sua fisionomia não me é desconhecida.

- Hercule Poirot... às suas ordens, minha senhora.

- Hercule Poirot - repetiu a princesa, depois de uma breve pausa. - Sim. Lembro-me agora. E o destino!

E afastou-se, com a rigidez habitual.

- Eis uma grande fidalga - comentou Bouc. -
Que pensa dela, meu amigo?

Hercule Poirot limitou-se a menear a cabeça e replicou:

- Gostaria de saber o que entende ela por destino.

VII

O DEPOIMENTO DO CONDE E DA CONDESSA ANDRENYI

Convocaram-se em seguida o conde e a condessa Andrenyi. Entretanto, o conde apresentou-se sozinho.

Era inegavelmente um belo homem, de um metro e oi tenta de altura, ombros largos e corpo esbelto. Vestido à inglesa, poderia passar por inglês, se não fosse o longo bigode e um traço indefinível nas maçãs do rosto.

- Às suas ordens - disse ele. - Em que lhes posso ser útil?

- Compreenderá, senhor - explicou Poirot - que, à vista do que ocorreu, me vejo obrigado a interrogar os passageiros.

- Perfeitamente - concordou o conde. - Compreendo. Receio apenas que eu e minha esposa pouco lhe possamos adiantar. Dormíamos e nada ouvimos...

- Sabe da identidade da vítima?

- Ouvi dizer que era americano... um homem francamente antipático. Sentava-se àquela mesa.

E com um aceno, o conde indicou a mesa de Ratchett e Mac Queen.

- Sim, é isso; sabe o nome do morto?

- Não - replicou o conde, visivelmente intrigado.

Depois acrescentou:

- Se quiser conhecer-lhe o nome, certamente o encontrará no passaporte.

- No passaporte há o de Ratchett - disse Poirot.

- Porém, esse não passa de um nome falso. Ratchett era Casseti, o autor do rapto de uma criança na América; um crime célebre.

Falando, o detective observava atentamente o conde. Este, porém, não manifestou surpresa; apenas arregalou um pouco os olhos.

- Ah! - disse ele. - Isso certamente concorrerá para esclarecer o caso. A América é um país extraordinário.

- Acaso já esteve lá?

- Estive um ano em Washington.
- Conheceu porventura a família Armstrong?
- Armstrong... Armstrong... é difícil lembrar-me... conhece-se tanta gente!

E o conde sorriu, encolhendo os ombros.

- Mas, voltemos ao assunto, senhores - disse ele. - Em que mais lhes posso ser útil?

- A que horas se retirou ontem, senhor conde?

Poirot relanceou o olhar pela planta. Os condes Andrenyi ocupavam dois camarotes contíguos, 12 e 13.

- Tínhamos um dos camarotes prontos para a noite, desde a hora do jantar. Terminado este, passámos ao outro compartimento, onde ficámos algum tempo...

- Em qual deles?

- No número treze. Jogámos... Cerca das onze horas, minha esposa retirou-se. O chefe do pessoal arranjou o meu camarote e eu também me deitei. Dormi até ao amanhecer.

- Não notou a paragem do comboio?

- Só esta manhã.

- E a senhora condessa? O conde sorriu.

- Em viagem, minha esposa toma sempre um soporífero. Assim fez ontem.

Houve uma pausa.

- Lamento não os poder auxiliar - concluiu o conde. Poirot apresentou-lhe caneta e papel.

- Obrigado, senhor conde. Apenas mais uma formalidade; quer deixar-me o seu nome e endereço?

O fidalgo traçou-os lenta e cuidadosamente.

- Escrevi o melhor possível para o senhor - disse ele amavelmente. - O nome da minha residência de Verão é difícil, para quem não conhece a língua.

E, devolvendo o papel a Poirot, levantou-se e acrescentou:

- Parece-me desnecessário o interrogatório de minha esposa. Ela não lhe poderá dizer mais do que isto.

Nos olhos de Poirot brilhou um rápido clarão.

- Sem dúvida - replicou ele. - Contudo, desejo dizer duas palavras à senhora condessa.

- Asseguro-lhe que é inútil - insistiu o conde, em tom autoritário.

- Será uma simples formalidade - tornou o detective amavelmente. - Compreende, porém, que é necessária para o meu relatório.

- Como quiser.

O conde cedera com relutância. Com um ligeiro cumprimento, deixou o vagão-restaurante.

Poirot estendeu a mão para um passaporte. Este continha o nome e os títulos do conde e mais a informação: acompanhado pela esposa, Elena Maria, de vinte anos, nome de família: Goldenbergv.

Uma mancha de gordura atestava a negligência de algum funcionário.

- Um passaporte diplomático - observou Bouc.

- Sejam prudentes. Essa gente nada tem que ver com o crime.

- Sossegue, meu velho, serei prudente. É uma simples formalidade. Mal o detective acabara de falar, a condessa Andrenyi apareceu, um tanto tímida e extraordinariamente formosa.

- Desejam falar-me, senhores?

- Pura formalidade, minha senhora - disse Poirot, erguendo-se cortesmente e indicando à jovem o lugar fronteiro ao seu. - Apenas saber se esta noite viu ou ouviu alguma coisa, que nos possa trazer algum esclarecimento.

- Nada, senhores. Dormi a noite toda.

- Não ouviu, por exemplo, nenhum ruído, no camarote contíguo ao seu? A senhora americana, que o ocupa, teve quase um acesso histérico e chamou o chefe do pessoal.

- Não ouvi nada. Tinha tomado um soporífero.

- Compreendo. Bem; não queremos retê-la mais.

Apenas - acrescentou o detetive ao ver a jovem levantar-se rapidamente -, mais uma palavra... estes pormenores: a sua idade, o seu nome de família, etc., são exatos?

- Absolutamente certos.

- Então queira assinar este memorando.

A jovem obedeceu e traçou com letra inclinada e graciosa: Elena Andrenyi.

- Acompanhou o seu marido à América, minha senhora?

- Não, senhor - replicou ela, sorrindo e corando levemente. - Ainda não éramos casados naquela época; casámos há um ano.

- Ah sim? Obrigado, senhora condessa. Desculpe: seu marido fuma? Pronta para sair, a jovem fitou o detective.

- Sim, senhor.

- Cachimbo?

- Não. Só cigarros.

- Ah! Obrigado.

A condessa hesitou, olhando-o com curiosidade.

Tinha uns lindos olhos negros e amendoados, com longos cílios que lhe sombreavam a adorável

palidez do rosto, lábios rubros, levemente entreabertos. Era linda e exótica.

- Porque pergunta isso?

- Minha senhora - e Poirot agitou a mão -, os detectives fazem toda a espécie de perguntas. Por exemplo: de que cor é o seu roupão?

A jovem encarou-o e desatou a rir.

- Cor de trigo. É muito importante?

- Muito, senhora condessa.

- Falo de facto a um detective? - tornou ela, com curiosidade.

- Às suas ordens, minha senhora.

- Julguei que não houvesse detective no comboio na Jugoslávia... até chegarmos à Itália.

- Não sou jugoslavo, minha senhora, e sim detective internacional.

- Pertence à Liga das Nações?

- Pertença ao mundo, minha senhora - replicou o belga, com ênfase.

- Trabalho quase sempre em Londres. Fala inglês? - acrescentou nesse idioma.

- Sim, um pouco - replicou a jovem condessa, com um acento encantador.

Poirot inclinou-se.

- Não queremos retê-la mais, minha senhora. Como vê, não era nada de terrível.

A jovem sorriu, inclinou a cabeça e retirou-se.

- Linda mulher! - comentou Bouc, em tom admirativo. - Não nos valeu muito - acrescentou, com um suspiro.

- Não, de facto - concordou o belga. - Duas pessoas que não viram nem ouviram coisa alguma!

- Veremos agora o italiano?

O detective não replicou logo. Observava a mancha de gordura no passaporte diplomático húngaro.

VIII

O DEPOIMENTO DO CORONEL ARBUTHNOT

Voltando a si com um leve sobressalto, Poirot pestanejou, ao encontrar o olhar de Bouc.

- Ah meu caro amigo - disse ele. - Sabe que me estou tornando o que se chama um snobe? Atenderemos a primeira classe, antes da segunda. Agora interrogaremos o amável coronel Arbuthnot.

Como o francês do oficial era na verdade muito limitado, Poirot resolveu interrogá-lo em inglês.

Informado do nome, idade, endereço e guarnição do coronel, o detective passou ao interrogatório.

- Vem da Índia, em licença, como dizemos nós?

O coronel, indiferente aos termos que habitualmente empregam os forasteiros, respondeu com autêntico laconismo inglês:

- Sim.

- Porém, não veio por via marítima?

- Não!

- Porquê?

- Por motivos particulares.

E ele parecia querer dizer: Aprendam, intrójetos!

- Veio diretamente da Índia? O coronel replicou secamente:

- Estacionei uma noite para ver Ur dos Caldeus e três dias em Bagdade, com um velho amigo.

- Esteve três dias em Bagdade! Ouvi dizer que a menina Debenham vem igualmente de Bagdade. Encontrou-a ali?

- Não. Vi-a pela primeira vez, quando tomámos o comboio de Kirkuk para Nissibin.

Poirot curvou-se. Tornou-se persuasivo e um pouco mais estranho do que era necessário.

- Vejo-me obrigado a apelar para a sua gentileza, coronel. A menina Debenham e o senhor são os dois únicos ingleses neste comboio. Tenho de perguntar a cada um a opinião que tem do outro.

- Procedimento muito irregular - objetou friamente o militar.

- Nem tanto assim. Muito provavelmente, este crime foi praticado por uma mulher. A vítima recebeu nada menos de doze punhaladas. O próprio chefe do pessoal do comboio disse: "É uma mulher!" Pois bem: qual é a minha primeira obrigação? Observar todas as senhoras presentes neste comboio. Entretanto, é difícil julgar uma inglesa. São muito reservadas. Apelo para o senhor, coronel, em nome da justiça. Que espécie de pessoa é a menina Debenham? Que sabe a respeito dela?

- Mademoiselle Debenham - replicou o coronel com calor - é absolutamente respeitável!

- Ah! - disse Poirot, aparentemente muito satisfeito. - Portanto, não lhe parece que ela possa estar envolvida no crime.

- Uma ideia absurda - afirmou o coronel. - Esse homem era-lhe completamente estranho: ela nunca o vira.

- Foi ela que o disse?

- Sim. Comentou também o aspecto antipático desse americano. Se uma mulher estiver implicada nisso (como pensa, sem fundamento, mas apenas por hipótese), asseguro-lhe que não é a menina Debenham.

- O senhor exalta-se neste assunto - observou Poirot, com um sorriso.

O coronel deitou-lhe um olhar glacial.

- Não compreendo, realmente, o que quer dizer - replicou ele.

O olhar do inglês parecia embaraçar Poirot; baixando os olhos, o belga começou a remexer nos papéis que tinha na frente.

- Tudo isso não tem importância - disse ele. - Sejam práticos e caminhemos direito aos factos. Temos razões para crer que o crime ocorreu à uma hora e um quarto da madrugada. É formalidade indispensável perguntar aos passageiros do comboio o que faziam a essa hora.

- Perfeitamente. À uma e um quarto, eu conversava com o jovem americano, secretário do falecido.

- Ah! Estava no camarote dele ou ele no seu?

- Eu estava no dele.

- Refere-se ao senhor Mac Queen, não é verdade?

- Exatamente.

- É seu amigo ou apenas um conhecido?

- Nada disso; nunca o vira antes desta viagem.

Conversámos casualmente ontem e simpatizámos um com o outro. Em geral, não gosto dos Americanos e poucas relações tenho com eles.

Poirot sorriu, lembrando-se das restrições de Mac Queen acerca dos Ingleses.

... Entretanto gostei desse rapaz. Ele tem certas ideias tolas acerca da Índia; o defeito dos Americanos é serem tão idealistas e sentimentais. Bem; ele interessou-se pelo que eu lhe dizia; tenho quase trinta anos de prática na Índia. Por minha vez, interessei-me pelo que ele me contou da situação financeira da América.

Depois falamos de vários assuntos. E a dado momento vi com surpresa, no meu relógio, que faltava um quarto para as duas.

- Foi então que se despediu do seu companheiro?

- Sim.

- Que fez depois?

- Retirei-me para o meu camarote.

- Estava feita a cama?

- Sim.

- É o camarote... deixe ver... número quinze, o penúltimo, no fundo do corredor?

- Sim.

- Onde estava o chefe do pessoal, quando o senhor voltou ao camarote?

- No seu lugar. Por sinal, Mac Queen chamou-o no momento em que eu estava no meu camarote.

- Que desejava o senhor Mac Queen?

- Que lhe arranjasse a cama, suponho. Ainda não fora feita.

- Agora, coronel Arbuthnot, peço-lhe que reflita bem. Enquanto falava com Mac Queen, viu alguém passar no corredor?

- Muita gente, parece-me. Não prestei atenção.

- Refiro-me à última hora e meia da sua palestra. Desembarcou em Vincovci?

- Sim; porém só alguns instantes. Fazia muito frio. Embora, dando graças aos céus por encontrar abrigo no comboio, confesso que o sobreaquecimento destes comboios é simplesmente escandaloso.

Bouc suspirou.

- É difícil agradar a todos - disse ele. - Os ingleses querem todas as janelas abertas; os outros, tudo fechado. É difícil, muito difícil!

Entretanto, nem Poirot nem o coronel lhe deram atenção.

- Agora, coronel, voltemos atrás - continuou o belga em tom animador. - Estava frio fora do comboio. O senhor tornou a embarcar. Sentou-se, fumou... um cigarro... talvez cachimbo...

Poirot calou-se um segundo.

- Eu fumava cachimbo e Mac Queen um cigarro.

- O comboio partiu. O senhor fumava o seu cachimbo. Discutia sobre a Europa e o mundo. As horas passaram. Muitos passageiros já se tinham retirado.

Passou alguém no corredor? Pense bem!...

Arbuthnot franziu a testa, num esforço para se lembrar.

- É difícil dizer - replicou afinal. - Não prestei atenção.

- Contudo deve ter, por assim dizer, a atenção do soldado para os detalhes.

O coronel tornou a refletir; depois meneou a cabeça.

- Não sei. Não me lembro de ter visto quem quer que seja exceto o chefe do pessoal. Espere um instante... uma mulher também... segundo creio.

- Viu-a? Era velha... nova?

- Não a vi. Não olhava nessa direção. Senti apenas um ruído e um perfume.

- Perfume? Bom?

- Bem, um aroma de frutas, explico-me bem?

Sente-se a grande distância. Lembre-se, porém - acrescentou logo o coronel - de que isso foi nas primeiras horas da noite; e, como acaba de dizer, uma dessas coisas que se notam sem sentir. Em dado momento disse comigo: Perfume feminino... muito intenso. Mas repare: só tenho a certeza de que... sim... foi depois que deixámos Vincovci.

- Por quê?

- Porque me lembro de ter desatado a rir, quando a conversação versava sobre o plano quinquenal de Estaline.

Sei que a lembrança de uma mulher me trouxera à memória a posição da mulher na Rússia. E sei que não falámos da Rússia, senão quase no fim da nossa palestra.

- Não se poderia explicar melhor?

- Não. Deve ter sido na última meia hora.

- Depois do comboio parar?

- Sim. Disso tenho quase a certeza - anuiu o coronel.

- Bem, continuemos. Já estive na América?

- Nunca. Nem desejo ir.

- Conheceu, acaso, um coronel Armstrong?

- Armstrong... Armstrong... conheci dois ou três.

Havia um Tomás Armstrong, do sexagésimo regimento... É a esse que alude? E Selby Armstrong morto no Somme.

- Refiro-me ao coronel Armstrong, casado com uma americana, e cuja filha foi raptada e morta.

- Ah! sim. Lembro-me de ter lido alguma coisa... acerca desse caso impressionante. Não me lembro como; porém, conheci esse camarada. Toby Armstrong, sim. Bom rapaz. Todos o estimavam. Teve uma brilhante carreira.

- O homem assassinado esta noite foi o autor do rapto e da morte da pequena Armstrong.

O rosto do coronel tornou-se sombrio.

- Então, a meu ver, esse velho teve o que merecia. Contudo, preferiria vê-lo enforcado ou eletrocutado.

- Então prefere a lei à vingança particular?

- Ora, não é cómodo aplicar os processos da Córsega ou da Mafia - tornou Arbuthnot. - Diga o que quiser; um processo no tribunal é o melhor sistema.

Poirot olhou-o pensativamente, durante uns dois minutos. Depois disse:

- Sim. Creio que o senhor procederia como diz.

Bem, coronel Arbuthnot, parece-me que nada mais resta a perguntar-lhe. Não se lembra de nenhum acontecimento da noite passada e que possa ser suspeito?

Arbuthnot reflectiu.

- Não - disse depois. - Nada. A não ser... O oficial hesitava.

- Continue, faça o favor.

- Bem, na realidade é coisa insignificante - disse ele muito devagar. - Mas, como disse qualquer coisa"...

- Sim, sim. Continue.

- Oh! não é nada. Um simples detalhe. Voltando ao meu camarote, notei que a porta contígua à minha... a última, sabe...

- Sim. O número dezesseis.

- Bom: essa porta não estava fechada. E o passageiro espreitava furtivamente. Depois fechou-a depressa. Pareceu-me estranho. É tão natural, pensei eu, abrir a porta e deitar a cabeça de fora para ver qualquer coisa! Porém, o modo como ele o fez, intrigou-me.

- Sim - disse Poirot, hesitante.

- Disse-lhe que não era nada - desculpou-se Arbuthnot. - Porém, compreende que de madrugada... no maior silêncio... as coisas tomam um aspecto sinistro de crime policial. Tolices!

Assim dizendo, Arbuthnot levantou-se.

- Se já não precisam de mim...

- Obrigado, coronel.

O oficial hesitou um instante. O aborrecimento desse interrogatório, feito por estrangeiros, desvanecera-se.

- Quanto à menina Debenham - disse ele, quase com timidez. - Asseguro-lhe que é uma pessoa muito correta. É uma pukka saib - E, corando levemente, o militar saiu.

- Que significa pukka saib? - perguntou Constantine, com interesse.

- Quer dizer - explicou o detective - que o pai e os irmãos da menina Debenham frequentaram o mesmo colégio que o coronel Arbuthnot.

- Ah! - disse o médico, desapontado. - Então nada que se relacione com o crime.

- Exatamente - confirmou o belga.

Em seguida pôs-se a refletir, tamborilando com os dedos na mesa.

- O coronel Arbuthnot fuma cachimbo - disse ele. - Encontrei no camarote de Ratchett um limpa-cachimbos.

Ratchett fumava só cigarros.

- Julga então...

- E ele o único homem que declarou fumar cachimbo. Conhecia de nome o coronel Armstrong... mas, neste momento, não o admitia de boa vontade.

- Acha possível...?

Poirot sacudiu vivamente a cabeça.

- É impossível... impossível que um inglês honrado, reto e um tanto tolo, possa apunhalar doze vezes um inimigo. Não vêem, meus amigos, que é impossível?

- É pura psicologia - observou Bouc.

- E cumpre respeitá-la. O autor deste crime não é, decerto, o coronel Arbuthnot. Mas prossigamos o inquérito.

Dessa vez Bouc não mencionou o italiano; entretanto pensava nele.

IX

O DEPOIMENTO DO SENHOR HARDMAN

O último passageiro da primeira classe interrogado - o senhor Hardman - era o americano robusto e espalhafatoso.

Trazia um fato de tecido grosso, camisa cor-de-rosa, uma gravata de cores berrantes e entrou no vagão mastigando qualquer coisa. Uma expressão de bom humor iluminava-lhe o rosto largo, grosseiro e vulgar.

- Bom dia, cavalheiros - disse ele. - Que posso fazer pelos senhores?

- Ouviu falar do crime, senhor Hardman?

- Naturalmente - replicou ele, disfarçando convenientemente o que mastigava.

- Somos obrigados a interrogar todos os passageiros do comboio.

- Estou plenamente de acordo. Calculo que é o único meio de conseguir alguma coisa.

Poirot consultou o passaporte que tinha diante de si.

- O senhor é Ciro Bethman Hardman, cidadão americano de quarenta e um anos, caixeiro-viajante de fitas de máquinas de escrever?

- Eu mesmo.

- Viaja de Istambul para Paris?

- Sim.

- Por que motivo?

- Negócios.

- Viaja sempre em primeira classe, senhor Hardman?

- Sim, senhor. As despesas das minhas viagens correm por conta da firma. - E o americano piscou o olho.

- Agora, senhor Hardman, passemos aos acontecimentos da noite passada.

Hardman anuiu.

- Que pode adiantar a esse respeito?

- Exatamente nada.

- Ah! É pena! Quer dizer-nos, senhor Hardman, que fez ontem, depois do jantar?

Pela primeira vez o yankee não respondeu logo. Mas finalmente disse:

- Desculpem-me, cavalheiros, mas quem são os senhores? Queiram informar-me.

- Este é o senhor Bouc, diretor da Companhia das Carruagens- Cama. Este outro cavalheiro é o médico que examinou o cadáver.

- E o senhor?

- Hercule Poirot. Encarregado de dirigir o inquérito.

- Conheço-o de nome - disse Hardman. - Começo a compreender - acrescentou, depois de breve pausa.

- Então explique-nos o que sabe - replicou secamente o detective.

- Eu diria muita coisa, se soubesse. Porém nada sei. Contudo, deveria saber alguma coisa. Eis o que me preocupa. Deveria saber.

- Explique-se, senhor Hardman.

O americano suspirou, removeu o que mastigava e mexeu num dos bolsos. Ao mesmo tempo, toda a sua pessoa pareceu sofrer uma mudança. Perdeu o jeito espalhafatoso e tornou-se mais natural; até a voz nasal mudou de timbre.

- Esse passaporte é falso - começou ele. - Aqui tem a minha verdadeira identidade.

Poirot examinou o cartão que o outro lhe estendia. Bouc espreitava-lhe por cima do ombro.

CIRO B. HARDMAN Agência Policial Mc Neil Nova Iorque.

Poirot conhecia o nome; era o de uma das principais agências particulares de Nova Iorque.

- Agora, senhor Hardman - disse o belga - explique-nos o sentido disto.

- Com prazer. O que há é o seguinte: vim à Europa, no encalço de um par de biltres que nada têm com este caso. Terminado o meu serviço, em Istambul, telegrafei ao chefe, pedindo instruções

para a volta e já estava no caminho da velha Nova Iorque, quando recebi isto.

E o americano exibiu uma carta com o carimbo do Hotel Tokatlian, na qual se lia:

Caro senhor:

Foi-me indicado como um dos bons detectives da Agência Mc Neil. Queira vir falar-me hoje ao hotel, às quatro horas.

a) S. E. Ratchett.

- Então?

- Fui à hora aprazada e o senhor Ratchett pôs-me ao corrente da situação. Mostrou-me um maço de cartas que recebera.

- Pareceu-lhe alarmado?

- Embora disfarçasse, estava bem preocupado.

Fez-me uma proposta. Eu partiria com ele no mesmo comboio e velaria pela sua segurança. Então, cavalheiros, aceitei; mas alguém iludiu-me a vigilância. Estou muito aborrecido. Não é muito agradável para mim.

- Recebera alguma instrução acerca do que devia fazer?

- Naturalmente! O senhor Ratchett tinha um plano preparado.

Queria que eu ocupasse o camarote contíguo ao dele, o que não foi possível. O único lugar que pude obter foi no número dezesseis e a muito custo. O chefe do pessoal pretendia guardá-lo para o seu uso exclusivo. Mas, afinal, o inconveniente não era grande; notei que o número dezesseis me oferecia um ótimo ponto de observação. Adiante dos vagões-camas, há apenas esta carruagem cuja porta é trancada à noite. O único meio de alguém se introduzir no vagão-cama era, pois, a porta do fundo e, nesse caso, quem entrasse teria de passar diante do meu camarote.

- Tem ideia do aspecto do assassino eventual?

- Só pela descrição que me fez o senhor Ratchett.

- Ah! E como era?

Os três homens mostraram grande interesse.

- Um homenzinho moreno, de voz estridente, segundo me disse o velho - continuou Hardman. - Na opinião dele, o atentado não se daria na primeira noite, mas na segunda ou na terceira.

- Logo, ele sabia alguma coisa - observou Bouc.

- Sabia mais do que disse ao secretário - concordou Poirot.

- Contou-lhe alguma coisa a respeito desse inimigo, senhor Hardman? Disse-lhe, por exemplo, porque era ameaçado?

- Não; explicou-me apenas que o homem o odiava e queria matá-lo.

- Um homenzinho moreno... de voz estridente -repetiu o belga pensativo.

Depois, deitando ao colega um olhar penetrante, perguntou:

- Sabia quem era esse homem?

- Quem, Mister Poirot?

- Ratchett. Não o reconheceu?

- Não compreendo.

- Ratchett era Casseti, o criminoso do caso Armstrong. Hardman soltou um assobio e exclamou:

- Que surpresa! Sim, senhor! Não o reconheci , não! Quando se deu esse caso, eu estava no Oeste.

É possível que tenha visto fotografias de Casseti na imprensa; porém, eu não reconheceria a minha mãe, num retrato de jornal. Agora não estranho que Ratchett fosse perseguido!

- Sabe de alguém que, relacionado com o caso Armstrong, responda a esses sinais: baixo, moreno, voz estridente?

Hardman refletiu.

- É difícil dizer - tornou afinal. - Quase todos os interessados morreram.

- Lembra-se da jovem que se suicidou?

- Naturalmente. É uma ideia. Talvez tivesse algum parente.

Não esqueçamos, porém, que o caso Armstrong não foi o único. Casseti exerceu por certo tempo a sua actividade. Não nos limitemos a encarar só um caso.

- Sim; mas nós temos razões para crer que o presente crime está ligado ao caso Armstrong.

Hardman fitou no colega um olhar indagador; como Poirot nada dissesse, o americano meneou a cabeça.

- Não me lembro de ninguém interessado neste crime e que corresponda aos sinais dados pelo morto.

Não tratei desse caso e pouco sei a esse respeito.

- Bem, continue, senhor Hardman.

- Pouco há que dizer. Dormi de dia e fui acordado pelo despertador, ao escurecer. Nada de suspeito sucedeu na primeira noite nem na segunda, que eu saiba. Eu entreabrira a porta e espreitava pela fresta.

Nenhum desconhecido passou no corredor.

- Tem a certeza, senhor Hardman?

- Plena certeza. Ninguém entrou no comboio nem veio dos outros vagões. Posso jurar.

- Podia ver o chefe do pessoal no seu camarote?

- Sim. Ele ocupava um banco, quase defronte à porta do meu camarote.

- Viu-o sair, depois que o comboio parou em Vincovci?

- Na última estação? Sim; foi atender a diversas chamadas... quando o comboio parou definitivamente.

Depois passou cerca de um quarto de hora noutro vagão. Uma campainha soou com insistência e ele voltou, correndo. Sai para o corredor para ver o que havia... estava um tanto assustado, compreende porquê?

Mas era apenas a senhora americana, que se queixou de qualquer coisa. Ri-me bastante. O chefe do pessoal voltou então à procura de água mineral, não sei para quem. Mais tarde, foi à outra extremidade do corredor, arranjar a cama de um passageiro. Depois, creio que não se mexeu até às cinco horas da manhã.

- Tem a certeza?

- Isso não posso dizer. É provável que ele tenha saído outras vezes. Poirot anuiu e, estendendo maquinalmente a mão para os papéis dispersos na mesa, tornou a apanhar o cartão do seu colega.

- Tenha a bondade de completar o nome que está só na inicial. O outro obedeceu.

- Não há quem possa confirmar a sua identidade, não é verdade, senhor Hardman?

- Neste comboio propriamente, não. Exceto o jovem Mac Queen. Conheço-o bem... do escritório do pai, em Nova Iorque... mas não é certo que ele se lembre de mim. O senhor precisa esperar que a neve se derreta, para telegrafar a Nova Iorque. Porém, é a verdade; não estou inventando. Bem, até logo, cavalheiros.

Prazer em conhecê-lo, senhor Poirot. Poirot estendeu-lhe a cigarreira.

- Prefere talvez o cachimbo?

- Não.

O americano levantou-se e saiu. Os três homens entreolharam-se.

- Julga que ele disse a verdade? - perguntou Constantine.

- Sim. Conheço o tipo. Aliás, seria uma mentira fácil de descobrir.

- Deu-nos um indício valioso - atalhou Bouc.
- De facto.
- Um homenzinho moreno, de voz estridente -
murmurou

Bouc, pensativo.

- Os sinais não se aplicam a nenhum
passageiro - concluiu Poirot.

X

O DEPOIMENTO DO ITALIANO

- Agora - disse Poirot, piscando o olho - vamos
satisfazer o senhor Bouc e ouvir o italiano.

Antônio Foscarelli entrou no vagão-
restaurante, com um passo rápido de felino. O seu
rosto alegre, moreno e corado, era genuinamente
italiano. Falava francês correntemente, com um leve
acento.

- Chama-se António Foscarelli?

- Sim, senhor.

- É, pelo que vejo, cidadão americano
naturalizado. O rapaz fez uma careta.

- Sou. Questão de negócios.

- É agente da companhia Ford?

- Sim, como vê...

O italiano estendeu-se numa longa explicação, informando os três homens dos seus negócios e viagens, da opinião que fazia dos Estados Unidos e de numerosos países europeus. Não era homem de quem se pudesse obter informações, pois divagava facilmente.

O seu rosto jovial iluminou-se, quando, com um último gesto, ele se calou, enxugando a testa com o lenço.

- Como vêm - concluiu - faço grandes negócios. Sou moderno. Entendo do assunto.

- Esteve então nos Estados Unidos estes últimos dez anos?

- Sim, senhor. Ah! Lembro-me do dia em que embarquei para a América... tão longe! A minha mãe, a minha irmãzinha...

Poirot cortou-lhe o fio das recordações.

- Durante a sua estada em Nova Iorque, encontrou alguma vez o senhor Ratchett?

- Nunca. Mas conheço o tipo. Ah! sim! - e o italiano fez estalar significativamente os dedos. - Muito respeitável, bem trajado, mas por baixo tudo vai mal. Por experiência, poderia dizer que era um maroto. Dou-lhe a minha opinião pelo que vale.

- Muito acertada - replicou o detective. - Ratchett era Casseti, o raptor de crianças.

- Que lhe disse eu? Aprendi a ler nas fisionomias.

É necessário. Na América é o único meio de aprender a negociar.

- Lembra-se do caso Armstrong?

- Não. Do nome sim. Era uma menina... uma criança... não é verdade?

- De facto; um caso muito trágico.

O italiano foi o primeiro a discordar desse ponto de vista.

- Coisas que acontecem numa grande civilização, como a americana - comentou ele, filosoficamente. Poirot interrompeu-o:

- Encontrou, por acaso, algum membro da família Armstrong?

- Não. Creio que não. É difícil de dizer. Mostrar-lhe-ei alguns algarismos. No ano passado vendi...

- Não se afaste do assunto, por favor.

- Mil perdões - disse o italiano, juntando as mãos num gesto de desculpa.

- Diga-me o que fez ontem, após o jantar.

- Com prazer. Fiquei neste vagão, quanto pude.

É tão divertido! Conversei com o americano, meu vizinho de mesa. Vende fitas de máquinas de escrever.

Depois fui ao meu camarote. Estava vazio. O miserável John Bull, que o partilha comigo, fora atender o amo. Afinal voltou de cara amarrada, como sempre.

Ele nunca fala... diz apenas sim e não. Que raça triste, a inglesa! Nada simpática. Ele sentou-se a um canto, a ler. Depois, o chefe do pessoal veio arranjar as nossas camas.

- Números quatro e cinco - murmurou o belga.

- Exatamente... o último camarote. O meu beliche é o de cima. Deitei-me, fumando e lendo. O inglês tinha dor de dentes, ao que parece. Aplicou um remédio de cheiro forte. Depois deitou-se a gemer.

Mais tarde adormeci. Sempre que acordava, ouvia-lhe os gemidos.

- Não sabe se ele saiu do camarote durante a noite?

- Creio que não. Eu ouviria... A luz do corredor... e sabe, a gente acorda automaticamente, pensando que é a alfândega dalguma fronteira.

- E o inglês? Falou do amo? Mostrou algum rancor contra ele?

- Já lhe disse que ele não fala. Não é simpático.
Um peixe!

- Acaba de dizer que fumou... cachimbo...
cigarros...

- Só cigarros.

Poirot ofereceu-lhe um; o rapaz aceitou-o.

- Já estive em Chicago? - perguntou Bouc.

- Sim... bonita cidade... porém conheço
melhor Nova Iorque, Washington, Detroit. Já estive
nos Estados Unidos? Não? Deveria ir...

Poirot estendeu-lhe uma folha de papel.

- Faça o favor de assinar o nome e endereço.

O italiano obedeceu. Depois levantou-se com
um sorriso amável.

- Nada mais querem de mim? Bom dia,
senhores.

Queira Deus que nos possamos livrar da neve.
Esperam-me em Milão - e, meneando tristemente a
cabeça, concluiu: - Perderei o negócio.

Foscarelli saiu e Poirot deitou um olhar a
Bouc.

- Ele esteve muito tempo na América - disse
este - é italiano e os Italianos usam o punhal e são
uns mentirosos! Não gosto deles.

- Está-se vendo - disse Poirot com um sorriso.

- Bem, é provável que o senhor tenha razão; porém, o certo é que não há prova alguma contra esse homem.

- E psicologia? Os Italianos não costumam apunhalar?

- Admito-o - concordou o detective. - Especialmente se exaltados por uma alteração. Porém, este crime é de espécie bem diversa. Na minha opinião foi muito bem calculado; é fruto de longa reflexão e não... como hei de dizer? ... um crime latino. Denuncia antes um cérebro frio e calculador... um cérebro anglo-saxão.

O investigador apanhou os dois últimos passaportes e disse:

- Ouçamos agora a menina Debenham.

XI

O DEPOIMENTO DE MARIA DEBENHAM

Entrando no vagão-restaurante, Maria Debenham confirmou a opinião que Poirot formara a respeito dela. Muito elegante, no seu fato escuro, de blusa cinzenta, com as ondas macias do cabelo negro perfeitamente arranjadas, aparentava absoluta calma.

Sentando-se diante de Bouc e de Poirot, interrogou-os com o olhar.

- Chama-se Maria Hermione Debenham e tem vinte e seis anos, não é verdade? - começou o detective.

- Sim.

- É inglesa?

- Sim.

- Quer ter a bondade de escrever neste papel o seu nome e endereço? A rapariga obedeceu. Tinha uma letra clara e legível.

- E agora, que nos pode dizer acerca do acontecimento desta noite?

- Receio não ter nada para dizer. Deitei-me e dormi.

- Causa-lhe muito pesar, o facto de se ter praticado um crime neste comboio?

A esta pergunta inesperada, os olhos pardos da rapariga dilataram-se levemente.

- Não compreendo - disse ela.

- Perguntei-lhe uma coisa muito simples. Repetirei a pergunta: lamenta que se tenha praticado um crime neste comboio?

- Francamente não me preocupei com isso; não posso dizer que isso me cause pesar.

- Um crime é assim coisa tão normal para si?

- Naturalmente, é desagradável - replicou Maria Debenham, com calma.

- A senhora é bem inglesa; não mostra nenhuma emoção. A rapariga sorriu levemente.

- Receio não poder mostrar a minha sensibilidade. Aliás, morre tanta gente, todos os dias!

- De facto. Porém, os crimes são um pouco mais raros.

- Certamente.

- Não conhecia o senhor Ratchett?

- Vi-o pela primeira vez ontem, à hora do almoço.

- Como lhe pareceu ele?

- Mal o observei.

- Não lhe causou a impressão de um tipo equívoco? A rapariga encolheu os ombros.

- Francamente não pensei nisso.

Poirot fitou-a com um olhar penetrante.

- Desconfio que não leva muito a sério as minhas perguntas - disse ele, pestanejando. - Um inquérito inglês seria bem diferente, é o que pensa. Seria conciso e seco. Tenho as minhas originalidades. Observo primeiro as testemunhas e interrogo-as de acordo com as minhas observações. Acabo de ouvir um cavalheiro, que teimava em

expressar-me a sua opinião sobre todas as coisas. Pois bem: obriguei-o a manter-se estritamente nos limites deste inquérito, pedindo-lhe que respondesse apenas sim ou não. Sucede-lhe a senhora. Vi logo que é pessoa correcta e metódica. Limitar-se-ia ao assunto e as suas respostas seriam lacónicas. E como a natureza humana é malévola, fiz-lhe perguntas completamente diversas. Quis saber o que pensa e sente.

Não lhe agrada o sistema?

- Se desculpar a franqueza, dir-lhe-ei que me parece desperdício de tempo. A minha opinião acerca do senhor Ratchett não ajudará, decerto, a encontrar o criminoso.

- Conhecia a verdadeira identidade de Ratchett? A rapariga anuiu.

- A senhora Hubbard comunicou-o a todos.

- Que pensa do caso Armstrong?

- Foi simplesmente abominável - replicou ela.

Poirot olhou-a pensativo.

- Vem de Bagdade, segundo creio, não é verdade?

- Sim.

- Vai a Londres?

- Sim.

- Que fazia em Bagdade?

- Era perceptora de duas crianças.
- Voltará a esse posto, depois das férias?
- Não sei ao certo.
- Por quê?

- Bagdade é muito distante. Prefiro, se for possível, ficar em Londres.

- Compreendo. Imagino que vai casar.

Maria Debenham não respondeu e encarou o detective. O seu olhar dizia claramente: Que impertinência!

- Que pensa da sua companheira de camarote, a menina Ohlsson?

- Parece uma criatura simples e amável.
- De que cor é o roupão dela?

Maria Debenham arregalou os olhos.

- Escuro... de malha de lã.

- Ah! Quanto à senhora, posso dizer, sem indiscrição, que vislumbrei a cor do seu roupão na viagem de Alepo a Istambul. Lilás-claro, se não me engano.

- Exatamente.

- Tem outro roupão? Um vermelho, por exemplo?

- Não, não é meu.

Poirot curvou-se. Dir-se-ia um gato pronto para abocanhar um rato.

- De quem é então?

A rapariga teve um movimento de surpresa.

- Não sei. Porque pergunta?

- A senhora não disse: Não tenho um roupão assim", mas respondeu: Não é meu, fazendo crer que essa peça de vestuário pertence a alguém.

A jovem anuiu.

- A uma passageira?

- Sim.

- Quem é?

- Francamente, não sei. Acordei esta madrugada, cerca das cinco horas, com a sensação de que o comboio estava parado há muito tempo. Abri a porta, julgando que estivéssemos numa estação. E vi alguém, com um roupão vermelho, afastar-se no corredor.

- Não pôde ver quem era? Loira? Morena? Grisalha?

- Não sei dizer. Essa pessoa usava uma touca e eu só lhe vi a nuca.

- E quanto à estatura?

- Pareceu-me alta e esbelta; o roupão era de tecido estampado com dragões.

- Sim, sim! É isso!

Poirot calou-se um instante; depois murmurou consigo mesmo:

- Não posso compreender... Não tem sentido...

Levantando os olhos, acrescentou:

- Não a demoro mais.

- Oh! - protestou a jovem.

Parecia um tanto admirada; todavia levantou-se prontamente. No limiar, hesitou um minuto e voltou atrás.

- A passageira sueca... a senhora Ohlsson, não é? Está um tanto aflita. Segundo me disse, ouviu-o declarar que ela foi a última pessoa que viu o senhor Ratchett vivo, e desconfia, pelo que me parece, que o senhor suspeita dela. Posso dizer-lhe que está enganada?

Creia, é uma criatura incapaz de fazer mal a uma mosca. E assim dizendo, a rapariga sorriu levemente.

- A que horas a viu sair, para ir buscar a aspirina ao camarote da senhora Hubbard?

- Pelas dez e meia.

- Demorou-se muito tempo?

- Uns cinco minutos.

- Tornou a sair do camarote, durante a noite?

- Não.

Poirot voltou-se para o médico.

- Ratchett pode ter sido assassinado a essa hora? Constantine meneou a cabeça.

- Então, minha senhora, creio que pode tranquilizar a sua amiga.

- Obrigada - replicou a rapariga, sorrindo-lhe com simpatia. - Ela lembra-me um cordeiro, sabe?

Quando alguma coisa a aflige, põe-se a balir.

E, com estas palavras, a jovem inglesa voltou-se e desapareceu.

XII

O DEPOIMENTO DA CRIADA ALEMÃ

Bouc examinava o amigo com curiosidade.

- Não o entendo, meu velho. Que pretende fazer?

- Procurava um ponto fraco.

- Um ponto fraco?

- Sim... na armadura de domínio de si mesma dessa jovem inglesa. Desejava abalar-lhe o sangue-frio.

Será que o consegui? Não sei. De uma coisa, porém, estou certo: ela não esperava que eu tratasse o assunto como fiz.

- Desconfia dela - disse Bouc lentamente. - Porquê? Parece uma rapariga encantadora, a última

pessoa sobre quem pode recair a suspeita de semelhante crime.

- Concordo - atalhou Constantine. - É fria.

Não se comove. Seria incapaz de apunhalar um homem; mais facilmente o levaria perante o tribunal.

Poirot suspirou.

- Os senhores persuadiram-se de que esse assassinio não foi premeditado. Suspeito da menina Debenham por dois motivos:

Primeiro, por uma conversa que surpreendi e que os senhores ignoram.

E o detective referiu rapidamente as frases que ouvira casualmente no caminho de Alepo.

- Estranho, sem dúvida - comentou Bouc. - Seria necessário esclarecer esse ponto. Isso faz crer que ambos, ela e o inglês, estão implicados no caso.

Poirot anuiu.

- Eis justamente o que não se apoia em factos - disse ele. - Se fossem cúmplices, cada um deles trataria naturalmente de arranjar álibi para o outro. Entretanto, assim não sucedeu. O álibi de Maria Debenham provém dessa sueca, que ela nunca viu, e o do coronel, de Mac Queen, o secretário do morto. Não, esta solução do enigma seria muito fácil.

- Disse que tem um outro motivo para suspeitar dela – lembrou Bouc.

Poirot sorriu.

- Ah! É, porém, pura psicologia! Pergunto a mim mesmo: É possível que Maria Debenham tenha planeado este crime? Estou convencido de que o criminoso é um cérebro calmo, inteligente e cheio de recursos. E Maria Debenham corresponde bem a estas condições.

Bouc meneou a cabeça.

- Creio que se engana, meu amigo. Não vejo nessa jovem inglesa uma assassina.

- Pois bem - disse Poirot, apanhando o último passaporte - passemos ao nome que fecha a nossa lista.

Hildegarde Schmidt, a criada alemã.

Chamada pelo empregado, a alemã entrou no vagão-restaurante e aguardou respeitosamente as ordens.

Poirot mandou-a sentar-se.

Ela obedeceu, cruzou as mãos e esperou calmamente que a interrogassem. Parecia uma criatura sossegada, respeitável, não muito inteligente.

Poirot adoptou com ela um método muito diferente do que usara com Maria Debenham.

Deixando-a completamente à vontade, fez-lhe escrever o nome e o endereço, passando depois insensivelmente ao interrogatório... em alemão.

- Desejamos saber o mais possível acerca dos acontecimentos desta noite - disse ele. - Sabemos que nada nos poderá adiantar quanto ao crime; porém, talvez tenha visto ou ouvido alguma coisa que nos possa ser útil. Compreende?

Ao que parecia, a alemã não entendera. No seu rosto, largo e bondoso, permanecia a mesma expressão de plácida estupidez e ela respondeu.

- Não sei nada, senhor.

- Seja; lembra-se, por exemplo, que a sua ama a mandou chamar esta noite?

- Sim, senhor.

- A que horas?

- Não sei ao certo. Eu estava a dormir quando o empregado me chamou.

- Bem. A sua ama costuma chamá-la a essas horas?

- Sim, às vezes. Sua Graça precisa frequentemente de cuidados, à noite. Não consegue dormir bem.

- Então foi chamada e levantou-se. Vestiu um roupão?

- Não senhor; vesti a roupa do dia. Não gosto de me apresentar a Sua Excelência de roupão.

- E o seu roupão é bonito... vermelho, não? A alemã fitou o detective com espanto.

- É de flanela azul-marinho.

- Ah! Continue. Foi um simples gracejo. E então foi atender a princesa. Que fez?

- Fiz-lhe massagens e depois li em voz alta. Não leio muito bem, mas Sua Excelência contenta-se com o que faço. A leitura ajuda-a a dormir. Antes de adormecer, despediu-me: fechei então o livro e voltei ao meu camarote.

- Que horas eram?

- Não sei.

- Quanto tempo estive com a princesa?

- Cerca de meia hora.

- Bem; continue.

- Antes de tudo, levei a Sua Excelência um cobertor pesado do meu camarote. Fazia muito frio, apesar da carruagem estar aquecida. Arranjei-lhe o cobertor e ela deu-me as boas-noites.

Preparei-lhe um pouco de água mineral, apaguei a luz e saí.

- E depois?

- Nada mais. Voltei ao meu camarote e dormi.

- Encontrou alguém no corredor?

- Não, senhor.

- Não viu, por exemplo, uma senhora com um quimono vermelho, bordado com dragões?

A alemã arregalou os olhos.

- Não, decerto. Não vi ninguém, exceto o chefe do pessoal. Todos dormiam.

- Viu então o chefe do pessoal? Que fazia ele?

- Saía de um dos camarotes.

- Qual? - interveio Bouc. - Qual deles?

Hildegarde Schmidt pareceu assustar-se e Poirot deitou um olhar de censura ao amigo.

- Naturalmente - disse o belga. - O chefe do pessoal atende muitas vezes a chamadas, durante a noite. Lembra-se de que camarote saiu?

- Era no centro do vagão, senhor. Duas ou três portas antes do camarote da princesa.

- Ah! Diga-nos exatamente onde era e o que aconteceu.

- Ele quase me deu um encontrão. Eu ia ao camarote da princesa, levar-lhe o cobertor.

- E ele saiu do camarote e quase esbarrou com a senhora? Em que sentido ia?

- Vinha ao meu encontro. Desculpou-se e passou adiante, em direção ao vagão-restaurante. Uma campainha começou a tilintar; não creio, porém, que ele atendesse a chamada.

A alemã calou-se um instante, depois acrescentou:

- Não compreendo. Porque desejam... Poirot tranquilizou-a.

- É só questão de tempo - disse ele. - Pura formalidade. O pobre chefe do pessoal parece que teve uma noite cheia... entre o acordar a senhora e atender as chamadas.

- Não foi esse chefe do pessoal, o que me acordou. Era outro.

- Ah! outro? Já o tinha visto antes?

- Não senhor.

- Ah! Julga que o reconheceria, se o visse?

- Acho que sim.

Poirot cochichou ao ouvido de Bouc. Este levantou-se e encaminhou-se para a porta, para dar uma ordem. O detective continuava o seu interrogatório, com um modo cordial.

- Já estive na América, Frau Schmidt?

- Nunca. Deve ser um belo país.

- Talvez já saiba da verdadeira identidade do assassinado... era o autor da morte de uma criança.

- Sim, ouvi dizer. É horrível! O bom Deus não deveria permitir certas coisas. Nós, Alemães, não somos tão malvados.

E os olhos da humilde criatura encheram-se de lágrimas. O seu coração maternal comovera-se.

- Foi um crime abominável - disse gravemente Poirot.

Depois, tirando do bolso um quadrado de cambraia, estendeu-o à alemã e disse:

- É o seu lenço, Frau Schmidt?

Houve um minuto de pausa, enquanto a alemã examinava o lenço. Ela refletiu um momento e corou levemente.

- Não, senhor. Não é meu.

- Traz a inicial H, veja. Eis porque pensei que lhe pertencesse.

- Ah! senhor, é o lenço de uma dama. Um lenço caro. Bordado à mão. Acho que vem de Paris.

- Não é seu nem sabe a quem pertence?

- Eu? Não, senhor.

Dos três homens, só Poirot notou uma hesitação imperceptível nessa resposta.

Bouc murmurou-lhe alguma coisa ao ouvido. O belga anuiu com um sinal e disse à alemã:

- Os três chefes do pessoal de todo o comboio vão ser chamados. Quer ter a bondade de indicar o que encontrou, esta noite, quando se dirigia ao camarote da senhora princesa?

Os três funcionários entraram. Pedro Michel, o condutor do vagão Atenas-Paris, louro e robusto, e o do vagão de Bucareste, baixo e corpulento.

Hildegard Schmidt examinou-os e meneou a cabeça.

- Não, senhor - disse afinal. - Nenhum deles é o homem que vi esta noite.

- Mas estes são os únicos funcionários do comboio. Veja se não se engana.

- Estou certa do que digo. Estes três são homens altos e robustos. O que eu vi era baixo e moreno. Tinha bigode. E quando disse Pardonv, disse-o com uma voz de mulher. Lembro-me muito bem, senhor.

XIII

SUMÁRIO DOS DEPOIMENTOS DOS PASSAGEIROS

- Um homenzinho moreno, com voz de mulher...

- comentou Bouc.

Os três funcionários e a criada alemã já haviam saído. Bouc fez um gesto de desespero.

- Não compreendo... não compreendo nada de tudo isto! O inimigo de que falava Ratchett, estava, então, no comboio? E onde está agora? Como se pôde evaporar? A minha cabeça anda à roda! Diga alguma coisa, meu amigo, por favor! Mostre-me que o impossível pode ser possível!

- É uma boa frase - replicou Poirot. - O impossível não pode ocorrer, mas o impossível pode ser possível a despeito das aparências.

- Explique-me então o que se deu na noite passada.

- Não sou feiticeiro, meu caro. Estou, como o senhor, muito intrigado. Este caso toma, de facto, uma feição estranha.

- Não adiantámos nada, tudo está como estava. Poirot meneou a cabeça.

- Não é verdade - replicou. - Avançámos um pouco. Sabemos certas coisas. Ouvimos o depoimento dos passageiros.

- E o que nos disseram eles? Nada!

- Não sou dessa opinião, meu amigo.

- Exagerei talvez. O americano, Hardman, e a criada alemã deram- nos alguns esclarecimentos. Isto é, tornaram o caso ainda mais complicado do que era.

- Não, não - disse Poirot calmamente. Bouc voltou-se para ele.

- Fale então; ouçamos a sabedoria de Hercule Poirot!

- Não lhe disse que estou também muito intrigado? Acho, porém, que podemos afrontar o problema.

Precisamos dispor os factos com ordem e método.

- Continue - atalhou Constantine.

Poirot suspirou, aliviado, e desdobrou uma folha de papel.

- Examinemos o caso no ponto em que está. Há factos indiscutíveis. Ratchett ou Casseti, como quiserem, foi assassinado na noite passada com doze punhaladas. Eis um facto.

- Concordo... concordo... meu velho - disse Bouc, com ironia. Poirot não lhe deu atenção e continuou calmamente.

- Não mencionarei certas aparências, que o doutor Constantine e eu discutimos. Lá chegaremos daqui a pouco. Agora o segundo fato importante é a hora em que se deu o crime.

- É uma das poucas coisas que conhecemos - tornou Bouc. - O crime foi praticado à uma e um

quarto da madrugada. Pelo menos, tudo concorre para afirmar esta hipótese.

- Tudo não. Está exagerando. Há apenas algumas aparências que parecem confirmá-la.

- Alegro-me de que também seja dessa opinião

- disse Bouc. Poirot prosseguiu com a mesma calma:

- Há três soluções possíveis. Primeira: o crime foi praticado à uma e um quarto, como diz, o que é confirmado pelo relógio e pelos depoimentos da senhora Hubbard e da alemã e conforme a hipótese do doutor Constantine. Segunda: o crime ocorreu mais tarde e a prova do relógio não passa de um logro. Terceira: o crime deu-se antes e do mesmo modo a prova do relógio é nula. Agora, se aceitarmos a primeira hipótese, como a mais provável e confirmada pelos depoimentos, devemos considerar certos fatos, decorrentes dessa suposição: se o crime foi praticado à uma hora e um quarto, o criminoso não pôde fugir. Onde está ele então?

Quem é?

Examinemos os depoimentos: Soubemos da existência do homenzinho moreno, de voz estridente, apenas pelo depoimento de Hardman. Ratchett falara-lhe desse indivíduo e pedira-lhe que o vigiasse. Nenhuma prova nos confirma este fato, senão a palavra do detetive americano. Examinemos

outro ponto. Será Hardman, de facto, o que pretende ser, isto é, agente de uma instituição policial de Nova Iorque?

O que me parece mais interessante, é que não temos certas facilidades, com que conta geralmente a polícia. Não podemos investigar os antecedentes de toda esta gente. Temos de nos limitar à simples dedução. Isto não é obra rotineira, mas puro trabalho cerebral. Pergunto: posso aceitar, como verdadeira, a identidade de Hardman? Estou em dizer que sim.

- Baseia-se na intuição... isto é, no que os Americanos chamam hunch? - atalhou Constantine.

- Não. Levo em conta apenas as possibilidades.

Se Hardman viaja com passaporte falso, isso é indício suspeito. A primeira coisa que a polícia fará, entrando em cena, será prendê-lo e certificar-se de que ele disse a verdade. Tratando-se de muitos passageiros, torna-se difícil investigar-lhes os antecedentes; na maioria dos casos nem se procurará, visto que não há nenhum indício contra eles. No caso de Hardman, porém, é fácil. É ou não a pessoa que pretende ser? Afirmo, todavia, que está tudo em ordem.

- Isenta-o, pois, de suspeitas?

- Não. Não me entendeu. Qualquer investigador americano pode ter as suas razões particulares para assassinar Ratchett. O que quero dizer, é que poderemos aceitar como verdadeira a identidade de Hardman. O facto de Ratchett ter solicitado os seus serviços pode ser verdadeiro.

Desde que aceitemos estas hipóteses, vejamos os fatos que as confirmam. Encontramo-los, antes de tudo, no depoimento de Hildegarde Schmidt. A descrição do homem que ela viu com o uniforme de chefe do pessoal do comboio adapta-se perfeitamente ao suposto assassino. Depois, o botão encontrado pela senhora Hubbard no seu camarote. E ainda há outro facto que não mencionámos.

- Qual?

- O coronel Arbuthnot e Mac Queen afirmaram ter visto passar o chefe do pessoal. Não ligaram importância ao facto; entretanto, Pedro Michel afirmou não ter deixado o seu lugar, senão para atender chamadas, que não o poderiam levar à extremidade do vagão, onde estavam aqueles dois passageiros. Logo, a versão do homenzinho moreno, de voz estridente, uniformizado como o pessoal do comboio, é confirmada, direta ou indiretamente, por quatro testemunhas.

- Um aparte - interveio Constantine. - Se o depoimento de Hildegarde Schmidt é exato, por que motivo o verdadeiro chefe do pessoal não mencionou tê-la visto, quando foi atender a chamada da senhora Hubbard?

- Explica-se. Quando o chefe do pessoal foi atender a senhora Hubbard, a governanta já estava junto da princesa. E, quando ela voltou ao seu camarote, o chefe do pessoal ainda estava no da senhora Hubbard.

Bouc, que se contivera a custo, esperando com impaciência o fim dessa explicação, atalhou:

- Sim, sim, meu amigo. Embora admirando a sua prudência e o seu método de proceder lentamente, digo-lhe que ainda não chegou ao ponto que interessa.

Todos acreditamos que essa pessoa exista. Mas a questão é saber onde está?...

Poirot meneou a cabeça, em ar de censura.

- Engana-se. Quer levar o carro adiante dos bois.

Antes de perguntar a mim mesmo: Como se evaporou esse homem? - pergunto: Existe, realmente, esse homem?

Vejamos: se esse criminoso fosse mera invenção, seria mais fácil fazê-lo desaparecer.

Assim, antes de tudo, procuro averiguar se ele existe, realmente.

- E, chegando à conclusão de que ele existe... onde estará agora?

- Há só duas soluções: ou está escondido no comboio em lugar tal que nunca nos lembraremos de revistar ou então, por assim dizer, o nosso criminoso corresponde a duas pessoas: é o homem que Ratchett temia e estava ao mesmo tempo tão bem disfarçado, que a vítima não o reconheceu.

- É uma boa ideia - disse Bouc, com o rosto iluminado. - Há, porém, uma objeção... - acrescentou com tristeza.

- A estatura do homem, não é verdade? - disse Poirot, completando- lhe as palavras. - Exceto o criado de Ratchett, todos os passageiros são altos... o italiano, o coronel, Mac Queen e o conde Andrenyi.

Resta-nos o criado... hipótese pouco provável. Há, contudo, outra possibilidade: lembre-se da voz estridente, voz de mulher. Isto origina várias alternativas.

O criminoso pode ter-se disfarçado de homem e apresentar-se agora como a mulher que é. Em trajes masculinos, até uma mulher de elevada estatura parece baixa.

- Mas Ratchett decerto sabia...

- Talvez soubesse. Quem sabe se essa mulher já não lhe atentara contra a vida, em traje masculino, para executar mais facilmente o seu propósito? A fim de prevenir uma repetição desse logro, Ratchett pediu a Hardman que vigiasse um homem.

- É provável - concordou Bouc. - Todavia...

- Escute, meu amigo, creio que lhe posso comunicar certas observações interessantes, feitas pelo doutor Constantine.

E o detective relatou as conclusões, a que ele e o médico haviam chegado, acerca da natureza dos ferimentos. Bouc fez ouvir um murmúrio lamentoso e apertou a cabeça nas mãos.

- Compreendo - disse Poirot, com simpatia - compreendo o que sente. Tem a cabeça tonta, não é assim?

- Tudo isso é uma fantasia! - bradou Bouc.

- Exatamente. É absurdo... improvável, inverossímil (como eu mesmo o julgo) entretanto é isso mesmo. Não se pode fugir dos factos.

- Uma loucura!

- Não acha? Parece uma coisa tão insensata, que por momentos tenho a impressão de que deve ser muito simples; mas isso é apenas uma das minhas "ideiazinhas..."

- Dois assassinos... - gemeu Bouc. - E no expresso do Oriente... E esta lembrança quase o fez chorar.

- Agora tornemos esta fantasia ainda mais fantástica - prosseguiu Poirot jovialmente. - Na noite passada, havia no comboio dois estranhos misteriosos: o chefe do pessoal, correspondendo à descrição de Hardman e visto por Hildegarde Schmidt, pelo coronel Arbuthnot e Mac Queen, e uma mulher de roupão vermelho (alta e esbelta) vista por Pedro Michel, Maria Debenham, Mac Queen e por mim mesmo e "pressentida", digamos, pelo coronel Arbuthnot. Quem era ela? Nenhuma passageira confessou ter um roupão vermelho. Essa mulher também se evaporou. Será o mesmo chefe do pessoal ou outra personalidade, bem distinta? Onde estão esses dois? E onde estarão o uniforme e o roupão vermelho?

- Ah! Eis um elemento positivo! - exclamou Bouc, levantando-se de um salto. - Revistemos todas as bagagens dos passageiros! Sim, havemos de encontrar qualquer coisa.

Poirot também se levantou.

- Faço uma profecia - disse ele.

- Sabe onde os encontraremos?

- Tenho uma "ideazinha".

- Onde? Diga?

- Encontrará o roupão vermelho na bagagem de um dos passageiros e o uniforme de chefe do pessoal nas malas de Hildegarde Schmidt.

- Hildegarde Schmidt? Julga que...?

- Não é o que pensa, mas o seguinte: se Hildegarde Schmidt é culpada, o uniforme pode ser encontrado na sua bagagem... porém, se ela estiver inocente, será encontrado com certeza.

- Mas como...? - principiou Bouc.

E interrompeu-se, para exclamar:

- Que barulho é este? Parece o de uma locomotiva em movimento.

O rumor aproximava-se. Eram gritos e protestos de uma voz feminina. A porta do vagão-restaurant escancarou-se e a senhora Hubbard precipitou-se no salão.

- É horrível - bradou ela. - É de mais! Na minha maleta... Na minha maleta... Um punhal todo ensanguentado!

E de súbito, perdendo as forças, a americana desmaiou no ombro de Bouc.

XIV

O TESTEMUNHO

Com mais vigor do que galanteria, Bouc pousou na mesa a cabeça da dama desmaiada. Constantine chamou um dos criados do restaurante; o homem acudiu, correndo.

- Mantenha-lhe a cabeça levantada - explicou o médico ao empregado. - Quando ela voltar a si, dê-lhe um pouco de conhaque. Compreende?

Dadas essas ordens, reuniu-se à pressa aos seus dois companheiros. O seu interesse concentrava-se todo nesse crime... os desmaios das damas idosas não o impressionavam.

Provavelmente, a Sra. Hubbard recobrou os sentidos com mais facilidade do que se lhe tivessem dispensado algum cuidado.

Poucos minutos depois, já se endireitava na cadeira, sorvendo o conhaque e expandindo-se na costumada loquacidade.

- Não sei dizer o horror que senti! Desconfio que ninguém está, aqui, em condições de compreender as minhas sensações. Sempre fui muito sensível... como uma criança. A vista do sangue... Ai! só de pensar nisso, quase desmaio outra vez!

O criado estendeu-lhe pressurosamente o copo.

- Mais um pouco, minha senhora...

- Acha que me fará bem? Nunca tomo álcool. Na minha família, todos são abstêmios. Enfim, como é apenas para remédio...

E a velha americana tornou a beber.

Entretanto Poirot e Bouc, seguidos pelo médico, encaminhavam-se para o camarote da Sr.a Hubbard.

Todos os viajantes estavam à porta dos seus compartimentos.

O chefe do pessoal com uma expressão de terror na fisionomia, tentava contê-los.

- Não há nada para ver - dizia ele em diversas línguas.

- Deixem-me passar, por favor - disse Bouc.

Abrindo caminho entre os passageiros, o diretor da Companhia entrou no camarote, seguido pelo detetive.

- Alegro-me de que tenha vindo, senhor - disse o chefe do pessoal do comboio, com alívio. - Todos queriam entrar. A senhora americana gritava tanto, que julguei que também a estivessem matando. Vim a correr. Encontrei-a, chamando como louca, dizendo que iria procurá-lo e no caminho contava a todos o que lhe aconteceu. Está ali, senhor - continuou Michel com um gesto: - Não mexi em coisa alguma.

Pendurada no trinco da porta de comunicação com o camarote vazio, via-se uma larga bolsa de borracha.

Debaixo dela, como caíra das mãos da Sra. Hubbard, estava um punhal de lâmina reta... aparentemente uma arma oriental, de cabo cinzelado e lâmina pontuda, em que se viam manchas semelhantes a ferrugem.

Poirot apanhou-o com cuidado.

- Sim - murmurou ele. - Não é possível enganar-me. Eis a arma que se sumira... hem, doutor?

Constantine examinou-a por sua vez.

- Não tenha tanto cuidado - disse Poirot. - Não traz impressões digitais, salvo as da senhora Hubbard.

O médico, porém não se demorou muito tempo a examinar o punhal.

- É a arma, de facto - disse ele - e corresponde a todos os ferimentos.

- Peço-lhe, meu amigo, que não diga isso! O médico pareceu surpreendido.

- Somos perseguidos pelas coincidências - objetou Poirot. - Na noite passada, duas pessoas resolveram apunhalar Ratchett.

É de mais que ambas escolhessem armas idênticas.

- Não é tão estranho, como parece - disse o médico. - Estas armas vendem-se aos milhares nos bazares de Constantinopla.

- Consolo-me um pouco... mas muito pouco - tornou o detective.

E fitou, pensativo, a porta de comunicação; depois, tirando a bolsa de borracha, experimentou o trinco. A porta estava fechada. Pouco abaixo do trinco, havia um ferrolho. Poirot puxou-o para trás e tornou a experimentar o trinco, mas não conseguiu abrir a porta.

- Nós fechámo-la pelo lado de dentro; lembra-se? - disse o médico.

- É verdade - replicou o detective, distraído.

Poirot parecia preocupado; uma ruga sulcava-lhe a testa.

- Isto explica-se, não é verdade? - perguntou Bouc. - O homem passou por aqui. Fechando a porta de comunicação atrás de si, deu com essa bolsa e ocorreu-lhe de repente a ideia de enfiar ali dentro a arma ensanguentada. Depois, sem saber que acordara a senhora Hubbard, fugiu pela outra porta.

- É o que deve ter acontecido - disse Poirot. Entretanto continuava a mostrar-se intrigado.

- Que há? - perguntou Bouc. - Alguma coisa que não o satisfaz, meu amigo?

Poirot deitou-lhe um rápido olhar.

- Essa mesma coisa não o intriga também? Não, evidentemente. Bem, é uma coisa insignificante.

O chefe do pessoal assomou à porta.

- Vem aí a senhora Hubbard - anunciou ele.

Constantine sentiu-se constrangido; percebia que não se portara bem com a velha dama. Mas a americana não tinha tempo para censurá-lo; toda a sua energia convergia para outro ponto.

- Só uma palavra - disse ela, ofegante, assomando à porta. - Não quero ficar neste camarote. Não dormiria aí, esta noite, nem que me dessem um milhão de dólares!

- Mas, minha senhora...

- Sei o que vai dizer e desde já respondo que não quero saber disso! Prefiro passar a noite sentada no corredor! Oh! se a minha filha soubesse! - continuou logo, elevando a voz. - Se ela me visse neste instante...

Poirot interrompeu-a.

Entendeu mal, minha senhora. O seu pedido é mais do que razoável. As suas bagagens serão removidas, desde já, para outro camarote.

A senhora Hubbard baixou o lenço.

- Fala verdade? Oh! já me sinto melhor! Mas o comboio está repleto e, a não ser que um dos cavalheiros...

Bouc tomou a palavra.

- A sua bagagem, minha senhora, será transportada para o vagão enganchado em Belgrado.

- Esplêndido! Não sou lá muito nervosa, porém, dormir neste camarote, junto ao de um morto... - e a americana estremeceu. - Isto deixar-me-á quase louca.

- Michel - chamou Bouc. - Leve estas bagagens para um camarote vazio do vagão Atenas-Paris.

- Sim, senhor... o mesmo número deste, o número três, não?

- Não - acudiu Poirot, antes que Bouc respondesse. - Creio que seria melhor para a senhora Hubbard ter outro número. O número doze, por exemplo.

- Sim, senhor.

O chefe do pessoal pegou nas malas e a senhora Hubbard voltou-se para agradecer a Poirot.

- Que bondade e delicadeza! - disse ela. - Sei apreciá-la, creia.

- Nem diga isso, minha senhora! Acompanhá-la-emos, para nos certificarmos de que fica bem instalada.

Escoltada pelos três homens, a senhora Hubbard dirigiu-se para o seu novo camarote, que examinou com satisfação.

- Bonito! - disse ela.

- Agrada-lhe, minha senhora? Como vê, é idêntico ao que acaba de deixar.

- E isso mesmo... apenas dá para o outro lado.

Mas não importa; estes comboios andam ora numa direção ora noutra. Eu tinha dito à minha filha: Quero um camarote fronteiro à locomotiva e ela respondeu... Não, mamã, não lhe convém, pois, quando adormecer, o comboio andarà num sentido e ao acordar, encontrá-lo-á seguindo noutra direção. É verdade. Foi o que aconteceu em Belgrado.

- Então, está satisfeita?

- Propriamente, não. Estamos bloqueados pela neve e ninguém pode fazer nada. Entretanto, o meu vapor sairá depois de amanhã.

- Minha senhora - atalhou Bouc. - Todos nós estamos nas mesmas condições.

- É verdade - concordou a senhora Hubbard. -
Todavia, ninguém encontrou, altas horas da noite,
um assassino no seu próprio camarote.

- Eis o que me intriga - disse Poirot. - Como
pôde esse homem entrar no seu camarote, se a porta
de comunicação, como a senhora disse, estava
trancada? Tem a certeza de que estava trancada?

- Sim, a senhora Ohlsson experimentou-a, à
minha vista.

- Procuremos reconstituir a cena. A senhora
não podia certificar-se por si mesma, porque já
estava deitada, não é assim?

- Não, por causa do saco. Oh! preciso comprar
outro! Dai-me o estômago, só de olhar para esse.

Poirot apanhou-o e pendurou-o no trinco da
porta de comunicação com o camarote vizinho.

- Perfeitamente - disse ele. - O ferrolho está
logo abaixo do trinco e o saco esconde-o. Da sua
cama a senhora não podia ver se a porta estava ou
não aferrolhada.

- Pois foi o que eu lhe disse!

- E a senhora sueca ficou aqui, entre a senhora
e o saco? Experimentou a porta e disse-lhe que
estava fechada?

- Exatamente.

- Contudo, ela pode ter-se enganado. Compreende o que quero dizer? - perguntou Poirot, ansioso por se explicar. - O ferrolho é apenas uma tira de metal. Voltado para a direita, tranca a porta, para a esquerda, deixa-a aberta. Provavelmente experimentou o trinco e como o passageiro do outro camarote a fechara do seu lado...

- Bem! Ela não deixa de ter sido tola!

- Minha senhora, nem sempre a pessoa melhor e mais amável é a mais inteligente.

- É verdade.

- A propósito: vem de Esmirna, minha senhora?

- Não, desembarquei em Istambul, onde um amigo da minha filha, o senhor Johnson (um perfeito cavalheiro, gostaria que o conhecessem), me recebeu e levou a visitar a cidade toda... um lugar horrível! E essas mesquitas e as pantufas que enfiam por cima dos sapatos... onde estava eu?

- Dizia que o senhor Johnson a recebeu.

- Isso mesmo. E ele viu-me a bordo do navio francês de Esmirna e o meu genro, a esperar no cais.

Que dirá ele, quando souber disto? A minha filha assegurava que seria a viagem mais cómoda e segura:

A mãe acomoda-se no comboio e vai ao encontro logo do expresso americano. E... oh! Senhor! Que hei-de fazer para cancelar a minha passagem? Teria de escrever-lhes isto! E não posso! E de mais!

As lágrimas reapareciam nos olhos da senhora Hubbard. Já aborrecido, Poirot aproveitou a oportunidade.

- Sofreu um verdadeiro choque, minha senhora.

É melhor que o empregado lhe traga chá e alguns biscoitos.

- Não creio que o chá me faça bem – disse a velha americana, desfeita em lágrimas. - É mais um hábito inglês...

- Então café. Precisa de um estimulante.

- O conhaque fez-me andar a cabeça à roda. Prefiro café.

- Muito bem. Isso lhe ressuscitará as forças.

- Que expressão esquisita!

- Antes, porém, mais uma formalidade.

Permite que lhe reviste as bagagens?

- Para quê?

- Teremos de revistar a bagagem de todos os passageiros. Não lhe quero lembrar uma

desagradável ocorrência. Pense, porém, na sua bolsa.

- Misericórdia! Talvez seja melhor! Francamente, não tenho coragem para suportar novas surpresas deste género.

A busca não durou muito. A senhora Hubbard trazia poucas bagagens - chapeleira, uma mala grande e a maleta bem cheia. - O conteúdo delas foi examinado rapidamente e a busca seria ainda mais rápida, se a senhora Hubbard não insistisse em mostrar as fotografias da filha e dos netos.

A PROVA DAS BAGAGENS

Livrando-se da senhora Hubbard com algumas hipocrisias delicadas e assegurando que lhe mandaria levar o café, Poirot retirou-se com os seus dois companheiros.

- Bem, fizemos uma busca infrutífera - disse ele. - Quem virá em seguida?

- Creio que será melhor percorrer todo o comboio, de camarote em camarote. Começemos pelo número dezesseis... o do amável senhor Hardman.

O detective americano entretinha-se, fumando um cigarro, e recebeu-os afavelmente.

- Entrem, senhores... isto é, se for possível. Só em fantasia este compartimento poderá abrigar um grupo.

Bouc explicou-lhe o motivo da visita; o americano concordou.

- Perfeitamente. Admirava-me de que já não o tivessem feito.

Aqui estão as chaves; se quiserem revistar-me os bolsos, estou às ordens. Vou levantar as malas.

- Não, o chefe do pessoal o fará. Michel!

A revista à bagagem do americano pouco tempo levou. As malas continham uma quantidade talvez excessiva de bebidas alcoólicas. Hardman piscou o olho.

- Em geral não se revistam as bagagens na fronteira, especialmente quando se dá gorjeta ao condutor.

Já espalhei por aí um maço de notas turcas e, tão cedo, não me aborrecerei.

- E em Paris?

Hardman tornou a piscar o olho.

- Quando lá chegar - replicou ele - o que restar de tudo isso caberá num frasco de loção para o cabelo.

- O senhor não é partidário da lei seca? - observou Poirot com um sorriso.

- Ora! - disse Hardman. - A lei seca nunca me incomodou.

- Ah! - disse Bouc. - Os speakeasy - acrescentou, pronunciando com cuidado e saboreando o vocábulo. - Como são interessantes e expressivos os termos americanos! - concluiu ele.

- Eu gostaria de ir à América - disse Poirot.

- O senhor aprenderia muita coisa nova - afirmou Hardman. - A Europa precisa acordar. Está meio adormecida.

- Na verdade, a América é o país do progresso - concordou o belga. - Eis o que admiro nos Americanos. Talvez eu seja um pouco antiquado, acho as mulheres americanas menos encantadoras do que as nossas.

As raparigas francesas e belgas, tão vivas e graciosas, a meu ver, não têm rivais.

Hardman voltou-se para olhar a neve durante um minuto.

- Talvez tenha razão, senhor Poirot - disse ele.

- Creio, porém, que cada nação gosta mais das próprias mulheres. O americano pestanejou, como se a brancura da neve o ofuscasse.

- Uma espécie de deslumbramento, não? - disse ele. - Asseguro-lhe que esta situação começa a enervar-me.

Crime! Neve!... E não poder fazer nada! Depender de matar o tempo o melhor possível! Preciso ocupar-me com alguém ou alguma coisa.

- Eis o genuíno espírito de ação do Oeste - observou Poirot, sorrindo.

O chefe do pessoal tornou a arranjar as malas e os três homens passaram ao compartimento

seguinte, onde o coronel Arbuthnot fumava e lia um jornal.

Poirot explicou-lhe o motivo da visita. O coronel apressou-se a satisfazê-los. Trazia duas malas pesadas de couro.

- O resto das minhas bagagens vai por via marítima - explicou ele.

Como a maioria dos soldados, o coronel era de uma ordem escrupulosa. A revista nas suas bagagens ocupou apenas poucos minutos e Poirot deu com um embrulho de limpa-cachimbos.

- Usa-os sempre da mesma qualidade? - perguntou ele.

- Geralmente...

- Ah! - comentou o belga.

Os limpa-cachimbos eram idênticos ao que se encontrara no camarote de Ratchett.

Constantine comentou o facto, logo que deixaram o aposento do coronel.

- Contudo - disse Poirot - custa-me a crer.

Não condiz com esse carácter e quem diz isto diz tudo.

A porta do camarote da princesa Dragomiroff estava fechada. Bateram e a voz grave da velha dama convidou-os a entrar. Bouc, muito cortês e deferente, deu a explicação habitual.

A princesa escutou-o, calada e impassível.

- Desde que é necessário - disse ela - dou licença. A minha criada tem as chaves. Ela os ajudará.

- É a sua criada quem as guarda habitualmente? - perguntou o belga.

- Decerto!

- E se de noite, chegando à fronteira, for necessário abrir uma das malas?

A velha dama encolheu os ombros.

- É pouco provável. Nesse caso, o chefe do pessoal chamá-la-ia.

- Confia tanto nela, minha senhora?

- Já lhe disse que sim - replicou a princesa calmamente. - Não emprego gente em que não possa confiar.

- Sim - disse Poirot pensativo. - A confiança é muita coisa nos nossos dias. Talvez seja melhor ter uma criada modesta, em que se possa confiar, do que outra mais chic... uma graciosa parisiense, por exemplo.

Os olhos negros e inteligentes da aristocrata voltaram-se lentamente, para encarar Poirot.

- Que quer dizer com isso, senhor Poirot?

- Nada, minha senhora. Eu? Nada.

- Sim. Pensa que tenho alguma francesa elegante para atender à minha toilette?

- Seria muito natural, minha senhora. Ela meneou a cabeça.

- Schmidt é muito dedicada - e, acentuando lentamente as palavras, acrescentou. - Não há dinheiro que pague a dedicação.

Entretanto a alemã chegara com as chaves. Depois de lhe ordenar em russo que abrisse as malas e auxiliasse os três homens na busca, a princesa saiu para o corredor a olhar a neve. Poirot acompanhou-a, deixando a Bouc o encargo de fiscalizar a operação.

A velha dama encarou o belga com um sorriso escarninho.

- Pelo que vejo, não o interessa o conteúdo das minhas malas? O belga meneou a cabeça.

- Não passa de uma formalidade, minha senhora.

- Tem a certeza?

- No seu caso, sim.

- Entretanto conheci e estimei Sónia Armstrong.

Em que pensa então? Que não quis manchar as mãos com um velhaco da espécie de Cassetti? Bem; talvez tenha razão.

Depois de breve pausa, a princesa acrescentou:

- Sabe o que gostaria de ter feito a esse homem?

Chamar os meus criados e ordenar-lhes: Fustiguem-no até à morte e atirem-no ao lixo. Dantes procedia-se assim.

O detective continuava a escutá-la atentamente, sem falar. A princesa encarou-o e, com súbita veemência, disse:

- O senhor não fala! Em que está pensando? Poirot fitou-a por sua vez.

- Acho, minha senhora, que a sua força está na vontade e não no braço.

A princesa olhou os próprios braços magros, escondidos na manga preta, e as mãos amareladas, longas como garras e cheias de anéis.

- É verdade - disse ela. - Não tenho força nos braços... nenhuma. Não sei se feliz ou infelizmente.

Depois, voltando-se com um gesto repentino, entrou no camarote, onde a criada se azafamava à roda das malas.

A princesa interrompeu as desculpas de Bouc:

- Não precisa justificar-se - disse ela. - Praticou-se um crime. Certas formalidades são indispensáveis.

- É muito amável, minha senhora.

A princesa cumprimentou-os e eles saíram.

As portas dos dois camarotes contíguos estavam fechadas. Bouc coçou a cabeça.

- Diabo! - disse ele. - Poderíamos passar adiante. Eles têm passaporte diplomático. A bagagem goza de imunidade.

- Na alfândega, sim. Mas um crime é coisa diversa.

- Sei. Contudo... não criemos complicações.

- Não se aborreça, meu amigo. O conde e a condessa serão razoáveis. Lembre-se da amabilidade da princesa.

- Ela é uma verdadeira fidalga. Esses dois também o são, mas o conde não mostrou boas disposições.

Não gostou de que o senhor insistisse em interrogar a condessa. E agora vamos aborrecê-la ainda mais. Passemos adiante. Aliás, não é admissível que eles estejam implicados nisto. Que necessidade temos de novos incômodos?

- Não concordo - disse Poirot. - Tenho a certeza de que o conde será razoável. Em todo o caso, tentemos.

E, antes que Bouc pudesse responder, o detective bateu à porta do camarote nº 13.

Uma voz convidou-os a entrar.

Sentado perto da porta, o conde lia um jornal.

A condessa ocupava o canto oposto, junto da janela. Descansava a cabeça num travesseiro e parecia ter dormido.

- Desculpe, senhor conde - começou Poirot. - Queira perdoar esta invasão. É que estamos revistando todas as bagagens. Pura formalidade, mas indispensável. O senhor Bouc lembrou que, como tem passaporte diplomático, pode, se quiser, isentar-se desta busca.

O conde refletiu um instante.

- Obrigado - disse ele. - Porém, não quero formar exceção.

Prefiro que as nossas malas sejam examinadas, como as dos outros passageiros.

E, voltando-se para a esposa, perguntou:

- Não vê inconveniente nisso, Elena?

- Não - respondeu a jovem, sem hesitar.

Seguiu-se uma rápida busca. Poirot parecia embaraçado, ao fazer observações como esta:

- Há um rótulo húmido na sua mala, minha senhora.

E, assim dizendo, erguia um estojo azul, com iniciais e coroa.

A condessa não replicou. Parecia aborrecida com aquela pesquisa e não se moveu do seu lugar, olhando vagamente pela janela, enquanto os três homens lhe examinavam as malas, no camarote contíguo.

Terminada a busca, Poirot abriu o armário, acima do lavatório, e revistou-lhe o conteúdo; uma esponja, um creme de beleza, pó-de-arroz e um frasquinho de trional.

Depois, com palavras amáveis de parte a parte, os três deixaram o camarote.

Os seguintes eram os da Sra. Hubbard, de Ratchett e do próprio Poirot. O grupo dirigiu-se, pois, para os compartimentos de segunda classe.

No primeiro encontraram Maria Debenham, a ler um livro, e Greta Ohlsson que acordou sobressaltada, quando eles entraram.

Poirot repetiu a explicação. A sueca agitou-se, enquanto a jovem inglesa se mantinha completamente calma.

Poirot dirigiu-se à primeira:

- Se nos der licença, examinaremos as suas bagagens; depois, talvez, nos queira fazer o favor de ver se a senhora americana está bem acomodada. Ela mudou-se para outro vagão, mas ainda está muito nervosa pela descoberta que fez na mala. Mande-i-lhe servir café; acho, porém, que para ela não há remédio melhor do que ter com quem conversar.

A sueca prontificou-se logo a ir. E, como tinha a sua mala aberta, aproveitou para tirar um pouco de amoníaco.

Greta saiu e a revista efetuou-se num instante. Ela trazia tão pouca coisa! Evidentemente, ainda não dera pela falta dos ganchos da chapeleira.

Pondo o livro de lado, Maria Debenham seguia Poirot, com o olhar. Quando o detetive lhe pediu as chaves, a rapariga entregou-as. Depois, enquanto o investigador abria uma das malas, perguntou:

- Porque afastou a minha companheira, senhor Poirot?

- Eu? Pedi-lhe apenas que fosse ver a senhora Hubbard.

- Um bom pretexto... mas pretexto.

- Não a compreendo.

- Creio que me entende muito bem. E a rapariga sorriu.

- Queria deixar-me só. Não é verdade?

- Pôs-me a frase na boca, minha senhora.

- E muitas ideias na cabeça? Não, não é isso.

As ideias sempre estiveram lá. Acertei, ou não?

- Minha senhora, temos um provérbio...

- Quem se desculpa acusa-se. Não é o que quer dizer? Convença-se de que tenho certa sagacidade e um pouco de bom senso. Por um motivo qualquer, o senhor desconfia de que tenho alguma relação com este crime... o assassinato de um homem que nunca vi.

- Está imaginando coisas!

- Não; não estou imaginando. Parece-me tempo perdido, o que se gasta, escondendo a verdade... querendo alcançar o fim por vias indiretas.

- Sim, tanto mais que a senhora detesta a perda de tempo. Prefere ir direita ao fim. Quer o método direto.

Pois bem, serei franco. Desejo perguntar-lhe o que significam as frases, que surpreendi durante a viagem na Síria. Desembarquei na estação de Kónia para distender as pernas, como dizem os Ingleses, e

ouvi a sua voz e a do coronel Arbuthnot. E a senhora dizia-lhe:

Não, agora não. Só quando tudo tiver passado!

Quando deixarmos isto para trás!... Que significavam estas palavras, minha senhora?

- Pensa que se referiam ao crime? - perguntou a rapariga calmamente.

- É o que estou perguntando.

A rapariga suspirou e pensou um instante. Depois disse:

- Essas palavras tinham um sentido que eu não lhe posso dizer. Posso apenas dar-lhe a minha palavra de que nunca vi Ratchett, a não ser neste comboio.

- Então recusa explicar as suas palavras?

- Sim... desde que quer franqueza, recuso. Elas referiam-se a uma missão de que me incumbi.

- Uma missão que terminou agora?

- Que quer dizer?

- Terminou, não é verdade?

- Porque diz isso?

- Escute, lembrar-lhe-ei outro incidente. Houve um atraso do comboio, no dia em que devíamos chegar a Istambul. A senhora, tão calma e segura de si, estava muito agitada.

- Não queria perder o comboio.

- Assim o disse. Mas o expresso deixa Constantinopla todos os dias. Embora o perdesse, seria apenas questão de vinte e quatro horas.

Pela primeira vez, Maria Debenham pareceu perder a calma.

- Não compreende que se possa ter amigos à nossa espera, em Londres, e que um dia de atraso cause mil transtornos?

- Ah! É por isso? Tem amigos à sua espera? Não lhes quer causar incómodos?

- Naturalmente!

- Entretanto... é curioso!...

- Curioso por quê?

- Neste comboio teremos novamente um atraso.

E desta vez mais sério, pois a senhora não pode telegrafar aos seus amigos nem falar-lhes pelo... pelo...

- Telefone?

- Isso. O chamado cabide, como se diz na Inglaterra. Maria Debenham sorriu involuntariamente e emendou:

- Não, o chamado mala. Sim, como diz, é bem desagradável não poder avisá-los por telégrafo ou telefone.

- Entretanto, o seu modo de estar é, desta vez, completamente diverso. A senhora não mostra nenhuma impaciência. Pelo contrário! Encara as coisas com calma e filosofia.

A inglesa corou e mordeu os lábios. Já não sorria.

- Não responde?

- Lamento-o! Porém, não sei o que responder.

- Sabe sim; explicará a sua mudança de atitude.

- Não acha que está fazendo barulho sem motivo, senhor Poirot? O belga desculpou-se com um gesto.

- É provavelmente uma fraqueza dos detectives.

Exigimos um procedimento sempre igual. Não admitimos mudanças de atitude.

Maria Debenham não replicou.

- Conhece bem o coronel Arbuthnot, minha senhora?

O detective percebeu que a mudança de assunto a aliviara.

- Encontrei-o pela primeira vez nesta viagem.

- Tem algum motivo para crer que ele conhecesse Ratchett? A rapariga sacudiu a cabeça resolutamente.

- Tenho a certeza do contrário.

- Por quê?

- Pelo modo como ele falou.

- Contudo, achámos no camarote da vítima um limpa-cachimbo. E o coronel Arbuthnot é o único passageiro que fuma cachimbo.

Poirot observava fixamente a rapariga. Porém, ela não mostrou nem surpresa nem emoção e limitou-se a dizer:

- Um verdadeiro absurdo: o coronel é o último homem em que pode recair a suspeita de semelhante crime.

Tal era também a opinião de Poirot; nesse ponto concordava plenamente com a sua interlocutora.

- Preciso lembrar-lhe, minha senhora, de que não o conhece bem - disse ele.

Ela encolheu os ombros e tornou:

- Conheço o género.

O belga insistiu gentilmente:

- Então recusa explicar-me o sentido das palavras: Quando deixarmos isto para trás?

- Nada tenho a dizer - replicou a rapariga friamente.

- Não importa - disse Poirot. - Hei de descobrir.

E, com um aceno, o detective saiu do camarote, fechando a porta atrás de si.

- Teria sido prudente, meu amigo? - perguntou Bouc. - Pôs a rapariga em guarda e por meio dela o coronel.

- Meu amigo, quando se quer apanhar um coelho, mexe-se-lhe na toca. Se ele estiver ali, foge, com certeza. Foi o que fiz.

Entretanto, paravam diante do camarote de Hildegarde Schmidt. Calma e deferente, a alemã pôs-se à disposição do detective.

Este examinou com um rápido olhar o conteúdo de uma maleta. Depois pediu ao criado que levantasse as malas mais pesadas.

- As chaves? - perguntou.

- Não estão fechadas, senhor.

Poirot levantou as alças da tampa de uma das malas e abriu-a.

- Ah - disse ele, voltando-se para Bouc. - Que lhe disse eu? Olhe! Bem por cima das roupas estava um uniforme de chefe do pessoal do comboio enrolado à pressa. À vista disso, a calma da alemã transformou-se em aflição.

- Ahc! - bradou ela. - Não é meu! Não fui eu quem o guardou ali. Não tornei a mexer nessa mala,

desde que deixámos Istambul. Acreditem! É verdade!

E a desorientada mulher corria o olhar suplicante de uns para os outros dos presentes.

Poirot segurou-lhe brandamente o braço, procurando acalmá-la.

- Não é nada! Confiamos na senhora. Não se aflija. Tenho tanta certeza de que não escondeu o uniforme como de que é uma boa cozinheira. Escute. É boa cozinheira, não?

A alemã sorriu involuntariamente.

- Sim; todas as damas que servi o afirmaram. Eu... E calou-se, de novo, assustada.

- Não, não! - repetiu Poirot. - Asseguro-lhe que não é nada. Vou contar-lhe o que se deu: o homem que a senhora viu uniformizado saiu do camarote da vítima. Esbarrou com a senhora. Era um mau encontro, para quem esperava não ser visto. Que havia de fazer então? Precisava livrar-se da farda, que já não era um disfarce e sim um perigo.

E Poirot deitou um olhar a Bouc e Constantine, que o escutavam atentamente.

- Veja; a neve estragou-lhe todos os planos. Onde poderia esconder esse uniforme? Todos os camarotes estavam ocupados. Passando diante

deste, viu a porta aberta; julgou-o desocupado. Devia ser o da mulher com quem esbarrara. Ele entrou então, despiu o uniforme e escondeu-o à pressa numa das malas. Não seria fácil encontrá-lo.

- E depois? - perguntou Bouc.

- Disso se tratará mais tarde - disse Poirot, advertindo-o com um olhar.

O detective levantou o uniforme. Faltava o terceiro botão da jaqueta, de cujo bolso o belga tirou a chave, que servia aos chefes do pessoal para abrir os camarotes.

- Eis como ele conseguiu passar pelas portas fechadas - disse Bouc. - A sua pergunta à senhora Hubbard era inútil. O nosso homem podia passar pela porta de comunicação, estivesse ou não fechada. Aliás, uma vez que existe o uniforme de chefe do pessoal, porque não existiria a chave?

- De facto - concordou o detective.

- Devíamos ter pensado nisso. Lembra-se de que Michel nos disse que, quando atendeu a chamada da senhora Hubbard, encontrou a porta fechada?

- É isso mesmo, senhor - atalhou o chefe do pessoal. - Eis porque julguei que a senhora Hubbard tivesse sonhado.

- Explica-se agora - continuou Bouc. - Ele queria fechar a porta de comunicação, mas talvez ouvisse algum barulho, e assustou-se.

- Falta-nos apenas - concluiu Poirot - achar o roupão vermelho.

- Justamente. Porém, os dois últimos camarotes são ocupados por passageiros.

- Não deixaremos, contudo, de procurar.

- Ah! Naturalmente! Lembro-me do que profetizou.

Heitor Mac Queen concordou prontamente no que lhe pediam.

- É bom que revistem quanto antes - disse ele, sorrindo. - Reconheço que sou suspeito. Falta-lhes só achar um testamento, em que o velho americano me deixa todos os seus bens.

Bouc deitou-lhe um olhar desconfiado.

- É um gracejo - apressou-se a acrescentar o rapaz. - Ele nunca me deixaria um vintém. Eu servia-lhe apenas para falar línguas estrangeiras. A pessoa que só sabe legítimo americano está sujeita a contratempos.

Não sou poliglota, mas sei alguns termos indispensáveis nos hotéis, para compras e frases em francês, italiano e alemão.

A voz do rapaz soava mais estridente que de costume. Apesar da sua boa vontade, a busca parecia embará-lo.

- Nada - disse Bouc. - Nem a menor herança comprometedora. Mac Queen respirou.

- Bem, um peso de menos - disse ele jovialmente. Os três homens passaram ao camarote vizinho.

A busca nas bagagens do italiano e do criado foi infrutífera.

E todos três, percorrido inutilmente o vagão, entreolharam-se.

- E agora? - perguntou Bouc.

- Voltemos ao vagão-restaurante - disse Poirot.

- Já sabemos tudo que é possível saber. Temos o depoimento dos passageiros, a prova das bagagens e a dos nossos olhos. Nada mais podemos esperar. Cumpre-nos agora pôr em ação os miolos.

E Poirot procurou no bolso a cigarreira; estava vazia.

- Volto já - disse ele. - Preciso de cigarros.

Que caso curioso e complicado! Quem vestia o quimono escarlate? Onde está ele agora? Parece que adivinho. Há alguma coisa neste caso que não compreendo bem. É difícil, porque assim o tornaram de propósito.

Mas discutiremos depois. Com licença.

E o detetive correu ao seu camarote. Trazia uma provisão de cigarros numa das malas. Entrou, fechou a porta e estacou estupefato.

Em cima da mala avistara o quimono de seda escarlate, bordado com dragões.

- Ah, sim? - murmurou ele. - É isso mesmo! Um desafio! Muito bem, aceito-o!

QUAL DELES?

Bouc e Constantine conversavam, quando o detetive chegou ao vagão-restaurante. O diretor parecia abatido.

- Ei-lo - disse, ao ver entrar Poirot.

Depois, enquanto o investigador tomava lugar à mesa, acrescentou:

- Se resolver este caso, meu amigo, começarei a crer em milagres.

- Aborrece-o este caso?

- Naturalmente! Não vejo nisto pés nem cabeça!

- Concordo - acudiu Constantine.

Depois, olhando com curiosidade o detective, disse:

- Francamente, não sei o que fará agora - afirmou ele.

- Não? - redarguiu Poirot pensativo.

Depois tirou do bolso a cigarreira e acendeu um cigarro com o mesmo ar distraído.

- Para mim eis o mais interessante do caso - começou. - Estamos bem longe dos processos rotineiros habituais. Todos esses passageiros que prestaram depoimento falaram verdade ou mentira? Não podemos sabê-lo, senão com o auxílio do nosso cérebro.

- Tudo isso é muito bonito - atalhou Bouc. - Mas que pretende fazer?

- O que acabei de dizer. Temos o depoimento dos passageiros e a prova dos nossos olhos.

- Belo depoimento... o dos passageiros! Não nos adiantou absolutamente nada!

Poirot meneou a cabeça.

- Não sou desse parecer, meu amigo - disse ele.

- Esses depoimentos prestaram-nos esclarecimentos importantes.

- Pode ser - disse Bouc, céptico. - Entretanto, não me parece.

- É porque não escutou.

- Bem, diga-me... que foi o que não ouvi?

- Por exemplo... o primeiro depoimento que ouvimos... o de Mac Queen. Uma das frases dele impressionou-me.

- A respeito das cartas?

- Não. Segundo creio, foi a seguinte: Depois viajámos. O senhor Ratchett queria ver o mundo.

Aborrecia-o o fato de não conhecer línguas. Eu era mais um intérprete do que um secretário.

E Poirot encarou sucessivamente os dois companheiros.

- Então? Ainda não percebem? É imperdoável... tanto mais que ele acabou de dizer agora mesmo:

Uma pessoa que só sabe falar legítimo americano, está sujeita a contratempos.

- Quer dizer que...? - perguntou Bouc intrigado.

- Ah! Estou vendo que preciso explicar-me claramente. Pois bem: Ratchett não falava francês. Entretanto, quando o chefe do pessoal acudiu à sua chamada, na noite passada, uma voz disse-lhe em francês que chamara por engano. E com uma frase perfeitamente idiomática e não a que usaria uma pessoa pouco afeita ao francês: Ce n'est rien. ,?e me suis trompév.

- É verdade! - bradou Constantine, excitado. - Deveríamos ter pensado nisso! Lembro-me de como o senhor sempre acentuou esse facto. Agora compreendo a sua relutância em aceitar a prova do

relógio. À uma menos vinte e três minutos, Ratchett estava morto.

- E o seu assassino falava! - concluiu Bouc, dramático. Poirot levantou a mão com ar de censura.

- Devagar! Contentemo-nos com o que sabemos.

Basta-nos, por enquanto, dizer que à uma hora menos vinte e três minutos havia alguém no quarto de Ratchett: um francês ou pessoa que fala correntemente esse idioma.

- É muito prudente, meu velho.

- É preciso galgar um degrau de cada vez. Nada nos prova que Ratchett àquela hora estivesse morto.

- E o grito que o acordou?

- É verdade.

- Seja como for - disse Bouc, pensativo - esta descoberta não altera absolutamente os fatos. O senhor ouviu alguém mover-se no quarto vizinho. Esse alguém não era Ratchett. Evidentemente lavava as mãos sujas de sangue e queimava a carta comprometedora. Depois esperou que tudo estivesse quieto: fechou a cadeado o camarote de Ratchett, abriu a porta de comunicação com o da senhora Hubbard e fugiu.

É o que imaginamos, com esta diferença: Ratchett foi assassinado cerca de meia hora antes. O relógio parado na uma hora e um quarto era apenas um álibi.

- Não muito hábil - disse Poirot. - Os ponteiros marcavam uma e quinze, a hora exata em que o criminoso deixou a cena do crime.

- É verdade - disse Bouc, atrapalhado. - Então que significava o relógio?

- Se os ponteiros foram alterados... note que digo: se, a hora que marcavam devia ter um significado.

A reação natural é suspeitar de quem tinha um álibi aceitável para essa hora.

- Sim, sim! - acudiu o médico. - É um bom raciocínio!

- Devemos também prestar atenção à hora em que o criminoso entrou no camarote. Quando teve essa oportunidade? A não ser que admitamos a cumplicidade do verdadeiro chefe do pessoal, só pode ter sido quando o comboio parou em Vincovci. Depois que o comboio deixou Vincovci, o chefe do pessoal voltou ao seu lugar e, ainda que ninguém o notasse, ele era a única pessoa que poderia estranhar a presença do seu suposto colega.

- E se fosse um passageiro? Qual seria deles?
Poirot sorriu.

- Redigi uma lista - disse ele. - Se quiser vê-la talvez lhe refresque a memória.

O médico e Bouc curvaram-se simultaneamente para o papel. Clara e metódica, a lista obedecia à ordem dos interrogatórios:

Heitor Mac Queen - Americano. Camarote nº 6. Segunda classe.

Motivo - Possivelmente suspeito de cumplicidade com o morto.

Álibi - Da meia-noite às duas horas. (Da meia-noite à uma hora e trinta minutos: confirmado pelo Cor. Arbuthnot; da uma hora e quinze minutos às duas: pelo chefe do pessoal.)

Prova contra ele - Nenhuma.

Pedro Michel - Chefe do pessoal - Francês.
Motivo - Nenhum.

Álibi - Da meia-noite às duas horas. (Visto por Hercule Poirot, no momento em que falava do camarote de Ratchett, às 00:37. Da uma hora à uma e dezasseis minutos: confirmado pelos colegas.)

Prova contra ele - Nenhuma.

Circunstâncias suspeitas - O uniforme encontrado parece ter sido uma tentativa para o tornar suspeito; é, pois, um ponto a seu favor.

Eduardo Masterman - Inglês. Camarote nº 5. Segunda classe.

Motivo - Eventualmente idêntico ao de Mac Queen; Masterman era o criado da vítima.

Álibi - Da meia-noite às duas horas. (Confirmado por António Foscarelli).

Prova contra - Nenhuma.

Circunstâncias suspeitas - Nenhuma; exceto ser ele o único homem que poderia vestir o uniforme do chefe do pessoal. Por outro lado, não é provável que saiba falar bem francês.

Senhora Hubbard - Americana. Camarote nº 3. Primeira classe.

Motivo - Nenhum.

Álibi - Da meia-noite às duas horas; nenhum.

Prova contra ou circunstâncias suspeitas - A história do criminoso, que se introduziu no camarote, é confirmada por Hardman e Hildegard Schmidt.

Greta Ohlsson - Sueca. Camarote nº 10. Segunda classe.

Motivo - Nenhum.

Álibi - Da meia-noite às duas horas.
(Confirmado por Maria Debenham.)

Nota: foi ela a última pessoa que viu Ratchett vivo.

Princesa Dragomiroff - Francesa naturalizada.
Camarote nº 14. Primeira classe.

Motivo - Íntima da família Armstrong e madrinha de Sónia Armstrong.

Álibi - Da meia-noite às duas horas.
(Confirmado pelo chefe do pessoal e pela criada).

Prova contra ou circunstâncias suspeitas -
Nenhuma.

Conde Andrenyi - Húngaro. Passaporte diplomático. Camarote nº 13. Primeira classe.

Motivo - Nenhum.

Álibi - Da meia-noite às duas horas.
(Confirmado pelo chefe do pessoal, exceto da uma hora à uma e quinze minutos).

Condessa Andrenyi - Camarote nº 12.

Motivo - Nenhum.

Álibi - Da meia-noite às duas horas. Tomou trional e dormiu. (Confirmado pelo marido. Frasco de trional no lavatório).

Coronel Arbuthnot - Inglês. Camarote nº 15. Primeira classe.

Motivo - Nenhum.

Álibi - Da meia-noite às duas horas. Falou com Mac Queen até à uma hora e trinta minutos. Entrou no camarote donde não tornou a sair (confirmado por Mac Queen e pelo chefe do pessoal).

Prova contra ou circunstâncias suspeitas - Limpa-cachimbos.

Ciro Hardman - Americano. Camarote nº 16.

Motivo - Nenhum conhecido.

Álibi - Da meia-noite às duas horas. Não deixou o camarote (confirmado por Mac Queen e pelo chefe do pessoal).

Prova contra ou circunstância suspeita - Nenhuma.

António Foscarelli - Americano. (Italiano de nascimento.) Camarote nº 5. Segunda classe.

Motivo - Nenhum conhecido.

Álibi - Da meia-noite às duas horas.
(Confirmado por Eduardo Masterman).

Prova contra ou circunstâncias suspeitas. -
Nenhuma, exceto que a arma usada condiz com o seu temperamento (vide o Sr. Bouc).

Maria Debenham - Inglesa. Camarote nº 11.
Segunda classe.

Motivo - Nenhum.

Álibi - Da meia-noite às duas horas
(confirmado por Greta Ohlsson).

Prova ou circunstâncias suspeitas -
Conversação surpreendida por Hercule Poirot e a sua recusa de explicá-la.

Hildegarde Schmidt - Alemã. Camarote nº 8.
Segunda classe.

Motivo - Nenhum.

Álibi - Da meia-noite às duas horas
(confirmado pelo chefe do pessoal e princesa Dragomirof?. Deitou-se.

Acordada pelo chefe do pessoal às 00.28,
aproximadamente, foi atender a ama.

Nota: Estes depoimentos são confirmados pela afirmação do chefe do pessoal que ninguém entrou ou saiu do camarote de Ratchett da meia- noite à

uma hora (quando o chefe passou ao vagão vizinho) e da uma e quinze às duas horas.

- Este documento - explicou Poirot - é um relatório do que ouvimos, disposto deste modo por simples conveniência.

Bouc devolveu o papel, com uma careta.

- Não esclarece grande coisa - disse ele.

- Talvez isto lhe agrade mais - disse Poirot, sorrindo levemente e estendendo-lhe uma segunda folha de papel.

II

DEZ QUESITOS

Esse papel continha o seguinte: Factos que requerem explicação:

I - O lenço marcado com a inicial H. A quem pertence?

II - O limpa-cachimbo. Foi perdido pelo coronel Arbuthnot ou por outra pessoa?

III - Quem vestia o quimono escarlate?

IV - Quem era o homem - ou mulher - disfarçado com o fardamento de chefe do pessoal do comboio?

V - Porque marcava o relógio uma hora e quinze minutos? VI - Foi o crime praticado a essa hora?

VII - Mais cedo? VIII - Mais tarde?

IX - Será exato que Ratchett foi apunhalado por mais de uma pessoa?

X - Que outra explicação haverá para a natureza dos ferimentos?

- Bem, vejamos o que há a fazer - disse Bouc, animando-se. - Comecemos pelo lenço. Sejam ordenados e metódicos.

- Certamente - concordou o detective, com satisfação. Bouc prosseguiu:

- A inicial H indica três pessoas: a senhora Hubbard, a jovem Debenham, cujo segundo nome é Hermione, e a criada Hildegarde Schmidt.

- Ah! E qual das três?

- É difícil dizer. Voto, porém, pela jovem Debenham. Ela pode usar o segundo nome, em lugar do primeiro. Aliás, há um indício contra ela. As frases que surpreendeu, meu amigo, eram bastante curiosas, como também o facto dela recusar explicá-las.

- Quanto a mim, voto pela velha americana - disse Constantine. - Esse é um lenço caro, e, como

todos sabem, os americanos não fazem questão de preço.

- Assim, excluem ambos a governanta? - perguntou o detective.

- Sim. Como ela mesma diz, esse lenço pertence a pessoa de classe elevada.

- E, agora, a segunda pergunta... o limpa-cachimbos. Foi perdido pelo coronel ou por outra pessoa?

- É ainda mais difícil. Os Ingleses não apunham. Nisto o senhor tem razão. Estou inclinado a crer que foi outra pessoa que perdeu o limpa-cachimbos... talvez para incriminar o inglês pernilongo.

- Como já lhe ouvi dizer, senhor Poirot - atalhou o médico - dois indícios de uma vez, são muita coisa. Concordo com o senhor Bouc. O lenço é um verdadeiro indício, embora ninguém confesse tê-lo perdido. O limpa-cachimbos não passa de um logro.

Em apoio a esta suposição, o senhor mesmo disse que o coronel não demonstrou o menor embaraço e confessou fumar cachimbo e usar essa espécie de utensílio.

- Raciocina bem - admitiu Poirot.

- Terceira pergunta: quem vestia o roupão vermelho? - prosseguiu Bouc. - Confesso que não tenho a menor ideia. Sabe alguma coisa a esse respeito, doutor?

- Não.

- Então confessemos-nos derrotados nesse ponto.

O quesito seguinte é verosímil. Quem era o homem, ou mulher, que se disfarçou em chefe do pessoal?

Bem. Vejamos quem não podia ser: Hardman, o coronel, António Foscarelli, o conde Andrenyi e Mac Queen são muito altos; a senhora Hubbard, Hildegard Schmidt, Greta Ohlsson, muito gordas. Restam o criado, a menina Debenham, a princesa Dragomiroff e a condessa Andrenyi. Nenhum destes parece suspeito.

Greta Ohlsson e António Foscarelli juraram respectivamente que Maria Debenham e o criado não saíram do camarote. Hildegard Schmidt afirmou que a princesa ficou no próprio compartimento e o conde Andrenyi contou-nos que a esposa tomara um soporífero.

Entretanto, é impossível que não tenha sido ninguém... é mesmo absurdo!

- Como dizia o velho Euclides - comentou Poirot.

- Deve ser um desses quatro - disse Constantine. - Salvo se foi alguém que entrou no comboio e encontrou um esconderijo... mas já vimos que isto é impossível.

Bouc passou à pergunta seguinte.

- Quinta pergunta... porque marcava o relógio uma hora e quinze minutos? Há duas soluções: ou foi obra do criminoso, com o fim de ter um álibi e poder sair do camarote num momento oportuno, ou então... tenho uma ideia...

Os outros dois esperaram respeitosamente, enquanto Bouc se debatia numa verdadeira agonia mental.

- É o seguinte - disse ele afinal. - Não foi o suposto chefe do pessoal que alterou o relógio. Foi o segundo criminoso... o canhoto... ou seja a mulher do roupão vermelho. Chegou mais tarde e alterou os ponteiros, para arranjar um álibi.

- Bravo! - exclamou o médico. - Bem imaginado!

- De fato - disse Poirot - ela apunhalou Ratchett no escuro, sem saber que já estava morto; porém, imaginando que ele tivesse um relógio no

bolso do pijama, tirou-o, alterou os ponteiros dando-lhes as voltas necessárias.

Bouc olhou-o friamente.

- Não tem nenhuma ideia melhor do que a minha? - perguntou ele.

- Neste momento, não - admitiu Poirot.

Contudo - prosseguiu ele - parece-me que nenhum dos senhores observou o ponto mais interessante, no caso do relógio.

- Acaso se relaciona com o quesito número seis? - perguntou o médico. - À pergunta: Foi o crime praticado a essa hora... uma e quinze... respondo:

Não.

- Concordo - disse Bouc. - A pergunta seguinte é: Mais cedo? Digo que sim. Concorda, doutor?

Constantine anuiu.

- Sim, mas ao quesito: Mais tarde? Também se pode responder afirmativamente. Concordo com a sua teoria, senhor Bouc, e creio que o senhor Poirot é do mesmo parecer, embora não deseje comprometer-se.

O primeiro assassino chegou antes da uma hora e quinze, mas o segundo apareceu depois dessa hora.

Quanto à questão dos golpes desferidos com a mão esquerda, não nos deveríamos certificar de qual dos passageiros é canhoto?

- Não desprezei totalmente esse ponto - disse Poirot. - Deve ter notado que os fiz, a todos, assinarem o nome e endereço. Mas isto não tem grande importância, porque muita gente assina com a direita e outros com a esquerda. Muitos dos que escrevem com a direita jogam o golfe com a esquerda. Contudo, é sempre qualquer coisa. Todos os passageiros pegaram na caneta com a mão direita... excepto a princesa Dragomiroff que se recusou a escrever.

- A princesa Dragomiroff... é impossível! - disse Bouc.

- Duvido que ela tivesse força para desferir os golpes dados com a mão esquerda - disse Constantine, hesitante. - Esse golpe requer muita força.

- Mais força, do que pode ter uma mulher?

- Não digo isso. Acho, porém, que requer mais força do que pode empregar uma mulher idosa. Aliás, a constituição física da princesa Dragomiroff é bastante frágil.

- Pode ser uma questão de influência do cérebro sobre o corpo - objetou Poirot. - A princesa

Dragomiroff é uma personalidade enérgica, de vontade poderosa. Mas deixemos isto, por enquanto.

- Perguntas nove e dez: "Será exato que Ratchett foi apunhalado por mais de uma pessoa? e Que outra explicação haverá para a natureza dos ferimentos? Na minha opinião, ,profissionalmente falando, não há outra explicação. E absurdo imaginar que alguém ferisse a princípio ao de leve, depois com força, dando uns golpes com a mão direita, outros com a esquerda e, ao cabo de um intervalo de talvez uma hora e meia, tornasse a apunhalar o inimigo, já morto.

- Não - disse Poirot. - E de facto absurdo.

Acha mais aceitável a hipótese de dois criminosos?

- Como o senhor mesmo disse, que outra explicação pode haver? Poirot fitou distraidamente o olhar adiante de si.

- É o que pergunto a mim mesmo - disse ele. - E o que não cesso de perguntar.

Depois recostou-se na cadeira, e, batendo na testa, acrescentou:

- De ora em diante tudo depende daqui. Reduzimos tudo à expressão mais simples. Os factos aí estão diante de nós... dispostos com ordem

e método. Os passageiros, todos, prestaram depoimentos. Sabemos tudo o que é possível saber... de fora.

E o belga sorriu afectuosamente a Bouc.

- Houve um gracejo entre nós... a história de eu me recostar na cadeira e pensar, não é assim? Pois bem, vou pôr essa teoria em prática... aqui diante dos vossos olhos e os senhores imitem-me. Fechemos os olhos e pensemos: Ratchett foi assassinado por um ou vários passageiros. Qual ou quais deles?

III

PONTOS INTERESSANTES

Passou um quarto de hora, sem que ninguém falasse.

Bouc e Constantine procuravam obedecer às instruções de Poirot. Tentavam chegar a uma solução através do labirinto complicado dos factos.

Efetivamente é preciso pensar. Contudo, não tenho feito outra coisa. Poirot desconfia com certeza que a rapariga inglesa está implicada nisto. Mas é impossível...

Os Ingleses são muito frios. Provavelmente porque não têm imaginação... Mas isto não interessa. Ao que parece, não foi o italiano, é pena! Suponho que o criado não mentiu, afirmando não o ter visto sair do camarote. E se tivesse mentido? Não é fácil... os Ingleses são muito reservados. Que desgraça! Quando nos livraremos disto? Deveria haver algum meio de apressar as coisas. São, porém, tão vagarosos nestes países!... Levam horas para fazer qualquer trabalho.

E a polícia local enche-se de importância e de amor próprio. Farão disto uma coisa do outro mundo! Não é muitas vezes que tais casos lhes sucedem. O facto será publicado em todos os jornais...

E daí as reflexões de Bouc retomarem o caminho que haviam seguido centenas de vezes.

Constantine pensava: É engraçado esse homenzinho! Um génio? Um ladino?

Resolverá este caso? Impossível! Não vejo uma saída. É tudo tão confuso... Todos mentiram talvez...

Mas isso não adianta nada. Quer tenham mentido, quer digam a verdade, a dificuldade é a mesma. E os ferimentos? Não entendo... Seria mais fácil de compreender se o homem tivesse sido

assassinado a tiros... que terra estranha a América! Gostaria de ir para lá.

E um país progressista. Quando voltar à minha casa, preciso falar a Demétrio Zagone... ele esteve na América, tem ideias modernas... Gostaria de saber o que está fazendo Zia neste momento... Se a minha mulher descobrisse...

E as suas ideias concentraram-se inteiramente em assuntos particulares.

Poirot permanecia imóvel. Parecia dormir. Depois, de súbito, ao fim de um quarto de hora de imobilidade completa, começou a mover as sobrancelhas, soltou uma espécie de gemido e murmurou num sopro:

- Por quê? Se fosse assim... sim, isto explicaria tudo.

O belga arregalou os olhos, que se haviam tornado verdes como os de um gato. Depois perguntou em voz baixa:

- Então? Eu já pensei. E os senhores?

Perdidos nas próprias reflexões, os outros dois tiveram um violento sobressalto.

- Eu também pensei - disse Bouc, um tanto envergonhado. - Porém, não cheguei a nenhuma conclusão. Aliás, a elucidação do crime compete ao senhor e não a mim.

- Eu também refleti seriamente - afirmou o médico com descaramento. - Pensei em diversas teorias, mas nenhuma me satisfaz.

Poirot anuiu; parecia dizer: Muito bem! E o que se deve dizer. É o que eu esperava.

Depois endireitou-se... cofiou o bigode e dispôs-se a falar, como se fosse um orador experimentado, arengando num comício público.

- Meus amigos! Passei mentalmente em revista todos os factos e meditei sobre todos os depoimentos.

Cheguei à seguinte conclusão: vejo (ainda que muito indecisa) uma solução para este caso. É muito curiosa e eu ainda não tenho a certeza de que seja verdadeira.

Antes de me pronunciar definitivamente, preciso fazer algumas experiências.

Desejo mencionar alguns pontos que me parecem sugestivos. Começemos com uma observação feita pelo meu amigo Bouc, neste salão, durante o primeiro almoço dos passageiros. Ele comentou então o fato de estarmos cercados por gente de todas as classes, idades e nacionalidades, caso raro nesta época do ano. Os vagões Atenas-Paris e Bucareste-Paris, por exemplo, estão quase vazios. Lembremo-nos, também, de um passageiro

que à última hora não veio. Isto é, a meu ver, significativo. Além disto, há ainda outros pontos de menor importância, que me impressionam: a posição do saco de esponjas da senhora Hubbard, o nome da mãe da senhora Armstrong, os processos policiais do senhor Hardman, a sugestão de Mac Queen de que Ratchett destruiu o papel que encontrámos, o nome de batismo da princesa Dragomiroff e a mancha de gordura no passaporte húngaro.

Bouc e Constantine fitaram o detective.

- Estas observações não lhes sugerem nada?

- Francamente não - confessou Bouc.

- E ao doutor?

- Não entendi a maior parte das observações que fez.

Entretanto, Bouc, impressionado pela única coisa palpável que o amigo acabava de dizer, mexia nos passaportes; apanhou um com um suspiro, o dos condes Andrenyi e abriu-o.

- A que se referia? A esta mancha?

- Sim. Essa mancha é recente. Vê onde caiu?

- No princípio da descrição da condessa... no seu nome de baptismo, para ser exato. Porém, confesso que ainda não percebo.

- Vou mostrar-lhe isto sobre outro ponto de vista.

Voltemos ao lenço, encontrado no local do crime. Como dissemos há pouco, a inicial H serve a três pessoas: senhora Hubbard, Maria Hermione Debenham e Hildegarde Schmidt. Examinemos este lenço sob outro aspecto. É um lenço muito caro... um objeto de luxo feito à mão, bordado em Paris. A qual das passageiras (excluindo a inicial) é mais provável que pertença? Não, decerto, à senhora Hubbard, mulher sensata, sem pretensões a elegâncias caras, nem a Maria Debenham; essa classe de inglesas usa um simples lenço de linho e não esse valioso retalho de cambraia, que talvez custe uns duzentos francos. Muito menos à criada.

Há neste comboio apenas duas damas, a quem o lenço pode pertencer: vejamos se é possível associá-las à letra H.

As mulheres às quais me refiro são a princesa Dragomiroff.. .

- Cujo nome é Natália - atalhou Bouc, com ironia.

- Exatamente. Esse nome, aliás, é um dos factos sugestivos que aponteí. A outra é a condessa Andrenyi. Alguma coisa nos diz...

- Ao senhor!

- A mim, então. O nome de baptismo dessa senhora está alterado no passaporte, pela mancha de gordura. Um simples descuido, dirão todos. Mas consideremos esse nome: Elena. Suponhamos que em lugar de Elena era Helena.

A maiúscula H transforma-se em E, corre-se a pena sobre o e minúsculo vizinho... e a mancha de gordura disfarça a alteração.

- Helena! - exclamou Bouc. - É uma ideia!

- Certamente! Procurei uma confirmação, por menor que fosse, para provar esta hipótese e consegui encontrá-la. Encontrei-a na mala da condessa, num rótulo de bagagem ligeiramente úmido. O que trazia o nome dela, na tampa da mala, fora arrancado e substituído por outro colado pouco antes.

- Começa a convencer-me, caro amigo - disse Bouc. - Mas a condessa Andrenyi... certamente.

- Ah! meu velho! Acaba de dar uma volta encarando o caso de modo diverso. Como devia esse crime aparecer aos observadores estranhos? Lembre-se de que a neve transtornou todos os planos do criminoso.

Suponhamos que não havia neve e o comboio continuava a sua marcha normalmente. Que sucederia?

Segundo todas as probabilidades, o crime seria descoberto esta manhã perto da fronteira da Itália. Os depoimentos, na sua maioria, seriam prestados perante a polícia italiana. Mac Queen mostraria as cartas ameaçadoras e Hardman contaria a sua história; a senhora Hubbard declararia que vira um homem no seu camarote, encontrar-se-ia o botão. Só duas coisas seriam diferentes: o criminoso teria fugido por um dos WC deixando ali o uniforme de chefe de pessoal do comboio?

- Que quer dizer?

- Que o crime deveria parecer... obra de um estranho.

Julgar-se-ia que o assassino desembarcara em Brod, onde o comboio provavelmente chegaria à meia-noite e cinquenta e oito. Alguém esbarraria com um chefe de pessoal desconhecido. O uniforme seria deixado num lugar adequado para mostrar como se dera o logro. Não se poderia suspeitar de nenhum passageiro. Sob este aspecto, meu amigo, é que o crime devia aparecer! A paragem do comboio alterou a situação.

Eis, sem dúvida, o motivo por que o criminoso ficou tanto tempo junto da vítima. Ele esperava que o comboio retomasse a marcha. Afinal,

compreendendo que estávamos parados definitivamente, arquitetou diversos planos. Não lhe convinha fazer crer aos outros que estava no comboio.

- Sim, sim - atalhou Bouc, impaciente. - Compreendo. Mas que relação tem tudo isso com o lenço?

- Lá voltarei por um caminho circular. Deve compreender que as cartas ameaçadoras eram um arдил. Podem ter sido extraídas dalguma novela policial americana. Não são reais. Destinavam-se apenas à polícia.

Precisamos perguntar a nós mesmos: Enganaram Ratchett? À vista do que sabemos a resposta é: Não. As instruções do americano a Hardman parecem referir-se a um inimigo particular, bem conhecido. Isto, se acreditarmos no depoimento de Hardman.

Porém, Ratchett recebeu com certeza uma verdadeira carta ameaçadora, referente à pequena Armstrong e foi um pedaço desta que encontrámos no camarote. Se não compreendera antes, Ratchett entendeu, afinal, a causa das ameaças à sua vida. Essa carta, a que me referi, não devia ser encontrada. O primeiro cuidado do criminoso foi destruí-la.

Nesse ponto, viu-se novamente contrariado nos seus planos; antes, fora a neve; desta vez, a reconstrução de um fragmento da carta.

A destruição tão escrupulosa desse escrito deve obedecer ao motivo seguinte: há, sem dúvida, neste comboio uma pessoa tão intimamente ligada à família Armstrong, que essa carta, sendo encontrada, a acusaria imediatamente. Passemos agora aos outros dois indícios.

Deixemos de parte o limpa-cachimbos. Já falámos bastante a este respeito. Deixemos o lenço. Reduzindo-os à significação mais simples, é um indício, que incrimina uma pessoa, cujo nome começa por H, e foi perdido, sem o sentir, por essa pessoa.

- Exatamente - disse Constantine. - Quando essa pessoa deu pela falta do lenço, tratou logo de alterar o seu nome.

- Como vai longe! Chega à conclusão mais depressa do que eu tencionava permitir a mim mesmo!

- Há outra alternativa?

- Naturalmente! Suponha, por exemplo, que cometeu um crime e quer lançar a suspeita sobre outra pessoa. Bem, há neste comboio uma pessoa intimamente relacionada com a família Armstrong...

é uma mulher. Seria interrogada, o seu parentesco com a família Armstrong viria à luz... e eis um motivo sério para acusá-la.

- Mas, em tal caso - objetou o médico - se a pessoa em questão estivesse inocente, não esconderia a própria identidade.

- Realmente? É o que pensa? Essa seria também a opinião da polícia. Eu, porém, conheço a natureza humana e asseguro-lhe que qualquer pessoa, por mais inocente que seja, na perspectiva de ser acusada de um crime, perderia a cabeça e praticaria os maiores absurdos.

Não, não, a mancha de gordura e o rótulo deslocado não provam nenhum crime... mostram apenas que a condessa Andrenyi, por um motivo qualquer, deseja esconder a própria identidade.

- Que pensa da relação que essa senhora pode ter com a família

Armstrong? Não nos disse ela que nunca esteve na América?

- Exatamente; ela fala mal inglês e tem um tipo de estrangeira que ainda não exagera. Porém, não é difícil imaginar quem ela é. Mencionei há pouco o nome da mãe da senhora Armstrong. Era Linda Arden, célebre atriz... notável intérprete de

Shakespeare. Lembre-se, se quiser, da Floresta de Arden e Rosalinda¹.

Foi daí que ela tirou o seu nome de teatro. Linda Arden, o nome com que se celebizou em todo o mundo, não era o dela. Podia ser Goldenberg... ela era evidentemente de família originária da Europa Central... talvez israelita. Há muitas nacionalidades na América.

Opino, meus amigos, que a irmã mais nova da senhora Armstrong, quase criança na época da tragédia, era Helena Goldenberg, a filha mais nova de Linda Arden, e casou com o conde Andrenyi, quando este era adido à embaixada em Washington.

- A princesa Dragomiroff diz que a jovem casou com um inglês...

- De cujo nome não se recorda! Será verdade, meus amigos? A princesa Dragomiroff estimava Linda Arden como uma grande dama estima uma grande artista. Era madrinha de uma das filhas da atriz. Como poderia esquecer tão facilmente o nome atual da jovem? Não é lógico! Não; creio que podemos afirmar que a princesa mentiu. Sabia que Helena estava no comboio; viu-a. Quando soube a verdadeira identidade de Ratchett, imaginou que

¹ Referência à peça de Shakespeare Como Ihe Aproveu. (N. do E.)

suspeitaríamos da rapariga e respondeu à nossa pergunta de um modo vago... imaginando uma mentira bem afastada da realidade.

Um dos criados do restaurante assomou à porta do vagão e aproximou-se. Depois dirigiu-se a Bouc:

- Posso servir? Já está na hora. Bouc olhou Poirot; este anuiu.

- Seja como for, é preciso servir o almoço.

O criado saiu. Ouviu-se tocar a sineta e a voz do homem anunciar o almoço em francês e inglês.

IV

A MANCHA DE GORDURA NO PASSAPORTE HÚNGARO

Poirot tomou lugar a uma mesa com M. Bouc e Constantine. Os passageiros ali reunidos mostravam certo abatimento. Pouco falavam. A própria senhora Hubbard, de ordinário tão loquaz, estava insolitamente silenciosa. Sentou-se, dizendo:

- Nem sei como tenho coragem de comer.

Entretanto fez honra ao almoço, animada pela sueca, que parecia cuidar especialmente dela.

Antes que a refeição fosse servida, Poirot agarrara o chefe de salão pela manga e dissera-lhe qualquer coisa.

Constantine adivinhou o que eram essas instruções, vendo que os condes Andrenyi eram sempre servidos em último lugar, e, terminado o almoço, tiveram de esperar muito tempo. Tanto assim que ficaram sozinhos no salão. Quando ambos se levantaram e se dirigiam para a porta, Poirot imitou-os.

- Desculpe minha senhora, perdeu o seu lenço.

E Poirot estendeu o quadradrinho bordado. A rapariga apanhou-o; mas, depois de examiná-lo, devolveu-o.

- Enganou-se. Não é meu.

- Não? Tem a certeza?

- Toda a certeza.

- Entretanto, minha senhora, é a sua inicial...

H. O conde sobressaltou-se. Poirot fingiu não ver.

O detective tinha os olhos fitos no rosto da condessa. Encarando-o firmemente, ela replicou:

- Não compreendo, senhor. As minhas iniciais são E A.

- Parece-me que não. O seu nome é Helena e não Elena. Helena Goldenberg, a filha mais jovem de Linda Arden...

Helena Goldenberg, a irmã da senhora Armstrong. Houve um silêncio mortal, durante dois minutos.

Os condes Andrenyi haviam empalidecido horrivelmente. O detective continuou gentilmente:

- De que serve negar? É a verdade, não é? O conde irrompeu, furioso:

- Pergunto com que direito...

Mas a esposa interrompeu-o, tapando-lhe a boca com a mão.

- Não, Rodolfo. Deixe-me falar. É inútil negar o que diz este cavalheiro. Melhor será que nos expliquemos.

A voz da rapariga mudara. Embora conservando a riqueza de timbre meridional, tornara-se mais clara e incisiva. Era pela primeira vez uma voz bem americana.

O conde calara-se. Obedeceu à esposa e ambos se sentaram diante de Poirot.

- O senhor tem razão - disse ela. - Sou Helena Goldenberg, a irmã mais nova da senhora Armstrong.

- Não o disse esta manhã, senhora condessa.

- Não.

- De facto; tudo quanto a senhora e seu marido me disseram era mentira.

- Senhor! - exclamou o conde, indignado.

- Não se zangue, Rodolfo. O senhor Poirot foi um tanto brutal, mas disse a verdade.

- Alegro-me de que o reconheça com tanta franqueza, minha senhora. Quer explicar-me agora, porque procedeu assim e porque alterou o seu nome no passaporte?

- Isso foi obra minha - atalhou o conde. Helena prosseguiu com a mesma calma:

- Naturalmente, senhor Poirot, deve compreender o motivo... o nosso motivo. Esse homem que mataram assassinou minha sobrinha, causou a morte da minha irmã, partiu o coração do meu cunhado, as três criaturas a que mais queria e que constituíam o meu lar... o meu mundo!

A voz da rapariga soava com vibração apaixonada.

Ela era bem filha da mulher cujo poder de emoção levava às lágrimas auditórios inteiros.

- De todos os passageiros - prosseguiu ela mais calma - só eu teria provavelmente motivo para matá-lo.

- E não o fez, minha senhora?

- Juro-lhe, senhor Poirot (e meu marido sabe e também poderá jurar) que, por maior que fosse a

tentação, nunca levantei um dedo contra esse homem.

- Confirmo, meus senhores - disse o conde. - Sob a minha palavra de honra, na última noite Helena não deixou o seu camarote. Tomou um soporífero, como já disse.

A sua inocência é total e absoluta.

Poirot correu o olhar de um para o outro dos dois esposos.

- Dou-lhe a minha palavra - repetiu o conde. Poirot meneou levemente a cabeça.

- E também se responsabiliza pela alteração do nome no passaporte?

- Senhor Poirot - disse o conde apaixonadamente - considere a minha posição. Imagina que eu possa suportar a ideia de ver a minha esposa envolvida num caso policial? Sei que ela está inocente, mas, como acaba de dizer, averiguado o seu parentesco com a família Armstrong, logo se tornaria suspeita. Seria interrogada, presa talvez. Desde que a má sorte nos levou a tomar o mesmo comboio que Ratchett, tinha a certeza de que aconteceria qualquer coisa. Admito que menti esta manhã... salvo num particular. A minha esposa não deixou o seu camarote na noite passada.

E o conde falava com uma seriedade que tornava difícil duvidar das suas palavras.

- Não digo que não o acredite - replicou o detective lentamente. - A sua família é, segundo creio, antiga e nobre. Seria triste para o senhor ver o nome de sua esposa envolvido num desagradável caso policial.

Compreendo tudo isso. Mas como explica então a presença do lenço da sua esposa no camarote do morto?

- Esse lenço não é meu, senhor - afirmou a condessa.

- Apesar da inicial H?

- Apesar da inicial. Tenho lenços parecidos com esse, porém não exatamente iguais. Sei naturalmente que não vai acreditar, mas asseguro-lhe que é assim.

Esse lenço não é meu!

- Quem sabe se alguém o deixou ali para acusá-la? A condessa sorriu.

- Tenta levar-me a admitir que o lenço me pertence? Porém não é meu, senhor Poirot - disse ela gravemente.

- Então porque, se o lenço não lhe pertence, alterou o nome no passaporte?

- Porque - replicou o conde - soubemos que fora encontrado um lenço com a inicial H. Discutimos acerca disso, antes de sermos interrogados. Mostrei a Helena que, se vissem que o nome dela começava por H, a submeteriam a um interrogatório rigoroso.

E era tão simples... trocar Helena por Elena. Foi obra de um instante.

- O senhor conde tem todos os requisitos de um perfeito criminoso! - disse Poirot secamente.

Grande ingenuidade e uma evidente falta de escrúpulos em enganar a justiça.

- Oh! não, não - interrompeu a condessa. - Senhor Poirot, o meu marido explicou-lhe o que houve.

Eu estava assustada - prosseguiu ela, passando subitamente a falar inglês - mais do que isso, aterrorizada, compreende?

Fora tão horrível... noutro tempo... e agora outra vez... e tornar-me suspeita, ser presa talvez. Estava desesperada, compreende, senhor Poirot?

A voz da jovem tornara-se profunda... rica... insinuante... era a voz da filha de Linda Arden, a grande atriz.

Poirot fitou-a gravemente.

- Se estiver inclinado a crer no que diz (e não digo que não creia), então a senhora deve ajudar-me.

- Ajudá-lo!

- Sim. O motivo deste crime provém do passado... dessa tragédia que a privou do lar e lhe amargurou a mocidade.

Voltemos ao passado e ali talvez encontremos a explicação de tudo isto.

- Que lhe hei-de dizer? Eles estão todos mortos - e a rapariga insistiu tristemente: - Todos mortos... todos... Roberto, Sónia... e a querida, a adorada Margarida! Tão boazinha!... tão feliz!... tão linda!

Éramos loucos por ela!

- Houve outra vítima, minha senhora. Uma vítima indireta, digamos.

- A pobre Suzana? É verdade, eu tinha-a esquecido. A polícia interrogou-a. Estavam convencidos de que ela era cúmplice. Talvez fosse... mas involuntariamente.

Tagarelando desprevenidamente com um desconhecido, informara-o dos dias em que a pequena Margarida saía. A pobre criatura ficou depois desesperada, julgando que a tornassem responsável. E atirou-se da janela.

Oh! Foi horrível! - concluiu a condessa, estremecendo e escondendo o rosto entre as mãos.

- De que nacionalidade era essa rapariga, minha senhora?

- Francesa.

- Qual era o sobrenome?

- Parece incrível... não me lembro... só a conhecíamos por Suzana. Uma rapariga alegre e dedicada à Margarida!

- Era ama-seca?

- Sim.

- Quem mais cuidava da menina?

- Uma enfermeira formada num hospital. Chamava-se Stengelberg. Era também muito afeiçoada à Margarida e à minha irmã.

- Agora, minha senhora, peço-lhe que pense bem antes de responder a esta pergunta. Não encontrou neste comboio nenhum conhecido?

A jovem encarou o detective.

- Eu? Não, absolutamente.

- E a princesa Dragomiroff?

- Ela? Conheço-a, não há dúvida. Julguei que se referisse a alguém... daquele tempo.

- Exatamente, minha senhora. Pense bem. Passaram muitos anos. Essa pessoa pode ter mudado.

Depois de refletir, Helena replicou.

- Não... tenho a certeza... não há ninguém.

- A senhora mesma... naquela época era uma menina... não tinha quem lhe vigiasse os estudos?

- Oh, sim! Uma espécie de dragão... uma preceptora que era ao mesmo tempo secretária de Sónia; inglesa ou escocesa... uma mulherona ruiva.

- Como se chamava?

- Miss Freebody.

- Velha ou nova?

- Parecia-me uma avó. Mas suponho que não tinha mais de quarenta anos. Suzana encarregava-se da minha roupa e servia-me de criada de quarto.

- E não havia outras pessoas em casa?

- Só criados.

- E tem a certeza, minha senhora, de que não reconheceu ninguém neste comboio?

- Não senhor. Ninguém - replicou ela gravemente.

V

O NOME DE BAPTISMO DA PRINCESA
DRAGOMIROFF

Logo que os condes Andrenyi saíram, Poirot relanceou um olhar pelos companheiros.

- Como vêm - disse ele - fazemos progressos.

- Ótimo trabalho! - disse Bouc cordialmente.

- Por minha parte, nunca suspeitaria dos condes Andrenyi.

Sempre os considereei "fora de combate. Ela foi a criminosa, sem dúvida, não é verdade? Que tristeza! Em todo o caso, não será guilhotinada. Há circunstâncias atenuantes. Alguns anos de prisão... e mais nada.

- O senhor tem realmente a plena certeza de que ela é culpada...

- Meu caro amigo, pode duvidar disso? Suponho que os seus modos tranquilizadores tiveram apenas o fim de atenuar as coisas, até que nos possamos livrar da neve e entregar o caso à polícia.

- Não crê na asserção do conde... na palavra de honra... quanto à inocência da esposa?

- Meu caro... naturalmente... que mais havia ele de dizer? Adora a esposa. Procura salvá-la. Ele mentiu muito bem... como um verdadeiro fidalgo... porém não deixou de mentir.

- Pois bem; saiba que eu tenho a precaução de crer que pode ser verdade.

- Não, não! Lembre-se do lenço. O lenço confirma a suspeita.

- Oh! Não tenho tanta certeza a respeito do lenço. Lembre-se de que já apontei a possibilidade do lenço pertencer a outras pessoas.

- Contudo...

E Bouc interrompeu-se. A porta abriu-se, dando passagem à princesa Dragomiroff. Os três homens levantaram-se, enquanto a velha dama se aproximava deles.

Ignorando os outros dois, ela dirigiu-se a Poirot.

- Creio - disse ela - que o senhor tem um lenço meu. Poirot deitou um olhar de triunfo aos companheiros.

- É este, minha senhora?

E estendeu o pequeno retalho de cambraia.

- Exatamente. Tem a minha inicial num dos cantos.

- Mas, princesa, é a letra H - disse Bouc. - O seu nome de baptismo... desculpe... é Natália.

A russa lançou-lhe um ar glacial.

- Decerto, senhor. Mas os meus lenços são todos marcados com caracteres russos. H é N no alfabeto russo.

Bouc calou-se, vencido. Alguma coisa nessa velha fidalga indomável o humilhava e constrangia.

- Não nos disse, no inquérito dessa manhã, que este lenço lhe pertencia.

- Ninguém me perguntou - replicou a princesa secamente.

- Queira sentar-se, minha senhora - disse Poirot.

- Suponho que terei de sentar-me - suspirou ela, tomando lugar numa cadeira.

Não são precisos muitos preâmbulos - continuou depois. - Perguntarão decerto como se pôde encontrar um lenço meu junto do cadáver. Afirmo-lhes que não tenho ideia.

- Realmente?

- Nem a menor ideia.

- Desculpe, minha senhora, mas como poderemos crer na veracidade das suas palavras?

Poirot falava com brandura. A princesa replicou desdenhosamente:

- Desconfio que diz isso, porque não lhe disse que Helena Andrenyi era irmã da senhora Armstrong.

- De fato; mentiu deliberadamente nesse ponto.

- É claro! E tornaria a fazer o mesmo. A mãe dela foi minha amiga. E eu creio na lealdade tratando-se de amigos, da família e da própria casta.

- Não lhe parece que deveria proceder assim com a justiça?

- Neste caso considero que se faz justiça... justiça rigorosa. Poirot curvou-se.

- Considere a dificuldade em que me acho, minha senhora. Posso crer no que diz acerca do lenço? Não estará protegendo a filha da sua amiga?

- Oh! compreendo o que quer dizer! - tornou ela, com uma careta. - Mas, meus senhores, a minha afirmação pode ser facilmente provada. Dar-lhes-ei o endereço das casas de Paris, onde encomendo os meus lenços. Bastará mostrar-lhes este, para que lhes digam que foi feito por minha ordem há cerca de um ano.

O lenço é meu.

E a princesa levantou-se.

- Desejam mais alguma coisa?

- A sua criada não reconheceu este lenço, quando lhe mostramos, esta manhã?! .

- Deveria tê-lo feito. Viu-o e não disse nada? Ah! isso mostra que ela também sabe ser leal!

E, com um leve aceno, a velha dama saiu do vagão-restaurante.

- Então era isso - murmurou o detective brandamente. - Bem, notei uma leve hesitação da criada, quando lhe perguntei se sabia quem era a dona do lenço! Ela não se atreveu a confessar que pertencia à princesa. Mas como se pode conciliar isto com a minha ideia?

Sim, pode ser.

- Ah! - disse Bouc, com um gesto característico - que velha terrível!

- Poderá ela ter assassinado Ratchett? - perguntou o detective ao médico.

Constantine meneou a cabeça.

- Aqueles golpes... os que foram vibrados com muita força, penetrando nos músculos... não poderiam ser desferidos por pessoa tão franzina.

- E os mais fracos?

- Ah! Esses, sim!

- Pensava no incidente desta manhã - prosseguiu Poirot - quando disse à princesa que a força dela estava mais na vontade do que nos braços. Esta observação foi uma cilada que eu lhe armei. Queria ver se ela olhava para a mão direita ou para a esquerda.

E ela considerou os dois braços. Mas deu-me uma resposta estranha, dizendo: De facto; não tenho

forças neles. Não sei se feliz ou infelizmente. Que curiosa observação! Isto confirma a minha suspeita.

- Não esclarece, porém, a hipótese do assassino canhoto.

- Não. A propósito: notou que o conde Andrenyi traz o lenço no bolso direito?

Bouc meneou a cabeça. Pensava nas revelações extraordinárias da última meia hora.

- Mentiras... e mais mentiras! - murmurou ele. Assusta-me o cúmulo de falsidades que nos disseram esta manhã!

- E mais haverá para descobrir - disse Poirot alegremente.

- Parece-lhe?

- Ficaria muito surpreso se assim não fosse.

- Semelhante duplicidade é horrível! - continuou Bouc. - Entretanto, parece agradar-lhe - acrescentou, com ar de censura.

- Tem esta vantagem: - replicou Poirot - pondo o mentiroso diante da verdade, ele logo admite que mentiu. Basta saber desferir o golpe. É o único meio de resolver este caso. Passo em revista todos os passaportes, considero-lhes os depoimentos e digo a mim mesmo: Se eles mentem, em que consiste a mentira e porque mentem? E respondo: Se mentem

(note: digo se) deve ser por qualquer motivo e num determinado ponto. Procedendo assim, tivemos um êxito surpreendente com a condessa Andrenyi. Experimentemos o mesmo processo com outras pessoas.

- E se a sua desconfiança fosse infundada?

- Então, ao menos, essa pessoa estaria isenta de toda a suspeita.

- Ah! Um processo de eliminação.

- Exatamente.

- Quem virá agora?

- Ataquemos o pukka saib, o coronel Arbuthnot.

VI

SEGUNDA ENTREVISTA COM O CORONEL ARBUTHNOT

O coronel apresentou-se para essa segunda entrevista, visivelmente aborrecido. A sua fisionomia denunciava a maior má vontade, quando ele se sentou diante de Poirot.

- Então? - perguntou o oficial.

- Desculpe-me importuná-lo outra vez -
começou o detective.

- Trata-se, porém, de uma informação que o senhor nos pode dar.

- De fato? Custa-me a crer.

- Para começar, vê este limpa-cachimbos?

- Sim.

- É um dos seus?

- Não sei. Não pus marca especial neles.

- Sabe, coronel, que o senhor é o único homem que fuma cachimbo no vagão Istambul-Calais?

- Nesse caso, é provavelmente um dos meus.

- E sabe onde encontrámos este objeto?

- Não tenho a menor ideia.

- Junto do cadáver da vítima.

O coronel franziu as sobrancelhas.

- Pode explicar-nos como isto foi lá parar?

- Se pensa que o perdi, engana-se.

- Entrou alguma vez no camarote de Ratchett?

- Nunca falei com esse homem.

- Nunca lhe falou nem o assassinou?

As sobrancelhas do oficial franziram-se com uma expressão de escárnio.

- Se assim fosse, creio que não lhe diria tão facilmente.

Mas, por falar do assunto, afirmo-lhe que não matei esse indivíduo.

- Ah, bem! - murmurou o belga. - Nem seria lógico.

- Como?

- Eu disse que nem seria lógico.

- Oh! - tornou o coronel, visivelmente abatido e deitando ao detective um olhar rancoroso.

- Sabe... - prosseguiu Poirot - o limpacachimbos não tem importância. Há para ele onze outras explicações excelentes.

Arbuthnot encarou o seu interlocutor.

- O que lhe queria dizer era coisa bem diversa - continuou Poirot. - Talvez a menina Debenham lhe tenha contado que surpreendi algumas palavras, que ela lhe disse na estação de Konya.

O coronel não replicou. Poirot insistiu:

- Agora não. Quando tudo tiver passado. Quando tudo isto ficar para trás, foi o que ela disse. Sabe a que se referiam essas frases?

- Lamento, senhor Poirot, mas recuso responder a essa pergunta.

- Por quê?

- Peça à menina Debenham o sentido dessas palavras - sugeriu secamente o oficial.

- Já o fiz.

- E ela recusou responder?

- Sim.

- Então, creio que deveria compreender que tenho os lábios selados.

- Não quer denunciar o segredo de uma senhora?

- É isso, se prefere.

- A menina Debenham disse-me que as suas palavras se referiam a um assunto particular.

- Então porque não se contentou com essa explicação?

- Porque, coronel Arbuthnot, a menina Debenham é o que se pode chamar um carácter muito suspeito.

- É absurdo! - disse o coronel, com calor.

- Não é absurdo - replicou Poirot.

- Não tem provas contra ela!

- Nem o facto de ter sido preceptora na família Armstrong, na época em que raptaram a pequena Margarida?

Seguiu-se um silêncio mortal.

Poirot curvou discretamente a cabeça e continuou:

- Como vê, sabemos mais do que pensa. Se a menina Debenham está inocente, porque ocultou

esse facto? Porque afirmou nunca ter estado na América?

O coronel pigarreou e disse:

- Quem sabe se não se engana?

- Não me engano. Porque mentiu a menina Debenham? O coronel encolheu os ombros.

- Seria melhor que o perguntasse a ela mesma. Aliás, creio que se engana.

Levantando a voz, Poirot chamou um dos empregados, colocados na extremidade do salão.

- Vá dizer à senhora inglesa do número onze se quer ter a bondade de vir até aqui.

- Sim, senhor.

O criado afastou-se. Os quatro homens ficaram em silêncio. Rígido e impassível, o rosto do coronel parecia talhado em madeira.

O criado voltou, anunciando:

- A senhora já vem.

- Obrigado.

Um ou dois minutos depois, Maria Debenham entrou no salão.

VII

A IDENTIDADE DE MARIA DEBENHAM

A rapariga estava sem chapéu. Tinha a cabeça erguida, numa atitude de desconfiança. Os cabelos caíam para trás, e a curva das narinas lembravam a proa de um navio mergulhado galhardamente num mar agitado. Nesse momento, a jovem inglesa era linda de veras.

Os seus olhos encontraram os do coronel por espaço de um segundo, apenas.

- Desejava falar-me? - perguntou ela a Poirot.

- Desejo perguntar-lhe porque nos mentiu esta manhã.

- Mentir-lhes?... Não compreendo o que quer dizer!

- Ocultou-nos que vivia junto da família Armstrong, na época da tragédia. Disse-nos, pelo contrário, que nunca estivera na América.

Poirot viu a rapariga fraquejar um instante, para recobrar logo o ânimo.

- Sim - disse ela. - É verdade.

- Não, menina, era mentira.

- Não entendeu. Quis dizer que é verdade que lhe menti.

- Ah, confessa?

Os lábios da rapariga contraíram-se num sorriso.

- Certamente. Desde que o descobriu...

- Afinal foi franca.

- Não há outro meio.

- Bem, é verdade. E agora, posso perguntar-lhe o motivo dessas mentiras?

- Acho que salta aos olhos.

- Aos meus não, minha senhora.

- Preciso ganhar a minha vida - disse ela, com uma voz calma e resoluta.

- Que quer dizer?

A rapariga levantou os olhos e encarou firmemente o detetive.

- Deve compreender, senhor Poirot, o que custa encontrar e conservar um emprego aceitável. Acha que uma rapariga, ligada a um caso policial e cujo nome e talvez o retrato sejam publicados nos jornais ingleses, possa encontrar uma mãe de família que lhe confie a guarda das filhas?

- Não vejo porque não o faria, se nada mancha o nome dessa rapariga! ...

- Oh! não se trata de mancha!... É publicidade!

Até hoje, senhor Poirot, tive sorte. Fui bem paga e obtive sempre bons lugares. Não queria arriscar inutilmente a minha posição.

- Atrevo-me a dizer que, nesse caso, eu teria sido o melhor juiz. A rapariga encolheu os ombros.

- Por exemplo, a senhora podia ajudar-me em questões de identidade.

- Que quer dizer com isso?

- E possível que não tenha reconhecido na condessa Andrenyi a irmã mais nova da senhora Armstrong, a menina que foi sua aluna em Nova Iorque?

- Condessa Andrenyi? Não! - e Maria Debenham sacudiu a cabeça. - Embora lhe pareça incrível, não a reconheci. Ela ainda era uma menina, quando a conheci, há três anos. É verdade que a condessa me lembrava alguém... e isso intrigava-me bastante.

Mas parecia uma estrangeira... nunca teria reconhecido nela a colegial doutros tempos. Demais, só a observei casualmente aqui no salão. Examinei-lhe mais o vestuário do que o rosto. - A rapariga sorriu leve mente. - Um hábito bem feminino. Aliás, eu estava preocupada com outras - Não me contará o seu segredo, minha senhora? - disse Poirot, em tom brando e persuasivo.

- Não posso... Não posso... - respondeu ela, em voz baixa.

E, de súbito, deixando cair o rosto nos braços estendidos, pôs-se a chorar convulsivamente.

Arbuthnot levantou-se e aproximou-se dela.

- Eu... Escute...

Depois, interrompeu-se, encolerizado, e, voltando-se para Poirot, bradou:

- Quebro-lhe os ossos desse corpo maldito, imundo sabujo!

- Senhor!... - protestou Bouc.

Mas Arbuthnot voltara para junto da rapariga.

- Maria!... por amor de Deus!... Ela levantou-se.

- Não é nada. Já não precisa mais de mim, senhor Poirot? Se precisar, pode procurar-me. Oh! fui tola! Bem tola!

E deixou o compartimento. Antes de sair, Arbuthnot voltou-se mais uma vez para Poirot.

- A menina Debenham nada tem que ver com este caso... ouviu? Se tornar a aborrecê-la, terá de se entender comigo!

E o coronel retirou-se.

- Gosto de ver um inglês furioso - disse Poirot.

São divertidos! Quanto maior é a emoção, tanto mais facilmente perdem o domínio da língua.

Entretanto, a Bouc pouco importavam as reações emotivas de um inglês. O diretor estava pasmado de admiração pelo amigo.

- Meu caro, é extraordinário! - exclamou ele. - Outro cálculo milagroso!... Formidável!

- Parece incrível que imagine essas coisas - acrescentou Constantine com admiração.

- Oh! Desta vez, o mérito não é meu. Foi a condessa Andrenyi quem me informou praticamente.

- Como? Não é possível!

- Lembra-se de que eu a interroguei acerca da preceptora? Sempre calculei que, se Maria Debenham estava implicada neste caso, devia ter desempenhado esse papel junto da família Armstrong.

- Sim, mas a condessa descreveu um tipo de mulher tão diverso!

- Justamente. Uma mulherona, ruiva, de meia-idade, exatamente ao contrário do aspecto de Maria Debenham. Mas depois teve de inventar de improviso um nome. Foi então que uma inconsciente associação de ideias a traiu. Ela falou de uma tal Freebody, lembra-se?

- Então?

- Pois bem, é provável que não saiba da existência de uma firma comercial de Londres, que até há bem pouco se chamava Debenham e Freebody. Tendo no pensamento o primeiro desses nomes, a senhora Andrenyi procurou à pressa outro

qualquer e aproveitou o primeiro que lhe ocorreu: Freebody. Compreendi logo.

- Outra mentira! Mas porque mente ela assim?

- Possivelmente para ser leal. É isto o que tem dificultado o caso.

- Por Deus! - exclamou Bouc, com violência. - É possível que todos mintam, neste comboio?

- Isso - replicou o detective - é o que vamos apurar em breve.

VIII

NOVAS REVELAÇÕES SURPREENDENTES

- Nada me surpreenderia agora - disse Bouc. - Nada! Embora todos os passageiros do comboio provem que fazem parte da família Armstrong, eu não mostrarei a menor surpresa.

- Eis uma observação profunda! - disse Poirot.

- Não gostaria de saber o que o seu suspeito favorito, o italiano, tem a dizer?

- Vai fazer outro cálculo sensacional?

- Exatamente.

- É, de facto, o caso mais extraordinário! - disse Constantine.

- Não; o mais natural.

Bouc levantou os braços, num gesto de cómico desespero.

- Se a isso chama natural, meu amigo!..

E calou-se, à falta de palavras apropriadas.

Entretanto, Poirot mandara chamar António Foscarelli.

O italiano entrou com ar desconfiado, olhando para todos os lados, como um animal preso na armadilha.

- Que desejam? - perguntou ele. - Nada tenho a dizer... nada! Ouviram? Por Deus!... - e o rapaz bateu com o punho na mesa.

- Sim, senhor, ainda tem qualquer coisa a dizer - tornou-lhe o detective, com firmeza. - A verdade!

- A verdade?

E o italiano deitou um olhar desconfiado a Poirot. Perdera toda a jovialidade e segurança.

- Sim. É provável que eu já a conheça. Todavia, se o senhor a confessar espontaneamente, terá um ponto a seu favor.

- Fala como a polícia americana. Passe as coisas a limpo, dizem eles, Passe as coisas a limpo.

- Ah! Então tem prática da polícia de Nova Iorque?

- Não, não, nunca! Eles nada podem dizer contra mim. Não lhes faltou, porém, vontade!

- No caso Armstrong, não é? - disse Poirot calmamente. - O senhor era o chauffeur?

E os olhos do investigador cravaram-se no italiano.

O pobre rapaz perdera toda a prosápia. Lembrava um balão vazio.

- Desde que sabe... porque pergunta?

- Porque mentiu esta manhã?

- Por motivo de negócio. Aliás, eu não confio na polícia jugoslava. Eles odeiam os Italianos. Não me fariam justiça.

- Talvez lhe fizessem, de facto, justiça.

- Não, não, eu nada tenho com este caso! Não saí do meu camarote. O inglês de cara chupada pode confirmar. Não fui eu quem matou esse animal... esse Ratchett. O senhor nada pode provar contra mim.

Poirot, que tomava apontamentos numa folha de papel, levantou os olhos e disse:

- Muito bem. Pode ir-se embora. Toscarelli parecia constrangido.

- Compreende que eu nada tenho com este crime?

- Já lhe disse que pode ir-se embora.

- Isto é uma conjuração! Querem acusar-me? Tudo por uma espécie de homem que merecia a cadeira eléctrica! Foi uma infâmia que ele não acabasse assim!

Se fosse eu... se eu fosse preso...

- Sim, mas como não foi o senhor... O senhor nada tinha que ver com o rapto da criança.

- Que diz? A pequenina era o ídolo da casa! Chamava-me Tónio. E queria sentar-se no carro e guiar.

Todos os empregados a adoravam. A própria polícia o reconheceu. Ah! que linda criaturinha!

A voz do rapaz tremeu e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Depois, girando subitamente nos calcanhares, saiu.

- Michel - chamou o detective. O empregado acudiu, correndo.

- O número dez... a senhora sueca.

- Sim, senhor.

- Outro? - bradou Bouc. - Oh! não!... É impossível! Garanto!

- Meu caro, temos de saber. Embora todos provassem ter motivo para matar Ratchett, precisaríamos continuar o inquérito. Afinal veremos. Quando soubermos, apuraremos a quem cabe a culpa.

- A cabeça anda-me à roda! - gemeu Bouc.

Introduzida pelo criado compassivo, Greta Ohlsson sentou-se, soluçando, diante de Poirot, e escondeu o rosto num lenço enorme.

- Não se aflija, minha senhora, não se aflija - disse Poirot, pousando-lhe a mão no ombro. - Diga apenas a verdade. Era enfermeira da pequena Margarida Armstrong, não é verdade?

- É verdade... é verdade - soluçou a pobre mulher. - Ah! Ela era um anjo... um anjinho bom. Não conhecia senão a bondade e a ternura... e foi raptada por esse homem perverso... maltratada... e a pobre mãe... e a outra criancinha que não chegou a viver...

O senhor não pode compreender... não pode! Se estivesse no meu lugar... se tivesse assistido a essa tragédia... Devia ter-lhe dito a verdade, esta manhã. Mas tive medo. Estava tão contente por saber que esse monstro morrera!... Que já não podia matar ou maltratar as criancinhas! Ah! não posso falar... não tenho palavras...

E a sueca desatou a chorar com mais veemência. Poirot continuava a bater-lhe brandamente no ombro.

- Sim... sim... compreendo... compreendo tudo... tudo... creia. Não lhe perguntarei mais nada.

Basta que a senhora tenha confirmado a minha suposição. Compreendo tudo.

Sacudida pelos soluços, Greta Ohlsson dirigiu-se, cambaleando, para a porta, onde esbarrou com um homem que entrava no salão.

Era Masterman... o criado de Ratchett. O inglês, em passo compassado, aproximou-se de Poirot e disse-lhe com voz calma e fria:

- Espero não ser importuno, senhor. Julguei melhor vir contar-lhe, de uma vez, a verdade. Fui ordenança do coronel Arbuthnot durante a guerra e depois criado dele em Nova Iorque. Lamento não o ter dito esta manhã. Foi mal feito, senhor; e agora quero confessar a verdade. Mas espero que não desconfie de Tónio. O velho Tónio não faria mal a uma mosca! Juro-lhe que não saiu do camarote, esta noite. Ele não cometeria este crime. Apesar de estrangeiro, Tónio é uma criatura boa... não um desses italianos ferozes de que se ouve falar...

O inglês calou-se e Poirot olhou-o com firmeza.

- É tudo o que tem a dizer?

- Sim, senhor.

O criado tornou a calar-se. Como Poirot não falasse, desculpou-se com um aceno e, depois de um

momento de hesitação, deixou o salão, com o mesmo modo sossegado e modesto.

- Esta - disse Constantine - é a mais incrível das novelas policiais que já li!

- Concordo - disse Bouc. - De doze passageiros do comboio, nove provaram que têm relação com o caso Armstrong. Que virá agora? Ou melhor: quem virá?

- Posso quase responder à sua pergunta, meu amigo. Aí vem o nosso americano, Hardman - replicou Poirot.

- Também confessará?

Antes que o detective pudesse responder, o americano chegara à mesa. Deitando um olhar penetrante aos três homens, sentou-se:

- Que há? Este comboio parece uma casa de loucos!

Poirot piscou-lhe um olho.

- Tem a certeza, senhor Hardman, de que não era jardineiro da família Armstrong?

- Eles não tinham jardim - replicou francamente o outro.

- Dispenseiro, então?

- Não tenho jeito para esse emprego. Não, nunca tive nenhuma ligação com a casa

Armstrong... mas começo a crer que sou o único, aqui. Como pôde descobrir? Eis o que pergunto.

- É, de fato, um tanto surpreendente - disse Poirot com calma.

- É extraordinário! - bradou Bouc.

- Formou alguma opinião acerca do crime, senhor Hardman? - perguntou o detective.

- Não. Isto derrota-me. Não sei o que hei-de dizer. Não podem ser todos cúmplices; mas que um deles seja o criminoso é o que não chego a crer. Como conseguiu descobrir tudo isto? Eis o que eu gostaria de saber.

- Calculei apenas.

- Então é um calculador extraordinário. Sim, direi a todos que o senhor é simplesmente assombroso!

E Hardman recostou-se na cadeira, olhando o belga com admiração.

- Desculpe a franqueza - prosseguiu ele - vendo-o, ninguém o diria. Tiro o chapéu diante do senhor.

- É muita bondade, senhor Hardman.

- Deixe-se disso! É extraordinário!

- Contudo - disse Poirot - o problema ainda não está resolvido. Podemos afirmar com certeza que conhecemos o assassino de Ratchett?

- Exclua-me - disse Hardman. - Não disse nada. Estou apenas cheio de admiração. E, acerca da senhora americana e da criada alemã, não adivinhou qualquer coisa? Suponho que podemos considerá-las as únicas inocentes da comitiva.

- A não ser - disse Poirot, sorrindo - que as possamos incluir na nossa pequena coleção como... vejamos... governanta e cozinheira da casa Armstrong.

- Bem, nada me surpreenderia agora - tornou Hardman, com calma resignação. - Casa de loucos... é o que isto é... casa de loucos!

- Ah! meu caro, seria levar as coincidências muito longe - atalhou Bouc. - Não é possível que todos sejam cúmplices!

Poirot encarou o amigo.

- Não compreende - disse ele. - Não compreende absolutamente. Diga-me - prosseguiu - sabe quem matou Ratchett?

- E o senhor? Sabe? - tornou-lhe Bouc. Poirot anuiu.

- Sim - disse ele. - Já há algum tempo. É tão claro, que admira que não o tenha notado.

Voltando-se para Hardman, o belga perguntou:

- E o senhor?

O detetive yankee meneou a cabeça e, fitando o belga com curiosidade, replicou:

- Não sei. Não sei nada. Qual deles? Poirot calou-se um minuto; depois disse:

- Senhor Hardman, quer ter a bondade de reunir todos os passageiros aqui? Há duas soluções para o caso: quero expô-las diante de todos.

IX

POIROT PROPÕE DUAS SOLUÇÕES

Os passageiros reuniram-se no vagão-restaurante e tomaram lugar em torno das mesas. Tinham todos mais ou menos a mesma expressão de expectativa e de apreensão. A sueca ainda soluçava e a senhora Hubbard tentava confortá-la.

- Não se aflija. Tudo irá pelo melhor. Não perca o ânimo. Se algum de nós é um criminoso, sabemos que não é decerto a senhora. Sim; nem é bom pensar nisso. Sente-se aqui; ficarei ao seu lado. Não me aborreça mais.

A americana calou-se vendo que Poirot se levantava. O chefe do pessoal assomou à porta.

- Permite que eu também entre, senhor? - solicitou ele.

- Certamente, Michel.

Poirot pigarreou e começou o seu discurso.

- Senhores e senhoras, falarei em inglês, pois sei que todos os presentes compreendem este idioma. Estamos aqui para investigar a morte de Samuel Eduardo Ratchett... aliás Casseti. Há duas soluções possíveis para o crime. Pretendo expô-las perante os senhores; o senhor Bouc e o doutor Constantine julgarão depois qual das duas é mais acertada.

Fez uma pausa e continuou:

- Todos conhecem os fatos ocorridos. O senhor Ratchett foi encontrado morto, apunhalado, esta manhã. Deu o último sinal de vida na noite passada, à meia-noite e trinta e sete, quando falou com o chefe do pessoal. Encontrou-se um relógio, no bolso do seu pijama, amolgado e parado à uma e um quarto. O doutor Constantine, que examinou o cadáver, calcula a hora em que ocorreu a morte entre a meia-noite e as duas horas da madrugada. Às vinte e três e trinta o comboio parou, como é

notório, bloqueado pela neve. Depois dessa hora, é impossível que alguém deixasse o comboio.

O depoimento do senhor Hardman, funcionário de uma agência policial de Nova Iorque (várias cabeças voltaram-se para examinar Hardman) mostra que ninguém podia passar diante do camarote ocupado por ele, número dezesseis, na extremidade do vagão, sem ser visto. Somos obrigados a admitir que o criminoso deve estar entre os passageiros de um dos vagões... a carruagem Istambul-Calais. Esta é, direi, a nossa teoria.

- Como?! - articulou Bouc, estupefacto.

- Há, porém, uma alternativa. É muito simples.

O senhor Ratchett tinha um inimigo que temia. Descreveu-o ao senhor Hardman e disse-lhe que o atentado, caso esse homem cumprisse a ameaça, dar-se-ia mais provavelmente na segunda noite, depois de deixarmos Istambul. Agora, observo-lhes, senhores e senhoras, que o senhor Ratchett sabia muito mais do que disse. O inimigo, como ele calculava, embarcou em Belgrado, possivelmente em Vincovci, pela porta que o coronel Arbuthnot e o senhor Mac Queen deixaram aberta, ao desembarcar na plataforma. O criminoso

munira-se de um uniforme de chefe do pessoal e de uma chave, que lhe permitiu entrar no camarote fechado do senhor Ratchett. Este estava sob a ação de um narcótico. O assassino apunhalou-o com verdadeira ferocidade e saiu do camarote, pela porta de comunicação com o da senhora Hubbard...

- É isso - confirmou a velha americana, inclinando a cabeça.

- Passando, enfiou o punhal na maleta da senhora Hubbard e perdeu, sem sentir, um botão da jaqueta.

Depois, fugiu para o corredor. Escondeu à pressa o uniforme numa das malas de um camarote vazio e, muito depois, à paisana, deixou o comboio, pouco antes deste ter parado, pela porta por onde entrara: a saída próxima do vagão-restaurante.

Todos soltaram um suspiro de alívio.

- E o relógio? - perguntou Hardman.

- Aí o senhor encontrará a explicação de tudo o que aconteceu. O senhor Ratchett esquecera-se de atrasá-lo uma hora, como era preciso, em Tzaribrod.

O relógio marcava a hora do Oriente, estando assim adiantado uma hora, em relação aos da Europa Central. O senhor Ratchett foi apunhalado à

meia-noite e um quarto e não à uma hora e um quarto.

- É absurdo! - bradou Bouc. - E a voz que falou do camarote da vítima, à uma hora menos vinte e três minutos? Era a de Ratchett ou a do seu assassino?

- Talvez não. Podia ser a de um terceiro. Alguém que foi falar a Ratchett e o encontrou morto. Chamou então o chefe do pessoal, mas de repente, receando ser acusado do crime, respondeu como se fosse o verdadeiro Ratchett.

- É possível - admitiu Bouc, relutante. Poirot deitou um olhar à Sra. Hubbard.

- Sim, minha senhora, dizia?...

- Ora, não sei ao certo o que ia dizer. Acha que eu também me esqueci de atrasar o relógio?

- Não, minha senhora. Creio que ouviu inconscientemente o criminoso atravessar o camarote; mais tarde, viu num pesadelo, um homem no seu compartimento.

Acordou então e chamou o chefe do pessoal.

- Sim, é admissível - concordou a americana.

A princesa Dragomiroff encarou fixamente o belga.

- Como explica o depoimento da minha criada?

- Muito simplesmente. Ela reconheceu o lenço, senhora princesa, quando eu lhe mostrei. Tentou então defendê-la. Encontrara, de facto, o criminoso... porém, mais cedo... quando o comboio estava na estação de Vincovci. Disse, entretanto, que o vira mais tarde, com a ideia confusa de lhe arranjar um álibi.

A velha dama anuiu.

- Pensou em tudo, senhor. Admiro-o... Seguiu-se um silêncio.

E todos estremeceram, quando Constantine, batendo subitamente o punho na mesa, exclamou:

- Não! Não, não, mais uma vez não! É uma explicação que não se sustenta, é deficiente pelo menos numa dezena de pontos! O crime não foi cometido assim... o senhor Poirot sabe muito bem.

O detetive fitou-o, com um olhar malicioso.

- Vejo - disse ele - que preciso formular a outra solução.

Não despreze, porém, esta assim tão depressa. Talvez a aceite mais tarde.

E o detetive tornou a voltar-se para o auditório.

- Há outra solução possível - começou ele. - Eis como cheguei a imaginá-la:

Depois de ouvir todos os depoimentos, recostei-me na cadeira, fechei os olhos e pensei. Alguns pormenores pareciam-me dignos de atenção. Enumerei-os aos meus companheiros. Uns já estavam esclarecidos, como a mancha de gordura num passaporte, etc. Concentrei a minha atenção nos demais pontos. O primeiro e o mais importante consistia numa observação, que me fora feita pelo senhor Bouc, no vagão- restaurante, à hora do almoço, no dia imediato à partida de Istambul... acerca dos passageiros aqui reunidos. Era interessante, dizia ele, esta comitiva formada de todas as classes e nacionalidades. Concordei e quando esta observação me voltou à memória, perguntei a mim mesmo onde seria possível reunir, noutra ocasião, um grupo tão variado. Na América, foi a única resposta que me ocorreu. Só na América poderia haver, numa casa, nacionalidades tão diversas... um chauffeur italiano, uma governanta inglesa, uma enfermeira sueca, uma criada de quarto francesa, etc. Isto levou-me a imaginar o papel de cada um dos presentes no caso Armstrong.

Obtive assim um resultado interessante e satisfatório.

Examinei também separadamente cada depoimento e cheguei a conclusões curiosas.

Comecemos pelo de Mac Queen. A minha primeira entrevista com ele satisfez-me plenamente. Entretanto, na segunda, ele fez uma observação estranha. Acabava de lhe comunicar o achado de uma nota referente ao caso Armstrong. Ele replicou: "Mas certamente"... e, depois de uma pausa, concluiu "foi um descuido do velho". Agora compreendo que não queria dizer isto. Suponhamos que estivesse para responder: "Mas certamente foi queimada." Nesse caso, Mac Queen conhecia a existência e a destruição do bilhete... noutras palavras, era o criminoso ou um dos cúmplices. Muito bem. Passemos ao criado de Ratchett. Ele afirmou que o amo costumava tomar em viagem um soporífero. E provável que assim fosse. Mas tomá-lo-ia Ratchett, na noite passada? O revólver automático, encontrado debaixo do travesseiro, desmente esta suposição. O narcótico foi-lhe ministrado, sem que ele o soubesse. Por quem? Naturalmente por Mac Queen ou pelo criado.

Poirot passou o olhar pelos assistentes e prosseguiu:

- Chegamos agora ao depoimento do senhor Hardman. Acreditei no que ele me disse da sua identidade; mas, quando relatou os seus métodos policiais para guardar Ratchett, a sua história

tornou-se simplesmente absurda. O único meio de proteger o ameaçado era passar a noite no seu camarote ou num ponto donde fosse possível vigiar-lhe a porta. E esse depoimento mostrava com evidência uma coisa, isto é, que Ratchett só podia ser assassinado no camarote, o que traçava.

Um círculo à roda do vagão Istambul-Calais.

Este detalhe pareceu-me curioso e inexplicável e eu pu-lo de lado para meditar nele. Todos devem estar informados das frases que surpreendi entre a menina Debenham e o coronel Arbuthnot. O que mais estranhei, foi que o coronel a chamasse pelo nome, Maria, e a tratasse com intimidade, quando, aparentemente, a encontrara havia poucos dias... Conheço os homens do tipo do coronel. Embora apaixonado pela jovem dama inglesa, ter-se-ia introduzido lentamente com a discrição necessária, em lugar de precipitar as coisas. Daí, cheguei à conclusão de que o coronel e a menina Debenham eram íntimos e que por qualquer motivo pretendiam parecer estranhos. Outro fato curioso era o conhecimento da menina Debenham do termo peculiar das chamadas telefônicas a grande distância. Entretanto, ela afirmara-me nunca ter estado na América.

Poirot fez, de novo, uma breve pausa antes de continuar:

- Consideremos outro depoimento. A senhora Hubbard disse-nos que, estando deitada e não podendo ver se a porta de comunicação fora ou não trancada, pedira a Greta Ohlsson que se certificasse disso.

Ora, o seu depoimento seria perfeitamente verosímil, se ela ocupasse os camarotes dois, quatro, doze ou outro número par... nos quais o ferrolho fica logo abaixo do trinco; nos camarotes ímpares, porém, como o número três, o ferrolho fica acima do trinco e não podia ser escondido pela maleta. Cheguei à conclusão de que a senhora Hubbard inventara um incidente que nunca ocorrera.

E agora uma palavra ou duas acerca do tempo.

Na minha opinião, o ponto mais interessante a respeito do relógio amolgado é o lugar onde o encontrámos... isto é, o bolso do pijama de Ratchett... lugar incómodo e pouco adequado para guardar um relógio, tanto mais que, nestes camarotes, existe um gancho para o pendurar à cabeceira da cama. Compreendi que o relógio fora posto de propósito no bolso do pijama, depois de se alterar a hora que marcava. O crime não foi

praticado à uma e um quarto. Isto é, para ser exato, seria à uma hora menos vinte e três minutos?

O meu amigo Bouc apresenta como confirmação desta hipótese o grito que me acordou. Porém, estando narcotizado, Ratchett não poderia gritar. Se conseguisse gritar, também poderia lutar e defender-se. E não há sinais de luta. Lembrei-me de que Mac Queen me chamara a atenção duas vezes (e a segunda de modo bem claro) para o facto de que Ratchett não sabia falar francês. Cheguei à conclusão de que tudo o que se deu à uma hora menos vinte e três minutos foi farsa para me impressionar. Qualquer um descobriria através da história do relógio... um logro comum em casos policiais. Os conjurados imaginaram que eu também havia de o descobrir e, desde que Ratchett não falava francês, a voz que eu ouvira à uma menos vinte e três minutos não podia ser a do velho, talvez já morto. Entretanto, estou convencido que, a essa hora, Ratchett ainda vivia.

Mas o logro surtira êxito. Eu abrira a porta, para espreitar no corredor. Ouvira a frase em francês. Embora não lhe desse importância, alguma coisa me despertara a atenção.

Se fosse necessário, Mac Queen se encarregaria disso. "Desculpe-me, senhor Poirot,

não pode ter sido o senhor Ratchett. Ele não fala francês"?

Eis o que ele me diria.

Então qual foi a verdadeira hora do crime? E quem o praticou?

Na minha opinião (é apenas uma opinião) Ratchett foi assassinado cerca das duas horas, a última das que o doutor Constantine nos apontou como possíveis.

Quanto a quem o assassinou...

O detective interrompeu-se e examinou o auditório. Não se podia queixar da falta de atenção. Todos os olhos estavam cravados nele. Reinava silêncio tão profundo, que se ouviria cair um alfinete.

Poirot prosseguiu lentamente:

- Impressionou-me, particularmente, a dificuldade de apresentar provas contra qualquer dos passageiros e a curiosa coincidência de que, em cada depoimento, o álibi provinha doutra pessoa, a que poderia qualificar de improvável. Assim, Mac Queen e o coronel Arbuthnot, que provavelmente não se conheciam, arranjaram um álibi recíproco; o mesmo se deu com o italiano e o criado de Ratchett e com a senhora sueca e a menina Debenham. É extraordinário..., pensei, não podem ser todos

cúmplices. Depois, uma luz iluminou-me subitamente. Todos eram cúmplices!

O fato de viajarem, por pura coincidência, no mesmo comboio, tantas pessoas relacionadas com o caso Armstrong não só era pouco provável como absolutamente impossível. Não se tratava de um caso e sim de um propósito. Lembrei-me de uma observação do coronel acerca de um julgamento por um júri. O júri é composto de doze membros... e os passageiros eram precisamente doze. Ratchett foi apunhalado doze vezes. E o facto que tanto me intrigara... o extraordinário número de passageiros do vagão Istambul-Calais, nesta época do ano, estava assim explicado.

Poirot calou-se dois segundos e depois prosseguiu com a maior calma:

- Ratchett escapara à justiça na América. O seu crime era incontestável. Imaginei essas doze pessoas constituindo-se em corpo de jurados, condenando-o à morte, forçadas pelas circunstâncias a executarem a própria sentença. Encarado deste modo o caso esclarecia-se totalmente.

Vi, como num mosaico perfeito, cada pessoa desempenhando o próprio papel. Estava tudo disposto de tal modo que, se a suspeita recaísse sobre alguém, o depoimento de um ou mais

passageiros demonstraria a inocência do indiciado, complicando ainda mais o mistério. O depoimento de Hardman era necessário para o caso de se culpar algum estranho impossibilitado de apresentar um álibi. Os passageiros da carruagem Istambul-Calais não corriam perigo. Os mínimos pormenores de cada depoimento haviam sido cuidadosamente estudados. O caso todo era um enigma admiravelmente urdido, de modo que cada novo esclarecimento só servia para complicar os factos. Como ponderou o meu amigo Bouc, o caso parece fantástico, impossível; e esta era exatamente a impressão que devia causar. Poderá esta solução explicar tudo? Parece-me que sim.

A natureza dos ferimentos... feitos por diversas pessoas... as falsas cartas ameaçadoras; falsas, porque se destinavam apenas ao inquérito. Naturalmente houve cartas reais, anunciando a Ratchett a sorte que o esperava; mas foram destruídas por Mac Queen e substituídas pelas que conhecemos. A história de que Hardman fora chamado para proteger o velho não passa de uma invenção, assim como a descrição do lendário "homenzinho moreno com voz de mulher", invenção hábil que isentava de suspeitas os chefes

do pessoal e tanto se podia aplicar a um homem como a uma mulher.

De princípio estranha-se a ideia de apunhalar a vítima; entretanto, pensando bem, foi muito razoável.

O punhal é uma arma que todos (fracos e fortes) podem manejar e que não faz ruído. Talvez me engane, mas imagino que cada um dos conjurados entrou no camarote de Ratchett, pelo da senhora Hubbard, e desferiu uma punhalada. Eles próprios nunca poderão saber quem deu o golpe mortal.

A última carta, que Ratchett encontrou, provavelmente, no travesseiro, foi queimada. Faltando a referência ao caso Armstrong, não haveria razão para suspeitar dos passageiros. O crime pareceria praticado por um estranho e um ou mais dos presentes teriam visto o "homenzinho moreno com voz de mulher" desembarcar em Brod.

Não sei ao certo o que sucedeu, quando os conjurados descobriram que essa parte do plano fora anulada pelo incidente da neve. Houve, a meu ver, uma rápida deliberação. A suspeita poderia recair sobre todos os passageiros, mas essa eventualidade fora prevista e seria remediada. Cumpria tornar o caso ainda mais complicado:

Puseram-se dois indícios no camarote da vítima... um, incriminando o coronel Arbuthnot (a pessoa que tinha o álibi mais irrefutável e cuja relação com a família Armstrong é a mais difícil de provar) e o outro, acusando a princesa Dragomiroff que, em virtude da sua posição social, do seu corpo franzino e do álibi, fornecido pela criada e pelo chefe do pessoal, estava isenta de suspeita. Depois, para complicar o caso, introduziu-se um "indício vermelho"... a mística mulher do roupão escarlate. E eu devia testemunhar a existência dessa mulher. Ouvi um baque surdo à minha porta. Levantei-me, abri... e vislumbrei o roupão escarlate, desaparecendo no corredor; alguns passageiros, judiciosamente escolhidos, também a deviam ter visto... o chefe do pessoal, a menina Debenham e Mac Queen. Creio que foi um espirituoso, o que pôs o quimono vermelho em cima da minha mala, enquanto eu procedia ao inquérito no vagão-restaurante. Donde veio esse traje não sei dizer. Desconfio que pertence à condessa Andrenyi, visto que na sua mala encontrei apenas um négligé de seda, demasiado chic para ser um roupão.

Quando Mac Queen soube, em primeiro lugar, que a carta zelosamente queimada escapara, em parte, à destruição e que a palavra Armstrong viera

à luz, comunicou naturalmente a notícia aos outros. Nessa circunstância, a posição da condessa Andrenyi tornou-se melindrosa e o conde tratou logo de alterar o passaporte. O segundo infortúnio!

Cada um e todos resolveram negar que um parentesco qualquer os unisse à família Armstrong. Sabiam que eu não tinha meios para apurar imediatamente a verdade e não desconfiavam que eu pudesse adivinhar, sem que as minhas suspeitas fossem despertadas por uma determinada pessoa.

Agora é preciso considerar outro ponto. Suponho que esta hipótese seja acertada (e eu creio que deve ser), o chefe do pessoal, evidentemente, era um dos conjurados. Porém, neste caso, teríamos treze pessoas em lugar de doze. Em vez da fórmula usual: "Dentre tantos, um é culpado" vi-me diante do problema de que dessas treze pessoas uma, e só uma, estava inocente. Qual?

Cheguei assim a uma conclusão estranha. Compreendi que a única pessoa alheia ao crime era justamente a que mais parecia suspeita. Refiro-me à condessa Andrenyi. Impressionara-me a seriedade com que o conde afirmara, sob palavra, que a esposa não deixara o camarote durante a noite. Daí concluí que, por assim dizer, ele tomara o lugar dela.

"Logo, Pedro Michel era um dos doze. Como se explicava essa cumplicidade? Ele é um homem honrado, serve há muitos anos a Companhia e não se deixaria subornar, para favorecer um crime. Portanto, o chefe do pessoal devia estar também envolvido no caso Armstrong. Parecia, porém, pouco provável. Lembrei-me então de que a ama-seca era francesa. Suponhamos que a infeliz rapariga fosse filha de Pedro Michel.

Isto explicaria tudo... inclusive o local escolhido para o crime. Quem mais havia, cuja participação no caso parecesse obscura? Considerei o coronel Arbuthnot, um amigo de Armstrong. Talvez fossem camaradas durante a guerra. Quanto a Hildegarde Schmidt, não me foi difícil descobrir o lugar que ocupava nessa casa. É provável que lhes pareça presunção, mas farejo instintivamente a boa cozinheira. Armei uma cilada... e ela caiu. Disse-lhe que devia ser boa cozinheira. "De fato; todas as minhas patroas o disseram", respondeu ela. Mas a quem é criada de quarto, raramente as patroas têm ocasião de descobrir talentos culinários.

Restava Hardman. Parecia não pertencer à criadagem dos Armstrong. Pude apenas imaginar que fosse namorado da ama-seca francesa. Falei-lhe

do encanto das mulheres estrangeiras... e obtive a reação que esperava.

Os seus olhos encheram-se repentinamente de lágrimas e ele pretextou que a neve o deslumbrara.

Falemos agora da senhora Hubbard. Esta (deixem-me dizê-lo) desempenhou no drama o papel principal. Ocupando o camarote contíguo ao de Ratchett, estava mais do que qualquer outra pessoa exposta a suspeitas. Não tinha um álibi apresentável. Para personificar a mãe americana frívola, perfeitamente natural e um tanto ridícula, cumpria ser uma artista. E há, de facto, uma artista ligada ao caso Armstrong... a mãe da senhora Armstrong... Linda Arden, a grande atriz...

O detective calou-se.

Então, com uma voz rica, suave e sonhadora, bem diferente da que fizera ouvir todos esses dias, a senhora Hubbard disse:

- Foi sempre o meu maior desejo desempenhar papéis em comédias. A história da maleta de esponjas foi uma tolice - prosseguiu ela no mesmo tom. - Servia para o caso de o senhor reconstruir a cena.

Ensaíamos... eu devia estar então num camarote de número par. Nunca imaginei que o ferrolho pudesse ficar em lugar diferente.

Endireitando-se levemente, a americana encarou o detective.

- Adivinhou tudo, senhor Poirot. É um homem extraordinário! Não pode, contudo, imaginar o que foi essa tragédia... aquele dia horrível em Nova Iorque.

Eu enlouquecia de dor... como os criados... o coronel Arbuthnot também lá estava. Era o melhor amigo de João Armstrong.

- Ele salvou-me a vida durante a guerra - atalhou Arbuthnot.

- Decidimos então... talvez estivéssemos loucos... não sei... que a sentença de morte a que Cassetti escapara deveria ser executada. Éramos doze pessoas... ou melhor, onze... o pai de Suzana estava em França.

A princípio, pensámos em incumbir a sorte de designar o executor da sentença. Depois, resolvemos proceder de outro modo. Foi António, o chauffeur, quem o sugeriu. Maria combinou depois todosos pormenores com Mac Queen. Ele adorava Sónia... a minha filha... e foi ele quem nos explicou como Cassetti, mediante dinheiro, conseguira livrar-se do castigo que merecia.

Gastámos muito tempo a aperfeiçoar o nosso plano. Primeiro cumpriu-nos descobrir o

paradeiro de Ratchett. Hardman encarregou-se disso. Depois, tentámos empregar Masterman e Heitor no lugar onde os encontrou... ao menos um deles. E conseguimos-lo.

Consultámos depois o pai de Suzana. O coronel Arbuthnot insistia em que fôssemos doze. Julgava que assim tudo correria mais em ordem. Embora não lhe agradasse o punhal, compreendeu que isso resolveria muitas dificuldades. O pai de Suzana aderiu. Ela fora a sua única filha. Sabíamos, por Heitor, que cedo ou tarde Ratchett regressaria do Oriente, pelo expresso.

Sendo Pedro Michel funcionário desse comboio, não nos convinha perder a ocasião. Aliás, isso evitaria que se acusassem outras pessoas.

Naturalmente, o meu genro devia ser informado e insistiu em acompanhar-nos com a mulher. Heitor conseguiu que Ratchett escolhesse, para a partida, o dia em que Michel estava de serviço. Tencionávamos ocupar todos os camarotes do vagão Istambul-Calais; mas infelizmente um deles estava reservado para o diretor da Companhia. O senhor Harris nunca existiu.

Seria, porém, um desastre se Heitor fosse obrigado a partilhar o camarote com um estranho. E, à última hora, chegou o senhor...

A americana interrompeu-se; e logo prosseguiu:

- Sabe tudo agora, senhor Poirot. Que pretende fazer? Não poderia acusar-me somente a mim? Eu teria apunhalado doze vezes esse homem com a melhor vontade; e não só porque causou a morte de minha filha, de minha neta, e da outra criaturinha que estaria agora viva e feliz. Há motivos mais graves. Outras crianças foram sacrificadas antes de minha neta... outras sê-lo-iam no futuro. A sociedade condenara Cassetti; nós executámos apenas a sentença. Porém, não há necessidade de incluir todos nesse caso... todas estas almas boas e dedicadas... o pobre Michel... Maria e o coronel Arbuthnot... que se amam.

A voz de Linda Arden ecoava admiravelmente no salão... essa voz profunda, emotiva, que ia direita ao coração e comovera as plateias de Nova Iorque.

Poirot encarou o amigo.

- É o diretor da Companhia, senhor Bouc. Que diz a isso? Bouc pigarreou e respondeu:

- Na minha opinião, senhor Poirot, a primeira hipótese que formulou é a mais acertada. Proponho que seja apresentada à polícia jugoslava. Concorda, doutor?

- Certamente - replicou Constantine. - Quanto ao relatório médico... desconfio... hum!... sim, creio que fiz uma ou duas observações sem fundamento.

- Então - concluiu Poirot - já que lhes expus a minha solução, tenho a honra de me retirar do caso...

FIM